

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP
Curso de Pedagogia

Gabriela Maria de Faria Gonçalves Silva

**MÉTODO RECEPCIONAL E A EXPERIÊNCIA LITERÁRIA NO ENSINO
FUNDAMENTAL: UMA APLICAÇÃO DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO**

Bauru

2017

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP
Curso de Pedagogia

Gabriela Maria de Faria Gonçalves Silva

**MÉTODO RECEPCIONAL E A EXPERIÊNCIA LITERÁRIA NO ENSINO
FUNDAMENTAL: UMA APLICAÇÃO DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Ciências-
UNESP Bauru, como requisito para a
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia, sob orientação da Profª Drª
Rosa Maria Manzoni.

Bauru
2017

Silva, Gabriela Maria de Faria Gonçalves da .
Método Recepcional e a experiência literária no
ensino fundamental : uma aplicação da Estética da
Recepção / Gabriela Maria de Faria Gonçalves, 2017
157 f.

Orientador: Rosa Maria Manzoni

Monografia (Graduação)-Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2017

1. Leitura. 2. Estética da Recepção. 3. Método
Recepcional. 4. Ensino fundamental- anos iniciais. I.
Universidade Estadual Paulista. Faculdade de
Ciências. II. Título.

Gabriela Maria de Faria Gonçalves da Silva

Método Recepcional e a experiência literária no Ensino Fundamental: Uma aplicação da Estética da Recepção

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências- UNESP, Bauru, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduação em Pedagogia, sob a orientação da Profª Drª Rosa Maria Manzoni.

Banca examinadora:

Profª Drª Rosa Maria Manzoni – Orientadora.

Faculdade de Ciências – Unesp Bauru

Profª Drª Lucilene Gonzales

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Unesp Bauru

Profª Drª Mariana Vaitiekunas Pizarro

Instituto Federal do Paraná – IFPR Londrina/PR

Bauru

2017

Agradecimento

Agradeço, primeiramente, a Deus pela oportunidade de estudar na Unesp, cursando licenciatura em Pedagogia, pela proteção, e por nunca me abandonar nos momentos difíceis.

Agradeço, também, a minha orientadora, Prof.^a Rosa Maria Manzoni, pela orientação e pela contribuição de suas aulas para a escolha do tema deste trabalho.

A minha mãe, Ana, por todo seu esforço, paciência e por estar ao meu lado em todos os momentos.

A minha irmã, Izabela, por me ajudar sempre que preciso.

Ao meu pai, Roberto, pelo apoio de sempre, pelo cuidado e carinho.

Ao meu namorado, por sempre me ouvir, dar conselhos e me acalmar.

Aos meus amigos, pela ajuda, pelos conselhos e pelas grandes diversões.

E ao professor Márcio Celeste, pelas aulas de Metodologia Científica, que deram forma ao projeto desta pesquisa, pelos conselhos e também pelas risadas.

“Quando lemos, conseguimos viajar para muitos lugares, encontrar muitas pessoas e conhecer o mundo. Também podemos aprender a lidar com os problemas que tenhamos, instruindo-nos com as lições do passado.”

Nelson Mandela

RESUMO

A Estética da Recepção foi criada por Jauss e Iser para reformular a história literária, romper com a teoria tradicional da leitura. A experiência literária a partir dessa teoria, concretizada pelo Método Receptcional, valoriza o leitor e lhe dá voz. O “ensino” da Literatura, nesta perspectiva, desenvolve habilidades críticas e transforma, progressivamente, o aluno em leitor de textos literários e não-literários. Assim, neste trabalho, constituiu-se como objetivo geral transformar/ampliar os horizontes de expectativas dos alunos em relação às temáticas dos contos de mistério e levá-los a assumir o papel ativo de leitor, para produzir leituras compreensivas e críticas. A pergunta que serviu de norte para a pesquisa foi: O Método Receptcional, mesmo num curto período de intervenção, contribui para que o aluno seja agente de seu processo de leitura e aprendizagem continuamente? Para sua realização, foi feita uma pesquisa bibliográfica para a necessária apropriação do referencial teórico da Estética da Recepção, e metodológico, Método Receptcional (Bordini e Aguiar), elaborado para concretizar a teoria. Além desta, foi feita a pesquisa empírica, de caráter intervencionista, com abordagem qualitativa, no intuito de ampliar os horizontes de expectativas dos alunos em relação às temáticas do gênero conto de mistério, conforme propõe esse método. Os dados foram coletados por três instrumentos: gravação em áudio; registros diários da observação de campo e materiais produzidos pelas crianças. Por meio da análise desses dados, a intervenção do Método Receptcional mostrou-se produtiva, tendo em vista que os alunos foram ampliando seus horizontes de expectativas, isto é, houve uma aprendizagem progressiva em relação à leitura de textos literários e não literários do gênero conto de mistério. Esse resultado aponta para a certeza de que mudanças no ensino da leitura podem e devem ser feitas, sobretudo cessar com o modelo mecânico do ensino de leitura no Ensino Fundamental. Os resultados ainda ratificam a importância de fundamentar esse ensino em teorias e metodologias que respaldem formalmente o trabalho do professor na mediação da leitura, de modo geral, e da leitura da literatura, de modo específico.

Palavras-chave: Leitura. Estética da Recepção. Método Receptcional. Ensino Fundamental - anos iniciais.

ABSTRACT

RECEPTIONAL METHOD AND THE LITERARY EXPERIENCE IN FUNDAMENTAL EDUCATION: AN APPLICATION OF AESTHETICS OF RECEPTION

The Aesthetics of Reception was created by Jauss and Iser to reformulate literary history, to break with a traditional theory of reading. The literary experience from the theory, materialized by the receptive method, the valorization of the reader and the given voice. The "teaching" of literature, in perspective, develops translation and transformation skills, progressively, student in editor of literary and non-literary texts. The goal of this work is to transform / broaden the horizons of students' expectations in relation to the themes of the mystery stories and to lead them to assume the role of reader in order to produce comprehensive and critical readings. The question that serves as the north to search for: The Receptive Method, even short number of intervention period, helps the student agent of his process of reading and learning continuously? For its accomplishment, a bibliographical research was made for the necessary appropriation of the theoretical reference of the Reception Aesthetics, and methodological, Receptive Method (Bordini and Aguiar), elaborated to concretize the theory. In addition, the empirical research was carried out, with an interventionist approach, with a qualitative approach, in order to broaden the horizons of students' expectations in relation to the themes of the mystery genre, as proposed by this method. The data were collected by three instruments: audio recording; Daily records of field observations and materials produced by children. Through the analysis of these data, the intervention of the Receptive Method proved productive, considering that the students were expanding their horizons of expectations, that is, there was a progressive learning in relation to the reading of literary and non-literary texts of the genre tale Of mystery. This result points to the certainty that changes in the teaching of reading can and should be done, especially ceasing with the mechanical model of reading teaching in Elementary School. The results still confirm the importance of supporting this teaching in theories and methodologies that formally support the work of the teacher in the mediation of reading, in general, and reading the literature, in a specific way.

Keywords: Reading. Aesthetics of the Reception. Receptive Method. Elementary School - initial years.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E O MÉTODO RECEPCIONAL: UMA UNIDADE DIALÉTICA NA LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS	13
2.1 Estética da Recepção e o texto literário: princípios da recepção de obras literárias.....	13
2.2 A história social da leitura e a leitura de texto literário na escola	20
2.3 Método Recepcional de leitura e a leitura de textos literários: uma aplicação da Estética da Recepção	24
3 ABORDAGEM METODOLÓGICA: O PERCURSO DA PESQUISA.....	29
3.1 Metodologia da pesquisa: etapas de desenvolvimento	29
3.1.1 Contexto de pesquisa.....	29
3.2 A aplicação do Método Recepcional de Leitura	32
3.2.1 Plano geral das oficinas de leitura dos contos de mistérios	37
4 A RECEPÇÃO DOS CONTOS DE MISTÉRIOS POR ALUNOS DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: APLICAÇÃO DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO PELO MÉTODO RECEPCIONAL.....	41
4.1 Determinação do horizonte de expectativas.....	41
4.2 Atendimento do horizonte de expectativas.....	44
4.3 Ruptura do horizonte de expectativas	53
4.4 Questionamento do horizonte de expectativas.....	64
4.5 Ampliação do horizonte de expectativas	67
4.6 Síntese da análise de dados	82
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS.....	87
APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido	89
APÊNDICE B - Autorização Dirigente Regional de Ensino	90
APÊNDICE C - Termo de assentimento livre e esclarecidos aos responsáveis.....	91
APÊNDICE D - Unidades didáticas	92
APÊNDICE E - Transcrições das gravações.....	98
ANEXO A - Contos de mistério	135

1 INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa é a prática de leitura de literatura como catalisadora do processo de descortinamento de mundo. Assim, sem se ocupar em discutir a maneira como o trabalho com a leitura literária é realizado na escola, e como a obra literária é recebida pelos estudantes a partir desse trabalho, a pesquisa foca a formação do aluno/leitor. Essa posição dupla transforma a condição ou estado do aluno em sujeito ativo não só no processo de ensino-aprendizagem, mas em todas as formas de interação social, além de formar um apreciador do código estético.

Esse tema foi escolhido por uma inquietação pessoal que surgiu pelas discussões vivenciadas na universidade, principalmente, nas aulas de Conteúdos e Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, afloradas pela disciplina de Estágio Curricular Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a qual possibilitou uma reaproximação do ambiente escolar, porém, não mais sob a perspectiva de aluna, mas de futura pedagoga.

A leitura sempre despertou meu interesse, por isso sempre frequentei a biblioteca da escola para fazer empréstimos de livros. No entanto, durante meu percurso escolar, os professores não trabalharam com o ensino da leitura de forma crítica, aberta e dialogada. As aprendizagens sobre textos e livros literários consistiam em atividades mecânicas para execução de exercícios. Foi, então, durante a graduação, que refleti sobre como eu gostaria de ter conhecido a verdadeira essência da literatura, antes de ingressar na universidade e decidi que faria um trabalho relacionado à leitura, considerando o papel, a voz e a atuação do aluno/leitor, por meio de um embasamento metodológico. A metodologia de leitura literária com a qual houve um processo de identificação, conhecida no curso de graduação em Pedagogia, foi a da Estética da Recepção concretizada pelo Método recepcional.

Assim, neste trabalho o foco é dado na leitura de textos literários, na perspectiva da Estética da Recepção. Segundo essa teoria, a literatura evidencia um pacto implícito entre leitor e autor, pois privilegia uma interação que possibilita que o leitor seja o coautor de uma obra, assumindo seu papel de leitor ativo e responsivo. Nesta perspectiva, o processo de socialização do indivíduo acontece por meio da interação pessoal com a obra e, especialmente, por meio da leitura, pois quando o

leitor se defrontar com produções significantes procedentes de outras pessoas, pode desenvolver sua capacidade de interpretar os mais diversos textos com o propósito de expandir seu sistema de referências e abrir novas possibilidades de compreensão.

Partindo do pressuposto de que a leitura favorece o desempenho do aluno, tanto no âmbito intelectual, como no individual e social, e considerando a escola como a instituição social responsável pela formação sistematizada e formal dos indivíduos, a escola é a principal incentivadora da leitura, pois é a cultura dessa prática que faz com que as crianças adquiram o gosto e o interesse por esse tipo de atividade. No entanto, o ensino da leitura, nas instituições brasileiras, segundo Bordini e Aguiar (1993), está sendo desenvolvido de maneira puramente mecânico. As atividades que envolvem o ato de ler direcionam-se a atividades de responder exercícios gramaticais e de redação, isto é, não levam em conta o caráter artístico de um texto literário. É preciso considerar que a valorização de uma leitura descompromissada, por parte da instituição de ensino, exclui a possibilidade de desenvolvê-la de maneira estética, histórica e crítica.

Pretende-se, com esta pesquisa, responder ao seguinte questionamento: O Método Recepcional, mesmo num curto período de intervenção, contribui para que o aluno seja agente de seu processo de leitura e aprendizagem continuamente? Norteada por esse viés, esta pesquisa tem uma relevância social porque a prática de leitura é objeto fundamental das atividades pedagógicas realizadas no âmbito escolar. É, também, uma ferramenta que possibilita uma formação social de qualidade aos alunos, porque oferece um amplo repertório de informações e conhecimentos que servirão para inseri-los na sociedade em que vivem, tendo em vista que o contato e o estudo de um gênero da esfera literária propiciam um desenvolvimento gradativo na capacidade de imaginação, compreensão e interpretação do aluno. Ainda, oportuniza o questionamento de ideias, momentos de estudo, prazer e lazer. São inúmeros os benefícios relacionados a essa prática, que demandam incentivo por parte da escola, dos professores, assim como dos pais.

O objetivo geral deste trabalho é transformar/ampliar os horizontes de expectativas dos alunos em relação às temáticas dos contos de mistério e levá-los a assumir o papel ativo de leitor, para produzir leituras compreensivas e críticas. Entendendo a leitura é protagonista nesse processo de transformação do sistema de

referências e na transformação do aluno em sujeito-leitor, conforme propõe o Método Recepcional, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- a) elaborar uma unidade didática englobando os cinco passos que compõem o Método Recepcional e desenvolvê-la por meio de oficinas;
- b) verificar em quais aspectos de leitura o horizonte de expectativa dos sujeitos foi ampliado.
- c) identificar indícios da transformação dos alunos em agentes de seu processo de leitura e aprendizagem em decorrência da aplicação do Método Recepcional.

Para atender aos objetivos estabelecidos, esta pesquisa está estruturada em três capítulos. No primeiro apresentam-se os aportes teóricos que fundamentam o estudo, tanto a teoria Estética da Recepção como o Método Recepcional, que a aplica na recepção de textos literários. Para tanto, foram abordados os seguintes autores: Hans Robert Jauss (1994), Wolfgang Iser (1979; 1999), Maria da Glória Bordini; Vera Teixeira de Aguiar (1993), Mikhail Bakhtin (1988) e Zilberman (1982; 1989), os quais refletem sobre os impactos da leitura na prática escolar e propõe o processo de ampliação da capacidade de leitura por meio do Método Recepcional.

No segundo capítulo está descrita a metodologia que apresenta detalhadamente o local de realização da intervenção; os sujeitos; os instrumentos que foram utilizados; os critérios de análise de dados e todos os procedimentos que foram realizados no decorrer desta pesquisa. No capítulo três, apresentam-se os dados, os resultados da pesquisa e faz-se a discussão destes respaldada na teoria que fundamenta este trabalho.

2 A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E O MÉTODO RECEPCIONAL: UMA UNIDADE DIALÉTICA NA LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS

Este capítulo destina-se a apresentar sinteticamente a teoria da Estética da Recepção e o Método Receptional de leitura que aplica essa teoria à leitura de textos literários e não-literários que, em conjunto, fundamentam este trabalho de caráter intervencionista.

Para tanto, foram revisitados alguns autores. Hans Robert Jauss (1994) e Wolfgang Iser (1979; 1999) citados no decorrer deste trabalho foram escolhidos porque são os maiores expoentes que fundamentam a teoria da recepção. A autora Regina Zilberman (1982; 1989) foi utilizada por divulgar a teoria da Estética da Recepção no Brasil, promovendo discussões sobre essa teoria, e por ser um ícone de estudos da história literária. O autor Mikhail Bakhtin (1988), pesquisador da linguagem humana, pela representatividade reconhecida nos debates sobre estética e literatura. E as autoras Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1993), por serem as criadoras do Método Receptional de leitura, com intenção de formular possibilidades mais eficientes ao “ensino” de Literatura.

2.1 Estética da Recepção e o texto literário: princípios da recepção de obras literárias

A Estética da Recepção é uma teoria que se origina, segundo Zilberman (1989), no trabalho de Hans Robert Jauss, em aula inaugural no ano de 1967, na Universidade de Constança. Segundo Jauss, essa teoria propõe uma reformulação da interpretação textual e da história literária para romper com a teoria tradicional de produção e representação de leitura.

A Estética da Recepção, de acordo com Jauss (1994), volta-se para as condições sócio-históricas das diversas interpretações textuais: o discurso literário se constitui através de seu processo receptivo, enquanto pluralidade de estruturas de sentido historicamente mediadas. À vista disso, o autor considera a literatura como

produção, recepção e comunicação, afirmando que existe uma relação dinâmica entre autor, a obra e o leitor.

A obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. Ela desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a “meio e fim”, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculado, ao qual se pode, então – e não antes disso –, colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores. (JAUSS, 1994, p. 28)

Em conformidade com Zilberman (1989), Jauss segue em suas teses a base metodológica de pergunta e resposta que tem como objetivo alcançar a área de abrangência das ideias que vão sendo ampliadas na medida em que novas questões vão aparecendo. O autor acredita que o próprio texto induz o leitor a realizar novas indagações que ele buscará resolver alargando seu campo de operação.

A análise de Jauss buscava denunciar a estagnação da história da literatura presa aos padrões herdados do idealismo e do positivismo do século XIX. O autor julgava inaceitável a afirmação sobre a autonomia do texto, porque não acreditava que o entendimento de uma obra pudesse depender somente de sua organização interna e, menos ainda, que seu sentido pudesse sobrepor-se ao entendimento do leitor. Além disso, um dos propósitos de Jauss era o de recusar o dogmatismo das teorias vigentes, os sistemas fechados e fórmulas acabadas. Sob essa perspectiva, Zilberman (1989) frisa que a Estética da Recepção apresentou-se como uma teoria que mudou o foco do texto, tendo em vista que ele deixa de ser uma estrutura invariável e passa a apresentar-se sob a visão do leitor.

Sob o prisma de construção de uma nova história da literatura, a Estética da Recepção tem, em sua essência, a questão da inferência que é feita pela participação ativa do destinatário diante da historicidade da obra. De acordo com Zilberman (1989), Jauss considera que a relação dialógica que ocorre entre o leitor e o texto é fundamental para a literatura, pois quando o leitor estabelece uma sintonia com a obra, essa, por sua vez, deixa de ser considerada imutável e alheia ao tempo permeando-se da subjetividade e experiências pessoais de quem o lê.

O conceito de leitor para Jauss, segundo Zilberman (1989), fundamenta-se em duas características: a do *horizonte de expectativa*, que diz respeito a experiências

sociais acumuladas por cada sujeito, e a da *emancipação*, entendida como a finalidade e o efeito alcançado pela obra, que leva o destinatário além de suas percepções usuais e torna possível a existência de uma nova visão e interpretação da realidade.

O leitor, conforme Iser (1999), ao explorar um texto, mobiliza os conhecimentos que possui sobre inúmeras outras obras que compõem o seu repertório com intuito de efetivar uma relação entre elas e construir sentido ao que está lendo. Esses sentidos podem variar de leitor para leitor porque os acervos são diferentes para cada pessoa. Essa relação entre o leitor e o texto, de certa forma, aumenta o acervo de leitura preparando para interagir com outros textos num processo espiral de construção de sentidos. Para Iser (1999, p. 10), “A leitura só se torna um prazer no momento em que nossa produtividade entra em jogo, ou seja, quando os textos nos oferecem a possibilidade de exercer nossas capacidades”.

Nas palavras de Iser,

A relação entre o texto e o leitor se caracteriza pelo fato de estarmos diretamente envolvidos e, ao mesmo tempo, de sermos transcendidos por aquilo que nos envolvemos. O leitor se move constantemente no texto, presenciando-o somente em fases; dados do texto estão presentes em cada uma delas, mas ao mesmo tempo parecem ser inadequados. Pois os dados textuais são sempre mais do que o leitor é capaz de presenciar neles no momento da leitura. Em consequência, o objeto do texto não é idêntico a nenhum de seus modos de realização no fluxo temporal da leitura, razão pela qual sua totalidade necessita de sínteses para poder se concretizar. Graças a essas sínteses, o texto se traduz para a consciência do leitor, de modo que o dado textual começa a constituir-se como correlato da consciência mediante a sucessão das sínteses. (ISER, 1999, p. 12-13)

O texto, de acordo com Iser (1999), é responsável por estimular disposições da consciência do leitor que, por sua vez, levará a capacidade de apreensão e de processamento, diante dos valores e normas que são originadas de acordo com o comportamento social de cada um. Para esse autor, o texto só se completa quando seu sentido é constituído pelo leitor, haja vista que esse processo de leitura não se dá como uma via de mão única, pelo contrário, é descrito como interação dinâmica entre texto e leitor.

Nesse momento, cabe um contraponto entre o que é interação para Iser e para Bakhtin. Pelo que afirma Iser (1999), a interação está centrada em todos os pontos da tríade autor/texto/leitor e há impossibilidade de interação se alguma parte ficar de fora

do ato de leitura, pois não existiria comunicação eficiente para dispor as partes. Porém, o autor disponibiliza a intenção do leitor para fazer da obra um ponto rotativo através de sua leitura, porque ele pode concordar ou refutar as ideias expressas pelo texto, além de colocá-las à disposição de outros leitores com quem encontrará pontos em comum relacionados à obra.

Bakhtin (1988) ressalta que, a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através das enunciações. Dessa maneira, a interação verbal constitui uma realidade fundamental da língua. Ainda, segundo esse autor, o diálogo deve ser compreendido em sentido amplo, não apenas como a comunicação em voz alta, ou face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.

Segundo Bakhtin (1988, p. 112), “a enunciação é produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor.” No universo bakhtiniano, os processos dos atos da fala (a enunciação) e seu produto estão sempre dirigidos a um interlocutor real e, nessa medida, está sempre condicionada a ele. Daí não ser concebível um interlocutor abstrato, pois que não teríamos linguagem, nem no sentido figurado.

No entanto, para Bakhtin (1988), assim como para os autores da estética da recepção, o livro ou o ato da fala impresso, constitui um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas da comunicação verbal (críticas, resenhas, que exercem influência sobre trabalhos posteriores, etc.).

Em consonância com Bakhtin (1988, p. 123), “O discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.”

O ponto de vista de quem lê pode estar permeado por uma estrutura intersubjetiva, uma vez que as capacidades dos leitores são individualmente diferenciadas diante da instrumentalização de uma obra. À vista disso, Iser (1999, p. 11) afirma que “Daí a necessidade de a fenomenologia da leitura esclarecer os atos

de apreensão pelos quais o texto se traduz para a consciência do leitor.” No que diz respeito à consciência produzida pelo ponto de vista em movimento, Iser (1999) considera que essa é uma das principais atividades da leitura uma vez que desenrola o texto em estruturas interativas, resultando no agrupamento que constitui a apreensão. Ainda segundo ele,

O ponto de vista em movimento designa a maneira como o leitor está presente do texto. A presença se define como estruturação do texto capaz de desenvolver-se nos horizontes interiores de memória e expectativa. O movimento dialético daí resultante promove uma modificação constante da memória, assim como uma crescente complexidade da expectativa. Essa é uma das funções das perspectivas do texto diferenciadas entre si que se estabilizam enquanto horizontes numa inter-relação contínua. (ISER, 1999, p. 28)

Corroborando o excerto acima, o autor alemão salienta que:

Para que o ponto de vista do leitor entre em cena, o texto precisa exercer sua influência sobre a posição que aquele ocupa. Pois a constituição de um sentido não representa uma exigência unilateral por parte do texto ao leitor; ao contrário, o sentido só vem à tona se algo sucede ao leitor. Sendo “objetos culturais”, os objetos necessitam do sujeito por sua própria causa senão para desenrolar-se nele. (ISER, 1999, p. 83)

Os aspectos textuais implicam um horizonte de sentido, mas, ao mesmo tempo, no ponto de vista a ser ocupado pelo leitor real para que o ponto de vista possa agir sobre o sujeito. Sobre isso Iser (1999, p. 83) esclarece que “A constituição de sentido e a do sujeito-leitor são duas operações entrelaçadas nos aspectos textuais.”

Para Iser (1999, p. 92), “Pensar algo no ato da leitura que nos é estranho porque não o experimentamos ainda significa que não só temos de apreendê-lo; além do mais, significa que esses atos de apreensão são bem sucedidos na medida em que formulam algo em nós.” Esse autor ainda reforça que a incorporação do novo se confirma na medida em que a consciência assume outra forma.

Jauss (1994) enfatiza que os conhecimentos prévios do leitor sempre devem ser levados em consideração. A obra pode atender, romper, ampliar ou não as expectativas dos leitores e é, justamente, disso que resultará a reconstrução do horizonte de expectativas. Acredita-se que o novo oportunizará maiores mudanças nos leitores, isto é, ampliará seu horizonte de expectativas, enquanto a leitura que não atende tais horizontes não trará grandes acréscimos.

A obra literária não é um objeto que exista por si só, oferecendo a cada observador em cada época um mesmo aspecto. Não se trata de um monumento a revelar monologicamente seu ser atemporal. Ela é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual. (JAUSS, 1994, p. 25)

A obra literária é uma realidade criada a partir da estilização da linguagem¹ que nasce tão somente do texto para suprir a capacidade e a necessidade que o homem tem de fantasiar, ela ultrapassa a realidade, possibilita ao leitor uma identificação com uma realidade que não é sua, atua como instrumento para a formação do senso crítico e nos faz despertar para o mundo que nos cerca. Nesse sentido, Jauss (1994) ressalta que a historicidade da literatura vai repousar sobre o experienciar dinâmico da obra por parte de seus leitores e é essa relação dialógica que também constitui o pressuposto da história literária.

Para Jauss (1994, p. 24), “A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe [...]”. Por isso, o acontecimento literário visa a seguir produzindo efeito uma vez que sua recepção se estende pelas gerações futuras, na qual há leitores que novamente se apropriam da obra passada.

Assim como toda experiência real, também na experiência literária que dá a conhecer pela primeira vez uma obra até então desconhecida há um “saber prévio, ele próprio um momento dessa experiência, como base no qual o novo de que tomamos conhecimento faz-se experienciável, ou seja, legível, por assim dizer, num contexto experiencial.” Ademais, a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de maneira bastante definida. (JAUSS, 1994, p. 28)

A experiência literária, de acordo com Jauss (1994), também é capaz de conduzir o leitor a uma determinada postura emocional, pois desperta sentimentos, lembranças e sentidos do que foi lido, retrata diferentes realidades, transcende o momento e antecipa um horizonte de compreensão relacionado à subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores. Segundo Jauss (1994) verifica-se que

¹ Usamos a expressão “estilização da linguagem” no sentido que é usado em Candido, Antônio. A literatura e a formação do homem, p. 53.

a objetivação do horizonte de expectativa acontece pela oposição entre a função poética e a linguagem prática, assim como pela oposição entre realidade e ficção que se faz presente durante a leitura como possibilidade de comparação. Como consequência, essa comparação oferece possibilidade ao leitor de perceber uma nova obra a partir do seu horizonte de experiência literária, mesmo que seja restrito, e do horizonte mais amplo de experiência de vida. Ainda, de acordo com o autor:

A maneira pela qual uma obra literária, no momento histórico de sua aparição, atende, supera, decepciona ou contraria as expectativas de seu público inicial oferece-nos claramente um critério para a determinação de seu valor estético. A distância entre o horizonte de expectativa e a obra, entre o já conhecido da experiência estética anterior e a “mudança de horizonte” exigida pela acolhida à nova obra, determina, do ponto de vista da estética da recepção, o caráter artístico de uma obra literária. (JAUSS, 1994, p. 31)

A obra de arte, de acordo com Jauss (1994), pode transmitir um conhecimento que não se encaixa no esquema idealizado do leitor. Pelo contrário, ela pode antecipar caminhos de uma experiência futura, levar a imaginar modelos de comportamento e pensamento que ainda não foram experimentados e conceder respostas para novas perguntas. Na história da literatura, o leitor deixa a recepção passiva e se transforma em crítico por meio da recepção ativa e da nova produção do autor. Com isso, o fundamento estético recepcional chama atenção para a profundidade temporal da experiência literária.

O que se pretende esclarecer na teoria de Jauss (1994) é que o caráter artístico de uma obra não deve ser necessariamente perceptível de imediato. Dessa forma, a resistência que a obra oferece num contato inicial promove um longo processo de recepção para que se alcance aquilo que se revelou inacessível no horizonte inicial. Segundo ele:

A função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social. (JAUSS, 1994, p. 50)

Nessa perspectiva, Jauss (1994) destaca que a frustração de expectativas é tão importante para o progresso da ciência quanto para o avanço da experiência de vida e, por isso, a refutação de nossos equívocos constitui uma experiência positiva que extraímos da realidade. À vista disso, o horizonte de expectativa da literatura além de conservar experiências vividas, também antecipa possibilidades não concretizadas

para expandir o comportamento social em direção a novas aspirações e objetivos no caminho para experiência futura.

Para Jauss (1994), a relação entre a literatura e leitor pode atualizar-se na esfera sensorial, na percepção estética e na esfera ética. Uma nova obra literária pode ser recebida e julgada tanto em seu contraste com o pano de fundo oferecido por outras formas artísticas, quando encontra o pano de fundo da experiência cotidiana de vida.

O conhecimento entre literatura e história, entre o conhecimento estético e histórico, faz-se superável quando a história da literatura não se limita simplesmente a, mais uma vez, descrever o processo da história geral conforme esse processo se delineia em suas obras, mas quando, no curso da “evolução literária”, ela revela aquela função verdadeiramente constitutiva da sociedade que coube à literatura, concorrendo com as outras artes e forças sociais, na emancipação do homem de seus laços naturais, religiosos e sociais. (JAUSS, 1994, p. 57)

A teoria de Jauss (1994) proporcionou uma nova perspectiva para encarar o papel do leitor, colocando-o na posição de um terceiro elemento na história da leitura de literatura. Essa teoria também busca a contribuição específica da literatura para a vida social, precisamente porque a literatura não se esgota na função de arte da representação.

2.2 A história social da leitura e a leitura de texto literário na escola

De acordo com Zilberman (1982, p. 12), “A leitura se revela como um fenômeno historicamente limitado e circunscrito a um modelo de sociedade que se valeu dela para sua expansão.” A autora afirma que, levando em conta a revolução duradoura e diversificada do século 18, ocorreu também uma revolução cultural, isto é, houve um desdobramento que culminou na expansão do saber. Tal revolução aconteceu pela multiplicação dos meios de reprodução mecânica dos bens culturais e pelo fato da ampliação do sistema escolar, que visava a alfabetização assim como o aumento do público leitor para fortalecer a modalidade de expressão não mais pelo código oral ou visual, mas por intermédio da escrita.

A consolidação do público leitor, para Zilberman (1982), convertia-se em um mercado ativo e exigente que determinou uma mudança radical no processo de

circulação da cultura que se mostra adquirível por qualquer cidadão, tornando-se mais democrática e popular. No entanto, esse mercado atuante da cultura visa a obter a contribuição da escola que funciona, através de uma reformulação, como elemento de iniciação da sociedade e motivadora do envolvimento ideológico do ensino e da pedagogia. Conforme a autora (1982, p. 14), “Uma história social da leitura não pode evitar a revelação dos aspectos contraditórios que revestem, não a prática de ler enquanto tal, mas a política que patrocina sua expansão.”

Ainda segundo Zilberman (1982), a conquista da habilidade de ler é o primeiro passo de assimilação dos valores da sociedade. Assim, a posse de um código escrito determina a ruptura com uma situação de inferioridade, pois, antes de ser alfabetizado, o indivíduo não possui instrumentos intelectuais para questionar os valores impostos pelo grupo no poder e tem que incorporar passivamente os ideais da cultura dominante. A autora (1982) salienta que a escola tem interpretado a tarefa de ensinar a ler de um modo estático e mecânico. Desta forma, a essência da leitura não se esclarece para o aluno que é beneficiário dela.

Zilberman explicita que

Assim como acontece com a alfabetização, a escola pode ou não ficar no meio do caminho, o que quer dizer: dar oportunidade para que sua tarefa se cumpra de modo global, transformando então o indivíduo habilitado à leitura em um leitor, ou não, o que pode reverter no seu contrário. Neste caso, a criança afasta-se da literatura, mas sobretudo dos livros, seja por ter sido alfabetizada de maneira insatisfatória, seja por rever na literatura experiências didáticas que deseja esquecer. (ZILBERMAN, 1982, p. 17)

Devido aos aspectos contraditórios, trata-se de enfatizar o valor da leitura enquanto procedimento de apropriação da realidade, mas também de limitar o sentido da obra literária através da qual se concretiza. De acordo com Zilberman (1982, p. 17), “acreditando-se que o ato de ler, em decorrência de sua natureza, se reveste de uma aptidão cognitiva, esta não se complementa sem o texto que demanda seu exercício”.

Para Zilberman (1982), a leitura como experiência fundamental da realidade pode ser qualificada como mediadora entre cada ser humano e seu presente, pois o leitor não consegue impedir que parte de si mesmo seja integrada ao texto, o que relativiza o resultado de sua interpretação para sempre abrindo espaço para nova e infindáveis perspectivas. Por outro lado, a criação literária imobilizada pela escrita,

não escapa do olhar de cada indivíduo e, assim, sua significação igualmente relativiza-se e torna-se democrática. Segundo a autora, é nesse sentido que a escola deve conduzir seu trabalho de leitura e literatura:

Modelo do desvelamento do mundo, a leitura encontra na literatura eventualmente seu recipiente imprescindível. Preservar estas relações é dar sentido a elas. E, se a escola não pode absorvê-las por inteiro, igualmente não pode ser o lugar onde elas se rompem em definitivo, sob a pena de arriscar sua missão e prejudicar, irremediavelmente, o ser humano a quem servir. (ZILBERMAN, 1982, p. 20)

Na escola, o uso do livro didático exclui as possibilidades de interpretações e, assim, exila o leitor. A proposta para que a leitura seja reintroduzida na sala de aula busca o resgate de sua função primordial, sobretudo na tentativa de recuperar o contrato do aluno com a obra de ficção. Para Zilberman (1982, p. 21), “Trata-se de estimular uma vivência singular com a obra, visando ao enriquecimento pessoal do leitor, sem finalidades precípuas ou cobranças ulteriores.”

A leitura, segundo a autora (1982), é uma descoberta de mundo que procede de acordo com a experiência individual e a imaginação de cada leitor, por isso toda interpretação, em princípio válida, deve contribuir impedindo a fixação de uma verdade pronta e acabada, para superar a hierarquia rígida sobre o qual o sistema educativo se apoia. E, dessa forma, fortalecer entre o professor e o estudante uma aliança democrática, na qual o aluno se torna co-participante e o professor mais flexível ao diálogo.

Zilberman (1982) conclui que “[...] a leitura aponta a uma modalidade de experimentação do tempo e do espaço circundante que transcende sua função escolar[...]”. Dessa forma, fica claro que a literatura de ficção deflagra a experiência mais ampla da leitura e provoca transformações radicais, à vista disso torna-se imprescindível no âmbito do ensino.

Nesse ponto de vista, ainda conforme Zilberman (1982), o texto é uma rica forma de mediação de que os professores dispõe na escola e fora dela para proporcionar a reflexão, a troca de experiência, a comunicação e a vontade de criar. Literário ou não, o texto é um campo de sentidos e pode ser considerado como objeto de análise e fruição, no qual participam o autor e o destinatário. O texto é um mediador

entre nós e o saber, também pode ser instrumento privilegiado, pois encontra-se num movimento contínuo de reflexão.

O texto literário, na medida em que parece distinguir-se dos demais - entre outras coisas - pela exposição e explicitação do caráter heterogêneo de toda obra, enquanto cruzamento de outros escritos, leituras e falas, pode ser visto como um instrumento capaz de nos levar a assumir - com os nossos alunos - esse papel de leitores-sujeito, a um só tempo críticos e criativos. (ZILBERMAN, 1982, p. 40)

Contudo, a escola burguesa, pública e privada, tem como função principal formar os indivíduos conformando-os aos valores dominantes. Por isso, em consonância com Zilberman (1982), podemos, como professores, fazer os alunos se conformarem aos padrões da sociedade na qual vivemos, ou nos colocar a favor das classes dominadas e lutar pela prática de uma pedagogia que está disposta a transformar, a apontar um novo caminho que não é o da conformação, mas o da contestação.

Na perspectiva da Estética da recepção, o texto só se constitui do ponto de encontro entre dois sujeitos, o que escreve e o que lê. Na escola, o texto cumpre várias funções, ou seja, em situações escolares o texto vira pretexto, é utilizado com outros fins que não seja ele mesmo. No entanto, em conformidade com Zilberman (1982), o texto não nasceu para ser objeto de estudo e por isso, sua presença na sala de aula torna-se artificial. Nessa ótica, o grande risco é que o texto pode não apresentar significado nenhum aos alunos mesmo que respondam às questões propostas por atividades de natureza pragmática.

Para Zilberman (1982, p. 54), “É exatamente como espaço de resistência, como libertação de dogmatismos, que a presença dos textos pode ser fecundada numa prática escolar que não se queira autoritária.” Proporcionar ao aluno contato com a norma culta da língua portuguesa não pode ser pretexto para limitar o trabalho com o texto, pois o texto não está em função da linguagem, mas a linguagem está em função do texto. Segundo a autora (1982), o bom texto é complexo no sentido de que permite instaurar a relação entre ele e o leitor. Assim, essa relação se torna mais complexa quando o leitor melhora seus níveis simultâneos e sucessivos de significados que constrói a partir dos textos. É importante que haja um sentido crítico para nortear a atitude do professor, pois ele poderá, juntamente com a classe, se entregar ao texto.

Em síntese, a autora (1982) afirma que o aluno, ao se defrontar com cada novo texto, pode vivenciar sua atitude de sujeito pensante e crítico, no que diz respeito a sua linguagem, a teoria e a história literária do seu povo. Caso contrário, a literatura não estará cumprindo sua função maior na formação individual e no contexto escolar. Seu verdadeiro propósito consiste em dar sentido ao texto em sua plenitude, pois este estabelece uma relação de diálogo, provoca, desafia e se refaz.

2.3 Método Recepcional de leitura e a leitura de textos literários: uma aplicação da Estética da Recepção

Tendo em vista as considerações de Zilberman sobre a questão da leitura de textos literários expostas no item anterior, fizemos a opção pelo Método Recepcional de leitura para trabalhar com a leitura de textos literários porque foi elaborado segundo os princípios da teoria da Estética da Recepção.

O Método Recepcional foi elaborado por Bordini e Aguiar (1993) para atender às necessidades de aplicação desse novo sistema de leitura do texto literário, que pretende romper com os padrões tradicionais de leitura. O Método Recepcional é composto por cinco etapas: (1) Determinação do Horizonte de Expectativas; (2) Atendimento do horizonte de expectativas; (3) Ruptura do horizonte de expectativas; (4) Questionamento do horizonte de expectativas; (5) Ampliação do horizonte de expectativas.

Bordini e Aguiar (1993) afirmam que, para executar a aplicação deste método dentro da sala de aula, esses passos devem ser rigorosamente seguidos. A primeira etapa, denominada *determinação do horizonte de expectativas*, consiste em apresentar aos alunos temas de seu interesse e de sua preferência de leitura. As características desse horizonte podem ser examinadas por meio das manifestações, comentários informais, reações espontâneas e escolhas de livros feitas pelos alunos na classe ou na biblioteca.

Após verificar as aspirações dos estudantes, o passo seguinte é o de realizar o *atendimento do horizonte de expectativas*. Neste momento, o professor oferece textos que satisfaçam as necessidades dos alunos em dois aspectos: a escolha de

elementos temáticos devem despertar a atenção e o prazer de seus alunos e as estratégias de ensino precisam ser conhecidas e agradá-los.

A terceira etapa é a da *ruptura do horizonte de expectativas*. Essa etapa é responsável pela introdução de leitura de textos que abalem as certezas dos alunos. As atividades de leitura devem apresentar uma semelhança aos temas anteriores em, apenas, um aspecto, de modo que os estudantes percebam estar adentrando em um campo desconhecido, mas não se sintam totalmente inseguros e rejeitem a experiência. É imprescindível que as obras apresentem um nível de exigência maior seja por contestar a realidade vigente ou por apresentar técnicas compositivas mais complexas.

A etapa de *questionamento do horizonte de expectativas* corresponde à comparação entre as duas anteriores. A turma fará uma análise sobre as leituras para apresentar quais exigiram um nível mais alto de reflexão, também, realizará um autoexame sobre seu comportamento em relação aos textos lidos, identificará os desafios enfrentados e os obstáculos superados. Este é o momento de verificação dos conhecimentos escolares e das vivências pessoais que os alunos possuem para proporcionar caminhos que facilitem o entendimento dos textos.

A *ampliação do horizonte de expectativas*, última etapa do método, é resultante da reflexão sobre a relação entre a leitura e a vida. Percebe-se, nesse momento, que a leitura faz parte não só do contexto escolar, mas também implica a maneira como vemos o mundo. Nessa fase, os alunos tomam consciência sobre as mudanças que ocorreram ao longo desse processo e de suas novas aquisições, que foram obtidas por meio da Literatura. A partir dos conhecimentos conquistados, os alunos partem para a aplicação do método, pois, conscientes de sua nova possibilidade de compreensão, irão buscar novos textos que correspondam as suas expectativas, há pouco ampliadas. Essa aplicação progride em espiral, permitindo que o aluno modifique sua conduta tanto em relação à literatura, quanto à vida.

Por consequência, o desenvolvimento dos pré-requisitos básicos referentes à qualidade e quantidade de informações oferecidas para ampliar o horizonte de expectativas permitem ao aluno tornar-se agente de aprendizagem e fazer juízo ou apreciação crítica sobre sua atuação. Dessa forma, ele pode dar continuação a esse processo num constante engrandecimento social e cultural.

O processo de recepção se inicia antes do contato do leitor com o texto. O leitor possui um horizonte que o limita, mas que pode transformar-se continuamente, abrindo-se. Esse horizonte é o do mundo de sua vida, com tudo que o povoa: vivências pessoais, sócio-históricas e normas filosóficas, religiosas, estéticas, jurídicas, ideológicas, que orientam ou explicam tais vivências. Munidos dessas referências, o sujeito busca inserir o texto que se lhe apresenta no esquadro de seu horizonte de valores. Por sua vez, o texto pode confirmar ou perturbar esse horizonte, em termos das expectativas do leitor, que o recebe e julga por tudo o que já conhece e aceita. O texto, quanto mais se distancia do que o leitor espera por hábito, mais altera os limites desse horizonte de expectativas, ampliando-os. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 87)

Bordini e Aguiar (1993) elaboraram o Método Recepcional, aqui apresentado, embasadas nos pressupostos da Estética da Recepção e propõem o ensino da literatura por meio dele. No entanto, consoante à ideia das autoras, a aplicação desse método pode ser um assunto complicado quando pensamos na realidade das escolas brasileiras, tendo em vista a não valorização do aluno/leitor. Ainda, de acordo com elas:

O método recepcional é estranho à escola brasileira, em que a preocupação com o ponto de vista do leitor não é parte da tradição. Via de regra, os estudos literários nela tem se dedicado à exploração de textos e de sua contextualização espaço-temporal, num eixo positivista. O relativismo de interpretação e, portanto, de leitura não é tópico de consideração no âmbito acadêmico, o que se explica pela tendência ao autoritarismo da própria cultura brasileira, que endeusa seus expoentes, temerosa de expô-los à crítica. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 81)

Considerando que a função da literatura é proporcionar as mais diversas perspectivas de interpretação que um texto pode oferecer, o Método Recepcional disponibiliza uma rica experiência no campo da leitura. Aspirando a uma mudança de paradigma referente aos aspectos literário e discursivo, essa teoria viabiliza uma ruptura no processo de alienação do ser humano. E, por esse motivo, as instituições brasileiras precisam levar em consideração que o trabalho com literatura dentro das salas de aulas pode ser embasado em uma nova metodologia que esteja adaptada aos interesses dos alunos e, acima de tudo, que valoriza uma postura crítica e libertadora em relação à leitura.

O domínio da língua é fundamental enquanto instrumento de expressão de ideias, sentimentos, vontades, bem como de comunicação, de acesso às informações, de produção de conhecimento e construção de visões de mundo. Isto posto, podemos perceber a magnitude que a ação de ler, com objetivo de ampliação de horizontes,

representa para formar leitores ativos, motivados e capazes de construir um pensamento reflexivo e questionador. De acordo com Bordini e Aguiar (1993, p. 84), “A atitude receptiva se inicia com uma aproximação entre o texto e o leitor, em que toda a historicidade de ambos vem à tona.”

A literatura não se esgota no texto. Complementa-se no ato da leitura e o pressupõe, prefigurando-o em si, através de indícios do comportamento a ser assumido pelo leitor. Esse, porém, pode submeter-se ou não a tais pistas de leitura, entrando em diálogo com o texto e fazendo-o corresponder a seu arsenal de conhecimentos e de interesses. O processo de recepção textual, portanto, implica a participação ativa e criativa daquele que lê, sem com isso sufocar-se a autonomia da obra. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 86)

O Método Receptional de ensino de leitura literária apoia-se na atitude participativa do aluno em contato com os diferentes textos, haja vista que essa prática promove reformulações nas exigências do leitor quanto à literatura e aos valores de sua experiência de mundo, principalmente, quando a obra literária desafia a compreensão do leitor.

Assim sendo, a atividade de leitura fundada nos pressupostos teóricos da estética da recepção deve enfatizar a chamada “obra difícil”, uma vez que nela reside o poder de transformação de esquemas ideológicos passíveis de crítica. O caráter iluminista dessa teoria, que no fundo pretende investir a literatura de arte de uma forma revolucionária, capaz de afetar a História, insiste na qualificação dos leitores pela interação ativa com os textos e a sociedade. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 85)

No que diz respeito à aplicação do método, Bordini e Aguiar (1993) ratificam que o aluno precisa conhecer o gênero a ser estudado para constatar as inovações do texto, as formas e temas de outras obras já conhecidas, assim como para captar as diferenças de tratamento e a oposição entre o uso prático ou poético da linguagem, compreendendo as representações do mundo que eles induzem. O método visa ao desenvolvimento da capacidade de análise e de comparação para conseguir ir além dos limites do texto, abrangendo os aspectos teórico e culturais.

Para as autoras, o ensino da literatura é assegurado na medida em que o aluno é levado a efetuar leituras compreensivas e críticas; torna-se receptivo a novos textos e a leituras de outrem; questiona as leituras efetuadas em relação ao seu próprio horizonte cultural; e a transforma os próprios horizontes de expectativas, bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social. Conforme o ponto de vista de Bordini e Aguiar (1993, p. 86), “O método Receptional de ensino de literatura

ênfatiza a comparação entre o familiar e o novo, entre o próximo e distante no tempo e no espaço.”

O leitor possui um horizonte que o limita, mas que pode transformar-se continuamente, abrindo-se. Esse horizonte é o do mundo de sua vida, com tudo que o povoa: vivências pessoais, culturais, sócio-históricas e normas filosóficas, religiosas, estéticas, jurídicas, ideológicas, que orientam ou explicam tais vivências. Munidos dessas referências, o sujeito busca inserir o texto que se lhe apresenta no esquadro de seu horizonte de valores. Por sua vez, o texto pode confirmar ou perturbar esse horizonte, em termos de expectativas do leitor, que o recebe e julga por tudo o que já conhece e aceita. O texto, quanto mais se distancia do que o leitor espera dele por hábito, mais altera os limites desse horizonte de expectativas, ampliando-os. Isso ocorre porque novas possibilidades de viver e se expressar foram aceitas e acrescentadas às possibilidades de experiência do sujeito. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 87)

Para colocar em ação o processo de recepção do ensino da literatura, alguns conceitos básicos sobre o método precisam ser considerados. Entre os destaques das autoras Bordini e Aguiar (1993) está a aceitação do novo, do diferente, do inusitado, a receptividade, a concretização, a atualização do texto em termos imaginativos, a ruptura, o distanciamento crítico do aluno diante de seu próprio horizonte cultural, o interesse, comportamentos, ideias, assimilação, percepção e adoção de novos sentidos que serão incorporados ao universo do aluno/leitor.

O método aqui discutido, segundo Bordini e Aguiar (1993), é eminentemente social já que o sujeito está em constante interação com as pessoas que estão a sua volta e o trabalho apoia-se no debate permanente. Diante dessa afirmação torna-se oportuno apontar que a leitura das obras literárias deve assegurar ao aluno uma leitura mais exigente em termos ideológicos e estéticos.

De acordo com Bordini e Aguiar (1993), a escola peca pela falta de preocupação com os métodos de abordagem textual. Essa falta de orientação metódica explicaria boa parte do problema dos alunos em relação à leitura. Portanto, as autoras (1993, p. 41) consideram urgente “[...] a necessidade de uma metodologia que sirva de suporte para a prática escolar. Essa proporcionará resultados produtivos para o aluno na medida em que delimite, para si mesma, uma finalidade para o ato de aprender.”

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA: O PERCURSO DA PESQUISA

Este capítulo tem como objetivo descrever os procedimentos metodológicos do desenvolvimento desta pesquisa. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois, de acordo com Ludke e André (1986, p. 18), ao realizar a pesquisa em uma situação natural, esta é rica em dados descritivos, focaliza a realidade de forma contextualizada e complexa, e tem um plano flexível e aberto. Esse tipo de pesquisa tem como principal instrumento o pesquisador e o ambiente natural como sua fonte direta de dados.

Em relação ao objeto, é uma pesquisa empírica, visto que se pretendeu investigar se o Método Recepcional de leitura, elaborado por Bordini e Aguiar (1993), a partir da Estética da Recepção, para ensinar literatura, contribui para que o aluno seja agente do processo de leitura e aprendizagem continuamente, no Ensino Fundamental.

Quanto aos procedimentos técnicos, foi realizada a pesquisa bibliográfica, que se desenvolveu a partir da leitura de materiais já elaborados, como livros e artigos científicos, além da produção teórica do mentor da teoria da Estética da Recepção, Hans Robert Jauss, e também de Wolfgang Iser, além de obras de divulgação dos principais estudiosos da área, que possibilitaram melhor entendimento do assunto em questão e a aplicação do Método Recepcional numa turma de 5º ano do Ensino Fundamental.

3.1 Metodologia da pesquisa: etapas de desenvolvimento

Esta seção descreve os passos seguidos para a concretização da pesquisa.

3.1.1 Contexto de pesquisa

Abaixo, há uma breve caracterização do aspecto físico e dos participantes da pesquisa.

a) Local

Esta pesquisa foi realizada na cidade de Duartina, situada no interior do estado de São Paulo, em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, localizada num núcleo periférico. Essa escola, na qual aconteceu a intervenção, funciona em tempo integral. Os horários são estabelecidos da seguinte forma: no período da manhã são ministradas as aulas do ensino regular e no período da tarde são previstas as atividades de esporte, lazer, as oficinas de teatro, música, leitura, jogos cooperativos e atendimento pedagógico.

Por esta razão, pesquisa foi realizada no período da tarde, em um horário destinado a recreação. E as aulas aconteceram na biblioteca, visto que a diretora não permitiu que fossem implementadas no horário de aula regular.

b) Participantes da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram um grupo de alunos matriculados no 5º ano, do Ensino Fundamental. A escolha da turma deu-se em relação ao nível de leitura dos alunos para a realização da intervenção a partir do Método Recepcional, tendo em vista que era a única turma de 5º ano. No entanto, dentre os vinte e seis alunos matriculados, somente quatorze constituem-se sujeitos desta pesquisa. Todos os alunos dessa turma foram convidados a participar das oficinas de leitura de literatura, em caso de interesse, pois a participação não era obrigatória. As oficinas não aconteceram na sala de aula regular. Além disso, um dos alunos não pode participar porque não sabia ler e, também, porque frequentava a sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), nos dias em que foram realizadas as oficinas. Os outros onze alunos não tiveram interesse em participar, pois preferiram brincar no pátio, durante o horário das oficinas.

c) Condições de produção e coleta de dados

A pesquisa de intervenção foi realizada no primeiro semestre do ano letivo de 2016 (18 de abril a 27 de junho), em 11 semanas, durante dois dias por semana, com

aproximadamente 30 minutos de duração cada dia, totalizando 12 horas de intervenção. Destaca-se que esse tempo de intervenção foi estipulado pela diretora da escola na qual a pesquisa foi desenvolvida. Embora, esse tempo concedido para a realização da intervenção com o Método Recepcional seja extremamente pouco, em se tratando de um trabalho de leitura literária, cujo resultado obtém-se a longo prazo, em termos quantitativos, o trabalho planejado com as etapas do referido método foi executado dentro do prazo, sem prejuízo. Esse resultado foi possível com o planejamento sistemático do desenvolvimento da pesquisa, que previu a discussão dos textos selecionados levando em conta o tempo da intervenção autorizado pela instituição escolar.

Com relação ao aspecto qualitativo da pesquisa, não se pode afirmar o mesmo. É bem verdade que, com esse tempo de intervenção, os contos de mistérios que requeriam uma leitura mais complexa, como o conto “O gato preto,” de Edgar Allan Poe, e “A história dos Duendes que raptaram um coveiro”, de Charles Dickens, esse aprofundamento não foi possível de ser feito, pelas próprias características da leitura plural do texto literário que permite a construção de sentidos vários. Com o reduzido tempo concedido para a intervenção, não foi possível também ampliar a discussão do assunto com outros objetivos simbólicos como gêneros verbais, não-verbais, sincréticos, pesquisas sobre o tema que os alunos poderiam desenvolver, sobretudo nas duas últimas etapas do Método Recepcional. Essa etapa, segundo a proposta do método deveria ser mais extensa, pois prevê o trabalho contínuo sobre o tema para, efetivamente, ampliar os horizontes de expectativas em diferentes perspectivas, num ciclo interativo e crescente, os alunos interagirem com novos textos que satisfaçam suas exigências no plano individual e coletivo para que possam explorar o que não é conhecido.

Como instrumento de coleta de dados, foram utilizados três instrumentos: a gravação em áudio; os registros diários da observação de campo e os materiais produzidos pelas crianças. As gravações em áudio foram feitas durante as oficinas para registrar as situações de ensino que serviram de recortes para as análises. Além disso, os acontecimentos que contextualizam essas situações de ensino gravadas foram registrados no diário de campo da pesquisadora. Os materiais produzidos pelos alunos foram pequenos textos e uma ilustração sobre um dos contos, estes foram

analisados em relação à interpretação de leitura dos alunos sobre o assunto abordado.

d) Critérios de análise dos dados

A análise dos dados foi feita com base na teoria da Estética da Recepção, publicada pelos autores Hans Robert Jauss (1994) e Wolfgang Iser (1979), tendo como referência o Método Recepcional, elaborado por Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1993). Além das obras que foram utilizadas para redigir esta pesquisa, é importante destacar que capítulos de outras obras e diferentes autores, como Souza (2001), estudiosa que busca entender a leitura e o ato de ler; Vygotsky (1998), que desenvolve estudos sobre a psicologia da aprendizagem; Bakhtin (1988), que elucida sobre heterogeneidade da língua, contribuíram para fundamentar a análise dos dados.

Destaca-se que todas as interpretações dos dados obtidos foram embasadas e relacionadas com a revisão bibliográfica feita na pesquisa.

3.2 A aplicação do Método Recepcional de Leitura

O trabalho foi realizado com base em uma fundamentação teórica sólida, seguindo a metodologia do Método Recepcional, que teve como finalidade aproximar o leitor do 5º ano do Ensino Fundamental para torná-lo agente no processo de leitura literária, descrever a contribuição desse método estudado para a formação do leitor reflexivo e questionador, capaz de se expressar no ato da leitura, interagir com a obra lida e confrontá-la com seu mundo, com o conhecimento de outras obras, para melhor se compreender e também o mundo.

O desenvolvimento do Método Recepcional, como na teoria da Estética da Recepção, dá ao leitor um papel ativo. Para tanto, o trabalho de intervenção realizado enfatiza a leitura de contos de mistério e foi organizado por uma unidade didática, anexo D, em cinco etapas conforme proposto no referido método. Na 1ª etapa, a fase de determinação do horizonte de expectativas, foi proposto um diálogo a partir de

perguntas direcionadas, que tinham como intuito investigar e efetivar a determinação do horizonte de expectativas dos alunos. As perguntas que nortearam o diálogo entre pesquisador e alunos na etapa da *determinação do horizonte de expectativa* foram:

1 - Determinação do horizonte de expectativas

- 1) Vocês consideram a leitura uma diversão ou uma chateação?
- 2) Vocês costumam ler fora da escola?
- 3) Ler na escola é diferente de ler em casa? Por quê?
- 4) O que vocês conhecem sobre o gênero contos de mistério?
- 5) O que vocês esperam aprender com esses contos?
- 6) Alguém já ouviu histórias de suspense? Qual?
- 7) Já leu algum livro? Qual?
- 8) Quem leu gostou? Por quê?
- 9) Quais os tipos de assuntos que podem ser abordados nesse tipo de contos? Por quê?
- 10) Ao ouvir um conto de mistério, vocês conseguem prever o que vai acontecer? Por quê?

(Perguntas elaboradas pela pesquisadora para a etapa *determinação do horizonte de expectativas*, constantes na unidade didática, conforme anexo 1, à página 92)

A segunda etapa do Método Recepcional, a do *atendimento do horizonte de expectativas*, concretizou-se a experiência com textos que correspondiam às necessidades de leitura dos participantes, tanto em relação ao tema, quanto às estratégias utilizadas pela turma. Nessa fase, os alunos receberam quatro contos de mistério: *Perseguição*, de Paulo André Gomes; *Conto de mistério*; de Stanislaw Ponte Preta; *O fantasma da sorte*, de Heloísa Pietro e *O grande mistério*, de Stanislaw Ponte Preta. Cada conto de mistério trabalhado teve sua discussão fomentada por perguntas, as quais se encontram abaixo:

2 - “Perseguição”

- 1) Qual o tipo de leitura vocês preferem fazer: silenciosa ou em voz alta, individual ou compartilhada ?
- 2) O que vocês acharam do texto “Perseguição”?
- 3) Os acontecimentos narrados no texto estão relacionados ao título?
- 4) Você considerou fácil lê-lo ?
- 5) Tiveram dificuldade de compreender?
- 6) Qual parte você mais gostou?
- 7) Teve alguma coisa que não gostou? O quê?
- 8) Vocês sabem qual é a estrutura desse texto?
- 9) Vocês conhecem as características da narração?
- 10) E a estrutura do conto de mistério, vocês já conhecem ?
- 11) O narrador realmente sofreu uma perseguição? Em que momento você percebeu isso?
- 12) O que aconteceu na verdade?

3 - “Conto de mistério”

- 1) O texto apresenta palavras que você desconhece? Quais?
- 2) Em quais aspectos esse conto de mistério se diferencia do conto “Perseguição”?
- 3) O que você achou que ia acontecer depois de ler o início da história?

- 4) Quem são os personagens?
- 5) O que vocês imaginaram que o homem estava comprando?
- 6) Qual era o mistério por trás desse encontro?
- 7) Qual era a senha?
- 8) Você achou o conto interessante? Por quê?

4 - "O fantasma da sorte"

- 1) Vocês gostaram do conto "O fantasma da sorte" ? Por quê?
- 2) Vocês encontraram palavras que não sabem o significado no texto ? Quais são?
- 3) Todos os fantasmas são do bem?
- 4) Esse conto se parece com as histórias que vocês ouvem na escola? Por quê?
- 5) O conto "O fantasma da sorte" é parecido ou diferente dos contos de mistério que lemos até agora? Por quê?
- 6) Em sua opinião por que o fantasma é da sorte?
- 7) Vocês concordam que o final desse conto é o mesmo que os de contos de fadas?
- 8) Na opinião de vocês, o final feliz é uma característica do gênero conto de mistério? Por quê?
- 9) Quais são as palavras presente no conto que são características de um conto de mistério?

5 - "O grande mistério"

- 1) Vocês encontraram mais palavras desconhecidas nesse conto? Quais?
- 2) De onde os personagens achavam que vinha o cheiro? E vocês?
- 3) Quem foi prejudicado por conta do odor suspeito? Por quê?
- 4) Qual foi o desfecho do conto "O grande mistério" ?
- 5) Quem era realmente culpado? Em que parte vocês descobriram?
- 6) A narrativa desse conto de mistério omite alguma informação?
- 7) Esse texto despertou sua curiosidade? Por quê?

(Perguntas elaboradas pela pesquisadora para a etapa *atendimento do horizonte de expectativas*, constantes na unidade didática, conforme anexos 2, 3, 4 e 5, às páginas 92 - 93)

Na 3ª etapa, de *ruptura do horizonte de expectativas*, procurou-se romper as características dos recursos compositivos: linguagem, estrutura e tratamento, entre outros, mantendo apenas um dos itens anteriores, o tema, para que o aluno sentisse que estava entrando num campo desconhecido, sem rejeitar essa nova experiência. Nessa etapa, os alunos receberam cinco contos de mistérios: "O retrato oval", de Edgar Allan Poe; "O enigma do outro lado," de Stella Carr; "O mistério do homem de preto", de Luiz Lanzieri; "O Sufoco", de Alfred Hitchcock e "Resenha especial: O retrato oval", de Isabelle Vitorino. De modo análogo ao da segunda etapa, nesta a interação com cada conto foi fundamentada em perguntas, conforme abaixo:

6 - "O retrato oval"

- 1) Foi difícil realizar a leitura do conto "O retrato oval" ? Por quê?
- 2) O conto apresenta muitas palavras que vocês não conhecem ou acharam complicadas de entender? Quais?
- 3) Em sua opinião, o que o título do conto sugere?
- 4) Vocês entenderam os fatos narrados no conto? Ou tiveram dificuldade?
- 5) Vocês consideram que esse conto é macabro? Por quê?

- 6) A conversa com os colegas ajudou compreender o conto ou atrapalhou? Por quê?
- 7) Em relação ao narrador, qual mudança percebida entre esse conto e os anteriores?

7 - "O enigma do outro lado"

- 1) O que significa enigma?
- 2) O que será que aconteceu com os irmãos de Nanico?
- 3) O que vocês imaginam que acontece aos personagens após passar pela porta?
- 4) Os personagens acham que não precisam ter medo. Vocês concordam com ele? Por quê?
- 5) Que lugar é esse que eles são levados?
- 6) O que vocês imaginaram que o homem faria com a última personagem?
- 7) Qual era o grande segredo?
- 8) Quem são os personagens desse conto?

8 - "O mistério do homem de preto"

- 1) O que vocês sentiram ao ler esse conto?
- 2) Sabem o que significa clorofórmio?
- 3) O que o homem de preto fazia com as pessoas? Por quê?
- 4) O que vocês sabem sobre a antropofagia?
- 5) Matar pessoas para comer é considerado normal em nossa sociedade? Por quê?
- 6) Esse tipo de coisa acontece nos dias de hoje?
- 7) Você já ficou sabendo de algum caso parecido com esse? Como?
- 8) Por que o delegado não acreditou no Ross?
- 9) Vocês acreditariam?
- 10) A narrativa desse conto se estrutura de forma a criar suspense? Por quê?
- 11) Qual foi o desfecho do conto "O mistério do homem de preto"?
- 12) O que vocês acham que aconteceu com o Ross? Por quê?

9 - "O Sufoco"

- 1) Vocês tiveram dificuldade para entender o conto "Sufoco"? Por quê?
 - 2) Quais são as palavras que impediram o entendimento completo desse conto?
 - 3) Vocês conseguiram relacionar o título à história?
 - 4) Quais sentimentos são centrais no conto "Sufoco"?
 - 5) Como é o lugar descrito pelo narrador?
 - 6) Você considera que esse conto é de terror? Por quê?
 - 7) Do que a moça estava fugindo?
 - 8) E o que ela encontra?
 - 9) Por que a pureza dela era assustadora para as pessoas que estavam naquele bar?
 - 10) O que acontece com ela após ser vista e perseguida pelos homens?
 - 11) Vocês acham histórias como essa acontecem na vida real? Por quê?
 - 12) Em quais aspectos esse conto se parece com o conto "O mistério do homem de preto" lido anteriormente?
 - 13) Qual o motivo dela sentir-se sufocada?
 - 14) Na opinião de vocês, por que o dentista surge na história?
- (Perguntas elaboradas pela pesquisadora para a etapa *ruptura do horizonte de expectativas*, constantes na unidade didática, conforme anexos 6, 7, 8 e 9, às páginas 94 - 95)

Na 4ª etapa, a do *questionamento do horizonte de expectativas*, fez-se a análise comparativa entre as experiências de leituras realizadas nos momentos anteriores, por meio de indagações, conforme abaixo:

10 - Questionamento de retomada “O retrato oval”

- 1) Existe dois tipos de narrador. O primeiro é aquele que se faz presente nos acontecimentos, sendo de alguma forma personagem da narrativa. O segundo tipo é uma entidade que não se faz presente na ação. Como podemos classificar o narrador do conto “O retrato oval” ?
- 2) Depois de lermos o conto, aprendemos as palavras desconhecidas e discutimos sobre a história narrada. Agora, lendo novamente, vocês ainda tiveram dificuldades para compreender o conto? Por quê?
- 3) Vamos rever os acontecimentos do conto: O que acontece? Quando acontece? Como acontece? Onde acontece? Por quê?

11 - Questionamento do Horizonte de Expectativas

- 1) O que vocês aprenderam sobre o gênero conto de mistério?
 - 2) E sobre a narração?
 - 3) Vocês aprenderam o que esperavam?
 - 4) Qual é o enredo ou quais são os momentos de um conto de mistério?
 - 5) Quais assuntos foram abordados nos contos lidos nas oficinas ?
 - 6) Vocês estão gostando das oficinas? Por quê?
 - 7) Consideram que aprenderam o significado de novas palavras? Por quê?
 - 8) Além das palavras, a escrita e as histórias retratadas nos contos apresentados, eram diferentes das que vocês estavam acostumados?
- (Perguntas elaboradas pela pesquisadora para a etapa *questionamento do horizonte de expectativas*, constantes na unidade didática, conforme anexos 10 e 11, à página 95 - 96)

Na quinta e última etapa, *ampliação do horizonte de expectativas*, foi proporcionado um momento para os alunos leitores fizessem uma avaliação de seu crescimento e que ainda resta ampliar para o horizonte de expectativas sobre contos de mistérios. A ampliação do horizonte de expectativas consiste nesse trabalho contínuo com o conto de mistério. Nessa etapa foram lidos dois contos de mistério: *A história dos duendes que raptaram um coveiro*, de Charlie Dickens e *O gato preto*, de Edgar Allan Poe. Além desses dois contos, foi apresentado um vídeo com a dramatização adaptada do conto *O gato preto*. A interação dos alunos com as obras citadas e com o vídeo teve como norte as questões abaixo:

12 - “A história dos duendes que raptaram um coveiro”

- 1) Quais palavras deste conto são desconhecidas para vocês?
- 2) Tiveram dificuldades na leitura?
- 3) Este conto foi escrito em 1885, a época em que ele foi escrito influencia a linguagem do texto? Por quê?
- 4) Qual o conflito desse conto?
- 5) O que Gabriel Grub fazia no cemitério na véspera de natal? Por quê?
- 6) Em sua opinião o personagem era taciturno por causa de sua profissão? Por quê?
- 7) Qual é o motivo pelo qual os duendes aparecem na história? Eles são bons ou maus? Por quê acham isso?
- 8) Gabriel Grub foi raptado ou teve alucinações? Ele realmente sumiu?
- 9) Do que o personagem se arrepende? Por quê?
- 10) Vocês gostaram deste conto?

13 - “O gato preto”

- 1) Vocês sentiram dificuldade em fazer a leitura do conto “O gato preto”? Por quê?
- 2) Por que Edgar Allan Poe escolheu o gato preto? Não poderia ser qualquer outro animal?
- 3) Quem narra a história?
- 4) É um narrado em 1º ou 3º pessoa?
- 5) Podemos acreditar em tudo que o narrador conta? Por quê?
- 6) Qual era a doença de que o narrador sofria?
- 7) O que sabem sobre alcoolismo? Consideram uma coisa boa ou ruim?
- 8) Vocês mudariam alguma coisa nessa história? O quê?
- 9) O conto lhe causou horror? Por quê?
- 10) Assim como o gato da história outros animais sofrem maus-tratos. Vocês conhecem alguma história de violência contra animais?

14 - Sobre o vídeo: “O gato preto”

- 1) O que vocês acharam da adaptação do conto de Edgar Allan Poe? Por quê?
- 2) Foi como vocês imaginaram o conto?
- 3) Assistir a adaptação em vídeo ajuda na compreensão do conto?
- 4) Vocês gostaram das atividades que desenvolveram sobre o conto “O gato preto”? Por quê?

(Perguntas elaboradas pela pesquisadora para a etapa ampliação *do horizonte de expectativas* e para a discussão do vídeo apresentado, constantes na unidade didática, conforme anexos 12, 13 e 14, às páginas 96-97)

3.2.1 Plano geral das oficinas de leitura dos contos de mistérios

As atividades de leitura propostas nas oficinas priorizam os objetivos das etapas do Método Recepcional para o ensino de gêneros da literatura. 1) Determinação do horizonte de expectativas, 2) Atendimento do horizonte de expectativas, 3) Ruptura do horizonte de expectativas, 4) Questionamento do horizonte de expectativas e 5) Ampliação do horizonte de expectativas e foram elaborados de acordo com esse método, resguardando o limite de tempo da intervenção, comentado no item c deste capítulo.

O quadro 1 delineia as oficinas realizadas, com suas respectivas etapas do método, nº de encontros utilizados e conteúdos trabalhados.

Quadro 1: Apresentação das oficinas de leitura dos contos de mistério realizadas em cada etapa do Método Recepcional

Nº de oficina	Etapas do Método Recepcional	Conto de mistério estudado	Síntese das atividades desenvolvidas
Nº 1	Determinação do horizonte de expectativas dos participantes da pesquisa	Nestas oficinas não foram feitas leituras de contos. Esses momentos foram destinados, apenas, aos questionamentos e discussões sobre o método recepcional de leitura	-Apresentação dos objetivos da intervenção com o intuito e familiarizar o aluno com a proposta o Método Recepcional de leitura; -Perguntas que levaram a uma primeira interação com o gênero conto de mistério em si: um levantamento da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) dos alunos sobre o gênero conto de mistério.
Nº 2			
Nº 3	Atendimento do horizonte de expectativas dos participantes da pesquisa	“Perseguição” de Paulo André Gomes	-Apresentação das características da estrutura dos contos do gênero de mistério -Perguntas que levaram a uma reflexão sobre o nível de facilidade e/ou dificuldade apresentada pela leitura do primeiro conto. - Atendimento quanto aos anseios de vocabulário dos alunos.
Nº 4		“Conto de mistério” de Stanislaw Ponte Preta	- Questionamento dirigido em relação ao caráter imaginário oferecido pela obra lida, que teve como objetivo a discussão e a exposição de opinião de cada aluno. - Comparação dos diferentes aspectos existentes apresentados pelo conto da oficina nº 3 e do conto discutido nessa aula. - Apresentação do autor da obra, das particularidades de sua escrita e de seu pseudônimo.
Nº 5		“O fantasma da sorte” de Heloísa Pietro	-Intervenção frente a uma incompreensão lexical (associação escrita/pronúncia) feita por um aluno -Retomada da característica do desfecho do gênero conto de mistério em contrapartida ao do conto de fadas.
Nº 6		“O grande mistério” de Stanislaw Ponte Preta	-Leitura do último conto com uso da linguagem coloquial que teve como objetivo satisfazer as expectativas dos alunos, levando-os para as múltiplas possibilidades de interpretações oferecidas pelo texto. -Participação ativa dos alunos que foi completada com indícios de comportamentos assumidos pelo leitor.
Nº 7	Ruptura do horizonte de expectativas dos participantes da pesquisa	“O retrato oval” de Edgar Allan Poe	-Entrega do conto com um nível mais alto de interpretação que dificultou a atribuição de sentidos a serem feitas pelos leitores
Nº 8			-Continuação da aula anterior, sobre o conto “O retrato oval” que apresentou maior exigência de leitura aos participantes da pesquisa -Realização de um estudo dirigido por meio de questionamentos orais.
Nº 9	Ruptura do horizonte de expectativas dos participantes da pesquisa	“O enigma do outro lado” de Stella Carr	-O conto foi escolhido por possuir uma estrutura narrativa intrigante, aspirando que essa peculiaridade fizesse com que os alunos buscassem preencher os vazios constitutivos. -Foram feitas perguntas para levar os alunos a refletirem sobre qual era o mistério que acontecia com os personagens.
Nº 10		“O mistério do homem de preto” de Luiz Lanzieri	-Foi realizada uma leitura silenciosa pelos alunos e uma leitura em voz alta pela pesquisadora. -Foram realizadas discussões sobre a crença indígena e o fato da prática da antropofagia ser considerada um caso patológico em nossa cultura.
Nº 11		“O sufoco” de Alfred Hitchcock	-Oferecimento de um conto que rompeu com linguagem mais simples e fácil. Isso é, apresentação de um texto clássico, de um autor que faz parte da literatura brasileira -Perguntas sobre os sentimentos centrais apresentados pelo conto e sobre quais aspectos ofereceram dificuldades para entender a leitura.
Nº 12		“Resenha especial: O retrato oval” de Isabelle Vitorino	- Relembremos a primeira leitura que foi feita do conto “O retrato oval”. - Foram feitas perguntas sobre a classificação do narrador, assim como uma discussão com base nas perguntas que norteiam a narrativa e, também, discutimos o motivo pela qual a linguagem do conto pode ser tão refinada e associamos ao ano em que foi publicado.

Nº 13	Questionamento do horizonte de expectativas dos participantes da pesquisa	Não houve leitura, foi feito um levantamento dos contos lidos e estudados até o momento da intervenção	- Foram feitos questionamentos em relação ao que foi ensinado e discutido sobre todos os contos lidos e trabalhados até esse momento da intervenção. -Essa etapa merecia mais encontros, para que também fossem feitas perguntas que levassem os alunos a se questionarem sobre seus horizontes de expectativas.
Nº 14	Ampliação do horizonte de expectativas dos participantes da pesquisa	“A história dos Duendes que raptaram um coveiro” de Charlie Dickens	- Leitura do conto em voz alta realizada pela pesquisadora
Nº 15			- Perguntas que levaram os alunos a ampliarem seus horizontes de expectativas em relação as novas possibilidades de interpretação e ao nível de dificuldade oferecido pela leitura desse conto. - Atendimento das aspirações de vocabulário dos alunos.
Nº 16		“O gato preto” de Edgar Allan Poe	- Leitura em voz alta realizada pela pesquisadora.
Nº 17			- Apresentação sobre o conceito de superstição que foi o tema abordado pela obra lida nesse encontro. - Perguntas que levaram os alunos a ponderar sobre a escolha do gato e da cor preta, sobre os conhecimentos que possuíam em relação ao assunto superstição
Nº 18			-Foi proposta uma atividade de produção escrita sobre o conto, para que os alunos realizassem a troca de papéis sociais para expressar seus sentimentos sobre algo -Atividade de produção artística da cena do conto que mais chamou atenção dos alunos, isso é, uma interpretação visual com intuito de comunicar ideias.
Nº 19		Adaptação do conto “O gato preto” em vídeo, produzido por discentes da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	- Exibição do vídeo - Os alunos foram levados a refletir sobre a forma como imaginaram o conto e a maneira como as pessoas que produziram o vídeo retrataram a história lida, fazendo uma relação com a escrita de Edgar Allan Poe.

Fonte: Elaboração da pesquisadora

3.3 Etapas de pesquisa

Esta pesquisa foi realizada em seis etapas. Na primeira, foi realizada a revisão bibliográfica, buscando aprimoramento da fundamentação teórica e a escolha da escola na qual seria realizada a pesquisa. Na segunda etapa foi feita a seleção dos contos de mistério trabalhados em cada uma das etapas do método e o planejamento das intervenções da pesquisadora. Na terceira etapa foi feita a aplicação das cinco etapas do Método Recepcional, por meio da realização das oficinas de leitura, conforme gráfico 1, as quais foram gravadas em áudios e contaram com os registros de campo da pesquisadora. Na quarta etapa foram feitas as transcrições dos dados gravados, priorizando a fidedignidade de cada áudio. Na quinta etapa foram feitas as análises e as interpretações dos dados, de acordo com os objetivos da pesquisa. E,

na sexta etapa, realizou-se a revisão de conteúdo, assim como foi produzido o relatório final deste trabalho.

4 A RECEPÇÃO DOS CONTOS DE MISTÉRIOS POR ALUNOS DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: APLICAÇÃO DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO PELO MÉTODO RECEPCIONAL

Neste capítulo são apresentados os resultados da intervenção feita com a recepção de contos de mistérios por alunos do 5º ano do ensino fundamental, feita por meio do Método Recepcional, objeto desta pesquisa.

A intervenção foi gravada para alcançar uma análise mais acurada. O processo resultou num total de dezenove gravações das quais foram feitos recortes das situações de intervenção, que são apresentadas aqui sob a forma de episódios de ensino. Desses dezenove episódios de ensino, dois elucidam a etapa de determinação do horizonte de expectativas; quatro ilustram a etapa de atendimento do horizonte de expectativas; seis elucidam a etapa de ruptura do horizonte de expectativas, um elucidam a etapa de questionamento do horizonte de expectativas e seis episódios de ensino elucidam a etapa de ampliação do horizonte de expectativas.

4.1 Determinação do horizonte de expectativas

A determinação do horizonte de expectativas deu-se por meio de uma sondagem com os alunos participantes da pesquisa acerca do gosto pela leitura, dos conhecimentos em relação ao conto de mistérios, das aspirações em referência aos assuntos que poderiam ser abordados por contos desse gênero e das aulas. Nessa etapa procurou-se conhecer o cotidiano dos alunos, sua vida, valores, crenças e leituras. Para desenvolver a primeira etapa do Método Recepcional de leitura, foram selecionados dois episódios de ensino.

Episódio de ensino nº 1

[44] PE- Agora, eu quero saber o quê vocês conhecem sobre o gênero contos de mistério.

[45] C3- É de Suspensão, ação.

[46] C1- Ação, comédia.

[47] C5- Terror.

[48] C6- Dá mais emoção também.

[49] PE- Mais emoção?

[50] C6- É, dá um mistério.

[51] C3- É uma história que começa triste, aí, o meio dela é aterrorizante e o final é feliz.

[...]

[93] C1- Como é o nome daquele livro que você pegou, C5?

[94] C6- É suspense. É coisa de gente adulta, que tem aquelas letrinhas, que não tem nenhuma página com desenho, só escrito, escrito...

[95] C3- Tem um que tem o homem com a cara cheia de sangue assim e o corpo de lado.

[96] PE- Esses são de terror, na verdade, mas também tem suspense.

(Recorte da gravação do dia 18/04/2016)

No primeiro episódio de ensino, para determinar o horizonte de expectativas, foram feitas questões sobre a leitura e o gênero conto de mistério. É possível observar um equívoco cometido pela C3, no que se refere à estrutura do conto de mistério, ao igualar o final desse tipo de conto com o do conto de fadas (linha 51). Acredita-se que houve essa confusão com o enredo dos contos de fadas porque, segundo os alunos, é o gênero mais utilizado pelas professoras, da sala de aula e de leitura.

Levando em conta as observações feitas em campo, pode-se inferir que os alunos costumam ter contato com um número restrito de tipo de livros, como os livros didáticos, de contos de fadas e livros que possuem bastante imagens, pouco texto e letras grandes, próprios para quem está aprendendo o código da língua. Por isso, associam livros maiores e sem imagem à “coisa adulta” (linha 94).

Essa conversa sobre o acesso à leitura e sobre o conhecimento do gênero conto de mistério ocorreu informalmente. Foi o momento em que os alunos expressaram suas opiniões sobre o gênero citado.

Episódio de ensino nº 2

[50] PE- Agora, eu quero saber o quê vocês conhecem sobre o gênero contos de mistério.

[51] C10- Um suspense.

[52] C7- Por que você fica curioso pra saber o que vai acontecer.

[53] C3- Igual novela.

[54] C9- Uma emoção.

[55] C10- Uma surpresa.

[56] C12- Às vezes, também dá uma vontade de rir.

[57] C6- Quando você lê uma história de suspense, precisa ir até o final pra saber o que acontece.

[58] C3- E, às vezes, mesmo lendo inteira, você não entende, precisa reler.

[59] PE- Sim, a história pode ser fácil de entender, mas também pode ser um pouco difícil, por isso precisamos ler outras vezes.

(Recorte das gravações do dia 20/04/2016)

No segundo episódio de ensino foram retomadas as questões sobre a leitura e o gênero conto de mistérios, ainda com o intuito de efetuar a determinação do horizonte de expectativa dos alunos que haviam faltado no primeiro encontro e iriam participar da pesquisa. Essa etapa, segundo Bordini e Aguiar (1993), engloba valores dos alunos em relação a modismos, crenças, ao estilo de vida, a preferências, preconceitos de ordem moral ou social, assim como interesses específicos na área de leitura. Diante disso, podemos relacionar essas concepções do horizonte de expectativas dos alunos aos conhecimentos precedentes ao ensino que advém de outras esferas sociais, bem como de diferentes momentos vivenciados no ambiente escolar.

Se observarmos a fala da C6, na linha 57 desse episódio, podemos inferir que essa criança já teve contato com livros de suspense ou ouviu histórias do gênero conto de mistérios, tendo em vista que ela destaca a necessidade de ler até o final. O desfecho faz parte do enredo desse gênero literário e acontece com a resolução dos conflitos, à vista disso precisamos realizar a leitura completa do conto para saber o que ocorre. Em concordância com Vygotsky (1998) e, a partir das respostas obtidas, podemos perceber que a criança sempre possui conhecimento prévio sobre qualquer aprendizado com o qual se defronta. Como podemos constatar nesta análise, a C6 demonstrou ter um conhecimento sobre a estrutura do gênero conto de mistério que ainda seria apresentado à turma.

A opinião de C3 sobre a leitura é expressada na linha 58. O sujeito entende como uma atividade interpretativa, que precisa ser realizada quantas vezes forem necessárias para alcançar a compreensão do objeto lido. Essa interpretação é sustentada por Iser (1999, p. 9) quando afirma que “o texto estimula os atos que originam sua compreensão”.

Em conclusão a primeira etapa do método recepcional, a determinação do horizonte de expectativas, apontam-se os conhecimentos dos alunos apreendidos na conversa informal: eles sabiam que a trama do gênero de mistério envolve ação, terror, situações aterrorizantes, surpresa e despertam a curiosidade. Sabiam que esses contos abordam temas como morte e maldade. Já haviam sido apresentados a dois contos desse gênero literário na escola, quais sejam: “A moura torta” e “Maria Angula”. Eles relataram o enredo de tais contos durante o encontro e disseram gostar desse tipo de história. Em relação às expectativas, as crianças responderam que

esperavam tornar-se mais curiosas diante dos contos que seriam apresentados ao longo das aulas. Para elas, a leitura é vista como diversão, na maioria das vezes, dado que ela estimula a imaginação.

Convém ressaltar que, no início da intervenção, alguns alunos quiseram saber se as atividades a serem desenvolvidas na aula de leitura e a participação deles valia nota. Quando foram informados de que a participação era livre e que não ficariam sem notas, nas aulas regulares, fato que não comprometeria o desempenho escolar, onze alunos afirmaram não ter interesse em participar, pois preferiam brincar no pátio. E os quatorze alunos, participantes desta pesquisa, quiseram permanecer nas aulas durante as 11 semanas, porque queriam saber mais sobre o gênero de mistérios, gostariam de ter acesso aos contos, de fazer as leituras e participar das discussões.

4.2 Atendimento do horizonte de expectativas

Na segunda etapa do método, para atender ao horizonte de expectativas dos alunos, foram estudados quatro contos de mistério: “Perseguição”, de Paulo André Gomes; “Conto de mistério”, de Stanislaw Ponte Preta; “Fantasma da sorte”, de Heloísa Pietro e “O grande mistério” de Stanislaw Ponte Preta. Todos os contos são de nível fácil.

Foram selecionados quatro episódios de ensino para estudo e discussão dos contos. Em consonância com essa etapa do Método Recepcional, procuramos proporcionar aos alunos, com esses quatro contos, experiências com textos literários que satisfizessem as suas necessidades de acordo com o que eles já conheciam.

Episódio de ensino nº 3

[39] (Leitura do conto “Perseguição” feita pela PE)

[40] C10- É um conto de suspense.

[41] C7- Eu tenho três palavras que não entendi.

[42] PE- Pode falar, C7. Quais são?

[43] C7- “Vertigiosamente”, ofegante e trêmulo.

[...]

[57] PE- O que vocês acharam do texto “Perseguição”?

[58] C1- Muito legal.

[59] C3- Legal.

[60] C8- Legal.

[61] C13- Legal.

[62] C4- Legal.

- [63] C5- Legal.
 [64] C14- Legal.
 [65] C2- Legal.
 [66] C9- Mais ou menos.
 [67] C7- Interessante.
 [68] C6- Legal.
 [69] C12- Mais ou menos.
 [70] C10- Interessante, por eu não entendi aquela frase “Suar frio”, ai eu fiquei pensando na hora que cheguei naquele ponto.
 [...]
 [100] PE- Teve alguma coisa ou alguma parte que não gostaram? O quê ou qual?
 [101] T- Não.
 [102] C4- O começo.
 [103] C7- O começo, porque, às vezes, a gente acha que é chato.
 [104] C5- Pra dar o suspense, tem que contar mais no meio.
 [105] C6- O começo.
 [...]
 [119] PE- Bom, agora vou falar sobre a narração. Vocês viram que, na história, tudo é explicado certinho, com bastante detalhes. Fala que o personagem andou, correu, parou, tentou abrir a porta, correu de novo, acordou, caiu da cama.
 [120] C7- Tem narração que a gente sente mais emoção em algumas partes que lê.
 [121] PE- Ele conta certinho, parte por parte, não pula pedaços pra quem estiver lendo, entender todos os detalhes.
 [122] C10- É parecido com o narrador do jogo que fala: e ele vai pra um lado, vai pro outro e goooo!
 [...]
 [137] C5- Você consegue tirar uma narrativa de um filme de terror?
 [138] PE- Tirar do filme e trazer em forma de texto?
 [139] C5- Sim.
 [140] PE- Posso pesquisar, ver um filme, mas seria muito longa... porque, pra entender, não daria pra tirar só uma parte.
 [...]
 [169] PE- Então vamos retomar o texto. A primeira parte, ou o primeiro parágrafo, é a situação inicial. No segundo e no terceiro parágrafos ele conta como aconteceu a perseguição; é o conflito.
 [170] C2- Que que é conflito?
 [171] C11- Briga.
 [172] PE- O conflito é quando está acontecendo alguma coisa que precisa ser resolvida. Então ele estava sendo perseguido, correndo e chegou na casa dele. O que ele quer?
 [173] C2- Entrar.
 [174] PE- Isso, entrar na casa resolveria o problema pelo qual ele estava passando, o conflito. Mas, não conseguiu.
 [175] C5- Porque ele se sentiria mais seguro lá dentro.
 [176] PE- O penúltimo parágrafo, em que ele não consegue mesmo abrir a porta é chamada de clímax.
 [177] C7- O que é clímax?
 [178] PE- É o momento que ficamos mais curiosos. É a principal parte de suspense e por isso ficamos com a maior expectativa nos próximos acontecimentos. E o último parágrafo é o desfecho, o narrador começa a contar o final, e na última frase ele conta o que realmente aconteceu. “Cai da cama e acordei.”
 [179] C7- No clímax, na hora que ele vai girar a maçanete, parece que ele ia conseguir entrar. Só que, ai, ele não consegue entrar, a gente pensa até que ele ia morrer antes de ler o resto.
 (Recorte da gravação do dia 26/04/2016)

Neste episódio, iniciou-se o atendimento do horizonte de expectativas em relação ao gênero conto de mistério. Foi feita uma leitura prévia pelos alunos do conto “Perseguição”, escrito por Paulo André Gomes, de nível fácil, assim como uma leitura compartilhada, no momento do encontro. E, em seguida, foram feitos questionamentos aos participantes pela pesquisadora sobre a preferência pelo tipo de

leitura; os acontecimentos do conto; o nível de facilidade ou dificuldade ao realizar a leitura; sobre a parte que os alunos mais gostaram ou o que mudariam; as características da narração; a estrutura do conto de mistério e sobre o narrador. Essas perguntas foram feitas com o objetivo de verificar se a experiência com o texto literário estava atendendo à necessidade dos alunos e se correspondia ao que era esperado por eles.

Num primeiro momento, procurou-se atender aos anseios de vocabulário dos alunos. Torna-se aparente a curiosidade das crianças quando não entendem o significado de alguma palavra, como ocorreu com a C7, que sentiu necessidade de entender as palavras “vertiginosamente”, “ofegante” e “trêmulo” (linhas 41 e 43). Ou quando não entendem determinada expressão, como, por exemplo, “Suar frio” destacada pela C10, na linha 70.

Os alunos também demonstram ter conhecimento sobre a estrutura da narração, nas linhas 102 a 105, quando mencionam partes como começo e meio do conto. Ademais, demonstram interesse na aprendizagem do gênero conto de mistério e fazem sugestões de material, além dos contos, que pode ser utilizado nas oficinas de desenvolvimento do Método Recepcional. É possível confirmar essa indicação, na fala da C5, quando sugere que a pesquisadora busque a narrativa de um filme de terror para ser trabalhado durante um de nossos encontros (linha 137).

Além da leitura, da discussão e da interpretação do conto, foram trabalhadas as características da estrutura do gênero conto de mistério, isto é, retomamos o texto para que fosse possível identificar a situação inicial, o conflito e o desfecho, a partir dos acontecimentos narrados (linhas 169 e 178). No que diz respeito a leitura, Iser (1979) diz que esta une o processamento do texto ao efeito sobre o leitor e essa influência recíproca é descrita como interação. Em consonância com a afirmação de Iser, quando existem vazios constitutivos no conto, os alunos fazem suas próprias interpretações. É possível validar esse pensamento na fala da C7, que dá continuidade à leitura de acordo com sua imaginação (linha 179).

Durante o processamento do conto, os alunos fizeram associações entre a narração da história e os acontecimentos que se faziam presentes em seu cotidiano, como, por exemplo, a narração de uma partida de futebol. Podemos confirmar essa observação na linha 122 deste episódio, quando a C10 diz que a narração do conto “Perseguição”, lido na aula, parecia com o narrador do jogo de futebol fazendo seus

comentários sobre tudo que acontece em campo. Com essa interação, C10 manifesta seu conhecimento de mundo sobre as estruturas textuais, ou planificação textual, comparando a experiência nova com o texto literário e a experiência velha com a narração do futebol. Esse é um exemplo típico dessa fase: atendeu ao horizonte de expectativa a partir do que já se conhecia.

A leitura desse primeiro conto foi prevista para despertar o gosto pela leitura do gênero de mistério, tendo em vista que esse conto apresentava algumas situações de interesse mencionadas, anteriormente, pelos alunos, como o fato de ficar na expectativa por conta das muitas incertezas presentes no decorrer da leitura, pelo clima de curiosidade e de descoberta final, comportamento esperado na leitura desse gênero.

Considerando o questionamento do horizonte de expectativas, realizado nos dois primeiros encontros, levaram-se em conta as respostas dos alunos para que fosse possível adequar o Método Recepcional a partir da realidade deles, de modo que, gradualmente, eles pudessem ir avançando, passo a passo, na dificuldade da leitura. Partindo do pressuposto de que as crianças ouviram, somente, dois contos do gênero de mistério e tinham conhecimentos sobre alguns assuntos que podiam ser abordados e sobre as situações que os personagens podiam experienciar, o conto “Perseguição” foi escolhido por enfatizar os principais momentos do gênero de mistério que despertam, no leitor, a expectativa intensa, são eles: a situação inicial, o conflito, o clímax e o desfecho, elementos característicos do enredo de qualquer narrativa, mas que cria suspense próprio desse tipo de gênero.

No início da aula, a pesquisadora questionou quem havia feito a leitura do conto, pois a narrativa tinha sido entregue no final da aula anterior, pois queria saber o quê os alunos acharam sobre ele. Dando continuidade à aula, fez uma leitura em voz alta e informou que o conto foi retirado de um blog, na internet, no qual o autor, Paulo André e outros autores, também publicavam outros contos de mistérios. A pesquisadora destacou que a descrição detalhada dos acontecimentos era uma das características desse tipo de conto. Os alunos se mostraram bem receptivos ao primeiro conto lido e discutido, assim como a aula dada pela pesquisadora que foi composta por questionamentos orais para que os alunos tivessem um norte no momento da compreensão e interpretação do conto. O *link* das páginas utilizadas era sempre inserido no final da folha, para que os alunos pudessem ter acesso ao

endereço do qual foi retirado e, caso tivessem interesse, podiam conhecer outros contos.

Nessa aula, os alunos aprenderam dois conceitos que são categorias de análise de narrativas: conflito e clímax. Conhecimento essencial para o aluno entender a organização dos fatos no enredo. Esses dois elementos estruturam as partes da narrativa e todo o enredo do conto de mistério, os elementos ganham ainda mais destaque porque um dá mais movimento à narrativa, ao contrapor duas forças opostas criadoras de tensão (conflito) e o outro (clímax) em que a tensão se superdimensiona.

Lastimavelmente, a discussão sobre os temas propostos apresentados no conto não foi expandida e, também, não foi realizada nenhuma outra atividade, nesse momento, por conta do exíguo tempo diário autorizado para realizar cada encontro.

O primeiro episódio de ensino, da etapa de atendimento do horizonte de expectativas, teve como intuito proporcionar aos alunos experiências com textos literários que satisfizessem suas necessidades em dois sentidos: quanto ao objetivo, visto que os textos escolhidos foram condizentes ao esperado. E quanto às estratégias de ensino, que foram organizadas a partir da observação de procedimentos conhecidos pelos alunos para agradá-los.

Em síntese, esse episódio de ensino nº 3 mostrou que a leitura decorre das experiências que o aluno já possui e das experiências que ele pode vivenciar quando passa a interagir com um novo texto. Sobre isso, Iser (1999) esclarece que a ação de experimentar um texto quer dizer que algo está acontecendo com nossa experiência, uma vez que ela não permanece a mesma pelo fato de nossa presença no texto não ser um simples reconhecimento do que já sabemos. E salienta que as evidências momentâneas dos textos ficcionais, menos confirmam o que somos do que nos mostram a condição temporária dos nossos conhecimentos.

Episódio de ensino nº 4

[82] PE- Em quais aspectos esse conto de mistério se diferencia do conto “Perseguição” ?

[83] C12- Aquele outro é mais sinistro.

[84] C6- Eu lembro do texto inteiro.

[85] C7- No primeiro texto fala tudinho e no segundo não fala o que ele vai fazer, de onde ele saiu.

[86] PE- Hum, verdade.

[87] C10- Não dá pistas do que ele ia fazer.

[88] C6- Achei esse mais sinistro, porque tem mais mistério.

[89] C10- Esse tem o final engraçado.

[...]

[107] PE- O que vocês imaginaram que o homem estava comprando?

[108] C10- Drogas.

[109] C5- Armas.

[110] PE- Parece que ele está comprando alguma coisa ilegal mesmo.

[111] C7- Joias.

[112] PE- Podia ser joia mesmo, podiam estar fazendo contrabando.

[113] C13- PE, o que é contrabando?

[114] PE- É quando as pessoas trazem ou levam mercadorias proibidas de um lugar pra outro e não pagam as taxas fiscais.

[115] C6- PE, parecia que ele ia comprar armas e ia roubar um banco.

(Recorte da gravação do dia 29/04/2016)

Neste episódio, de atendimento do horizonte de expectativas, fizemos a leitura do “Conto de mistério”, de Stanislaw Ponte Preta. Foram levantadas questões sobre as atitudes dos personagens, sobre o mistério que estava por trás do verdadeiro acontecimento e sobre a opinião dos alunos em relação ao texto. Além disso, os alunos foram levados a refletir sobre em quais aspectos o “Conto de mistério” se diferenciava do conto “Perseguição”, lido no encontro anterior. As respostas foram variadas: a C12 achou o conto anterior mais sinistro (linha 83); a C7 achou o primeiro conto mais detalhado em relação ao lido nesse episódio (linha 85); a C10 disse que não achou que, o texto não ofereceu pistas do que o personagem ia fazer, e que esse conto tem o final engraçado (linhas 87 e 89), e a C6 respondeu que o segundo conto tem mais mistério e, por isso, é mais sinistro (linhas 88).

O “Conto de mistério” aborda uma história que, aparentemente, envolve uma compra suspeita, pois os personagens agem de maneira suspeitosa. Quando questionados sobre essas situações, as respostas dos alunos associavam-se à compra de coisas ilegais, como armas, drogas e contrabando de joias, conforme interação nas linhas 108, 109 e 111. Esse tipo de relações pode ser estabelecida, porque os alunos estão expostos aos acontecimentos veiculados na mídia e, também, é possível que estejam associados aos relatos de tráfico no bairro onde moram, como podemos verificar no pensamento da C6 na linha 115. Ela imaginou que o personagem estava comprando arma, porque ia assaltar um banco, ao passo que autor do conto relatava de maneira engenhosa a compra de 1 quilo de feijão. Supõe-se que essa associação é feita em relação ao conhecimento que as crianças já possuem no seu horizonte de expectativa, a partir do contato com uma determinada realidade social e midiática.

Pode-se afirmar, em conformidade com Barthes (1975, apud Souza, 2001, p. 72), que “a lógica da leitura é associativa, na medida em que relaciona o texto a outras significações”.

Episódio de ensino nº 5

- [56] PE- E “tormenta”? Alguém sabe o que é?
 [57] C7- É quando alguém te enche o saco?
 [58] PE- Não, olha... não é atormentar, é “tormenta”. “Tormenta” é uma tempestade muito forte.
 [59] C3- É mesmo, eu assisto “As aventuras de LadBug” e tem a menina chamada tormenta. Ela é do mal e quando ela aparece começa a tempestade.
 [...]
 [79] PE- Todos os fantasmas são do bem?
 [80] T- Não.
 [81] PE- Por quê?
 [82] C4- A maioria dos fantasmas assustam.
 [83] C13- Nas outras histórias, eles queriam matar as pessoas. Eram do mau.
 [84] C7- Eles matam as pessoas.
 [85] C5- Porque fantasma é espírito de gente morta que ainda não terminou o que tinha que fazer na terra.
 [86] C10- Eu acho que o fantasma é uma pessoa que morre antes da hora e não terminou de fazer as coisas na terra quando ainda estava vivo.
 [87] C13- Eu acho que a pessoa que morreu era sortuda e passava sorte para as pessoas.
 [...]
 [97] PE- Na opinião de vocês, o final feliz é uma característica do gênero conto de mistério? Por quê?
 [98] T- Não.
 [99] C4- Tudo se resolve, mas nem sempre é feliz.
 (Recorte da gravação do dia 02/05/2016)

Neste episódio, ainda da etapa do atendimento do horizonte de expectativas, efetivou-se a leitura do conto “O fantasma da sorte”, de Heloísa Prieto. Durante a discussão sobre o significado das palavras, houve um equívoco, em nível lexical, da palavra “tormenta” (linhas 57 e 58). Consoante as ideias de Bordini e Aguiar (1993), a constituição dos significados acontece por meio de estímulos de um contexto que os justifica. Isso é, o contexto da experiência humana chamado de cultura. Diante da afirmação das autoras, infere-se que C7 usou a palavra “tormenta” como uma variante do léxico “atormentar”, conjugado na 3ª pessoa do singular no presente do indicativo, no uso não padrão (Ele tormeta = ele enche o saco). Essa incompreensão lexical cometida pela C7 pode ter ocorrido porque, em seu convívio social, emprega-se a variante “tormenta” para a forma lexical padrão “atormentar” (3ª pessoa singular do verbo atormentar), somado ao fato de C7 desconhecer o léxico “tormenta”, para representar “grande tempestade”, “tumulto”. Provavelmente, por tais fatos, acrescido a isso, há o fato da proximidade fonêmica entre as duas palavras: tormenta e atormentar. Assim, a interpretação da palavra “atormentar” foi comparada a pronúncia

da palavra “tormenta”, com a qual o aluno já deve ter se deparado em seu convívio social.

No decorrer das interpretações realizadas pelos alunos, pode-se observar que estes relacionam suas explicações aos discursos sociais. Isto é, fazem uso do dialogismo. Em concordância com Bakhtin, entende-se que todas as vozes alheias são usadas em discurso próprio, por isso, nossas falas estão repletas de dizeres alheios. Na segunda etapa do Método Recepcional, o atendimento do horizonte de expectativas busca oferecer aquilo que o aluno espera, conhece e gosta. Em função disso, o conto escolhido, para essa aula, foi sobre fantasma, um assunto bastante discutido até mesmo entre adultos e, conseqüentemente, internalizado pelas crianças, que revelam falas de pessoas mais velhas em seu discurso. Essas relações de caráter social, realizadas pelos alunos, se dão, pois o Método Recepcional de ensino de Literatura também enfatiza a comparação entre o novo e o familiar. Vejamos as explicações dadas em relação ao fantasma, na linha 85. A C5 explica que fantasma é o espírito de pessoas que morrem sem terminar sua missão na terra. Logo em seguida, na linha 86, a C10 expõe sua ideia, que é bem parecida com a explicação da C5. Segundo a C10 a pessoa que se torna fantasma não terminou de fazer o que devia fazer na terra, enquanto ainda estava viva. Já a C13, na linha 87, relaciona o fato de a pessoa que morreu ser sortuda e se transformar num fantasma que dava sorte.

Retomando a característica peculiar do desfecho do gênero conto de mistério que foi abordada usando esse conto para exemplificar a confusão feita por um aluno, no episódio de ensino nº 1, entre o final feliz dos contos de fadas e a resolução de conflitos, típica daquelas que acontece nos contos de mistério, nota-se a incorporação de aprendizagem do referido gênero pelo mesmo aluno, quando compreende que, no final de um conto de mistério, tudo acaba se resolvendo, mas nem sempre acaba feliz (linha 99).

Para Jauss (1994), a Estética da Recepção indica uma renovação da Literatura, na qual prevalece o experienciar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores, tendo em vista que esta não é um objeto que exista por si só, mas é reformulada pela leitura. Diante das interpretações feitas pelos alunos sobre o conto com auxílio dos discursos alheios próprios de sua cultura, da incompreensão lexical motivada por associação escrita/pronúncia de palavras parecidas e da incorporação da

aprendizagem, afirma-se que o aluno teve oportunidade de exercer seu papel de leitor dentro da perspectiva, verdadeiramente, constitutiva. Essa atitude participativa terá sempre quando em contato com os mais diferentes textos literários.

Episódio de ensino nº 6

[1] PE- Boa tarde. Então, vamos começar?

[2] T- Boa tarde!

[3] (Ouvimos barulho na porta)

[4] C10- Entra.

[5] PE- Não é ninguém.

[6] C2- Ai, credo! Que medo! É fantasma.

[...]

[70] C3- Entendi. Esse rumo aqui, é rumo de arrumar as coisas ou rumo pra..

[71] PE- Rumo é uma direção, um caminho. Mais alguma palavra ou podemos ir para as questões?

[...]

[80] PE- Quem foi prejudicado por conta do odor suspeito? Por quê?

[81] C2- O dono da casa, porque as visitas sentiram o cheiro ruim e ele passou vergonha.

[82] PE- Quem mais foi prejudicado ?

[83] C10- A Giselinha.

[84] C2- As empregadas, porque acharam que elas não estavam limpando.

(Recorte da gravação do dia 09/05/2016)

Neste episódio de ensino, também de atendimento do horizonte de expectativas, foi realizada a leitura do conto “O grande mistério”, de Stanislaw Ponte Preta. Logo, no início do encontro, ouvimos um barulho na porta da biblioteca, mas não havia ninguém, no local que pudesse provocar o barulho. Nesse momento, um dos alunos mencionou a palavra “fantasma”, fazendo conexão com o conto e a conversa da aula anterior (linha 6). Segundo Bordini e Aguiar (1993), o processo de recepção textual, do Método Recepcional de ensino de Literatura implica a participação ativa e criativa daquele que lê, posto que a Literatura não se esgota no texto, mas completa-se através de indícios do comportamento a ser assumido pelo leitor.

Durante esse encontro, ocorreu, novamente, uma interpretação errônea de uma palavra: a C3 relacionou a palavra “rumo” com arrumação, como vemos na linha 70. Essa dúvida semântica entre “rumo” como variante não padrão conjugal do verbo arrumar na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e “rumo pra” com sentido de direção, pode ter ocorrido justamente pelo modo como o aluno pronuncia a palavra em seu dia a dia.

Percebe-se que, quando incentivados a refletir sobre determinada questão, como o odor suspeito que causa consequência para os personagens do conto, nos deparamos com as interpretações pessoais de cada aluno. Por exemplo, a C2 achou que quem passaria vergonha com o cheiro desagradável da casa seriam os donos, pois ia parecer que estavam recebendo visita sem se importar com o cheiro ruim (linha 81); a C10 respondeu que a personagem “Giselinha” havia sido a mais prejudicada (linha 83), enquanto a C2 acredita que os empregados foram os mais prejudicados porque seriam acusados de não cuidar da limpeza de forma adequada (linha 84). Segundo Iser (1979), isso acontece porque o texto promove uma multiplicidade de representações do leitor. Com a turma pesquisada, essa multiplicidade de representações acontece, pois cada sujeito traz consigo uma bagagem de experiências sociais, linguísticas e ideológicas, apesar de morar no mesmo bairro e frequentar a mesma escola.

Todos os episódios recortados para elucidar a fase do atendimento do horizonte de expectativas do grupo de alunos que participaram desta pesquisa, mostram que esses tiveram suas necessidades literárias/intelectuais satisfeitas. Partiram do horizonte de suas expectativas, em termos de interesses literários, e chegaram ao ponto de refletirem sobre esse horizonte, instaurando a mudança por meio de um processo ininterrupto.

4.3 Ruptura do horizonte de expectativas

Na terceira etapa do Método Recepcional, para romper com o horizonte de expectativas dos alunos, foram trabalhados cinco contos de mistério: “O mistério do homem de preto”, de Luiz Lanzieri; “O retrato oval”, de Edgar Allan Poe; “O enigma do outro lado,” de Stella Carr; “O Sufoco”, de Alfred Hitchcock e “Resenha especial: O retrato oval”, de Isabelle Vitorino.

Cabe aqui uma breve apresentação sobre o que foi abordado por cada um dos contos que tinham como objetivo a ruptura do horizonte de expectativas. “O mistério do homem de preto”, apresenta uma narrativa de denúncia, suspense e desaparecimentos, foi escolhido por abordar o tema da prática antropofágica. “O retrato oval”, conto de Edgar Allan Poe, criador de uma literatura inquietante, foi selecionado por aguçar a curiosidade pelo imprevisto, pelo terror, sempre numa

atmosfera de suspense e por juntar em suas narrativas elementos perturbadores como o sobrenatural, o fantástico e o insólito. O conto, repleto de mistérios, traz detalhes minuciosos de sentimentos, lugares e personagens. “O enigma do outro lado” foi escolhido por fazer parte da série juvenil de livros policiais e de suspense baseados em reportagens e em fatos da atualidade brasileira da autora Stella Carr. “O Sufoco”, por representar uma porta de entrada para o mundo de Hitchcock, tendo em vista que nos leva a adentra num universo onde o perigo e a tensão são elementos centrais, onde a realidade parece subvertida e onde o sonho e a realidade se misturam. A “Resenha especial: O retrato oval”, foi selecionada para apresentar uma opinião sobre o conto “O retrato oval”, que havia sido lido anteriormente, como forma de provocar uma nova discussão e aprofundar as interpretações que podiam ser feitas.

Nessa etapa, introduzimos esses novos contos de mistério para abalar as certezas sobre esse gênero e sobre as particularidades da leitura literária dos alunos, utilizando uma linguagem que os alunos já conheciam, mas mais cuidada, introduzindo palavras novas. Como mostra do desenvolvimento dessa etapa foram selecionados seis episódios de ensino, nos quais foram lidos e discutidos os contos acima especificados.

Episódio de ensino nº 7

[5] PE- Tá. Pra quem leu, foi difícil realizar a leitura desse conto? Por quê?

[6] C10- Sim, por causa que tem palavras muito difícil.

[7] C2- Eu acho difícil, porque tem três páginas.

(Recorte da gravação do dia 11/05/2016)

Neste episódio de ensino, o estudo foi sobre o conto “O retrato Oval”, de Edgar Allan Poe, de nível intermediário, que deu início à ruptura do horizonte de expectativas. Poucos alunos fizeram uma leitura prévia por considerar em o texto extenso e complexo. O fato de o conto apresentar um nível mais alto de interpretação, tornou a leitura mais difícil para os alunos (linhas 6 e 7). Do ponto de vista de Iser (1993), a arte possui graus de complexidade que dificulta a atribuição de sentidos, ou seja, a ideação que é realizada pelo leitor.

Episódio de ensino nº 8

[6] PE- Em sua opinião, o que o título do conto “O retrato oval” sugere?

[7] C10- Que vai ter o retrato oval na história.

[8] PE- O retrato OVAL.

[9] C7- Um retrato arredondado em forma de ovo, igual o C10 falou aula passada.

[...]

[21] PE- Em relação ao narrador, qual mudança percebida entre esse conto e os anteriores?

[22] C2- O conto narrado tem um monte de palavra difícil e é difícil de entender.

[23] C3- E é grande.

[24] C7- Tem duas folhas a mais do que os outros.

[...]

[35] PE- Então, a única coisa que restou de vida era o retrato, pois a jovem estava morta. É a história de uma jovem apaixonada que sofre pela obsessão que seu marido tinha pela pintura.

[36] C10- Ou pela obsessão que ela tinha pelo marido!

[37] PE- Bem pensado, C10. Os dois eram obcecados. Ele era obcecado pelas obras e ela era obcecada pelo marido.

(Recorte da gravação do dia 13/05/2016)

No episódio 8, etapa de ruptura do horizonte de expectativas, deu-se a continuação da aula sobre o conto anteriormente mencionado. Assim que começamos o diálogo, um aluno recuperou o sentido de uma fala do episódio de nº 7, lembrando da interpretação da colega sobre a forma do retrato oval, citado no conto, na linha 9, deste episódio.

Os alunos também reapresentaram as razões pelas quais acharam o conto difícil: a C2 respondeu que havia muitas palavras difíceis de entender, (linha 22); a C3, que o conto era grande, (linha 23), e a C7 mencionou que o conto “O retrato oval” tinha duas folhas a mais que os que foram lidos nas aulas anteriores, (linha 24).

Levando em conta essas respostas pode-se perceber que os alunos não são adeptos à leitura de textos com mais de uma página, por exemplo, e que esse fato criou um obstáculo para a leitura e constituição de sentido dos contos de mistérios, com uma extensão maior, usados como material catalisador para o ensino da Literatura visando à formação do leitor.

Ao longo das exposições de ideias, a C10 fez um boa interpretação do fato apresentado no conto, quando a pesquisadora disse que a mulher sofria com a obsessão que o homem tinha por pintura. Essa criança, na linha 36, respondeu dizendo que a mulher sofria pela obsessão que ela tinha pelo marido. Isto é, ela percebeu que o sofrimento da mulher não estava na obsessão do marido por pintura, mas na obsessão que ela tinha pelo próprio marido. Conforme Bordini e Aguiar (1993), o aluno de 5º ano evolui de uma simples compreensão imediata para uma interpretação de ideias.

Nesta etapa do Método Recepcional, a de ruptura do horizonte de expectativas, era importante que os textos apresentassem maiores exigências aos alunos, por isso

o conto “O retrato oval” foi escolhido, principalmente, por evidenciar técnicas compositivas mais complexas em relação aos textos apresentados nas aulas de atendimento do horizonte de expectativas. Em consonância à ideia das autoras, Iser (1993) ressalta que o aumento da dificuldade significa que as representações do leitor devem ser abandonadas, formando o horizonte de referência que permite ao leitor corrigir suas próprias projeções e se tornar capaz de experimentar algo que, ainda, não existia em seu horizonte de expectativas. Diante disso, é possível concluir que esse episódio de ensino evidenciou os motivos pelos quais os alunos sentiram dificuldade e acharam a leitura complexa, em razão da mudança de nível dos contos, assim como apresentou a compreensão de ideias da C10 frente a uma leitura mais trabalhosa, exigente.

Episódio de ensino nº 9

[6] (Alunos realizando leitura silenciosa)

[7] C7 – Eu achei o nome Zé Pereira engraçado... Tadinha chamou a mulher de gorda.

[8] C10- Gorda e rosada, né?

[9] C11- Esse texto, aqui, não tem aquelas palavras estranhas igual ao outro.

[10] PE- É verdade, esse não tem mesmo.

[...]

[47] PE- O que será que aconteceu com os irmãos de nanicos?

[48] C4- Foram comidos.

[49] C7- Foram levados pra não sei o quê...

[50] PE- A C7 disse que eles foram levados, mas ainda não sabe pra onde. Alguém já descobriu?

[51] C10- Pra barriga.

[52] C13- Foram levados para a outra porta e foram comidos.

[53] PE- E onde será que leva essa outra porta?

[54] C10- Eu sei...

[55] C5- Na cozinha.

[56] C10- No céu.

[57] C8- Na sala de jantar.

[58] C4- Eles podiam estar na fruteira também.

[59] C2- Oh, sora, eu achei que era no dentista que eles iam, porque falou que tem a mancha preta...podia ser no dente.

[...]

[61] C10- Sora, eu sei quem era o... o Zé Pereira.

[62] C13- Primeiro, a pessoa agarra eles. Depois, são descascados e comidos.

[63] C10- O Zé pereira é uma banana?

[64] T- Não.

[65] C4- É a pera.

[66] C10- Por quê?

[67] PE- Hum, vocês sabem em qual árvore nasce a pera?

[68] C6- Não lembro.

[69] PE- Na pereira.

[70] C10- E o nanico é o limão?

[71] C4- A banana é o nanico.

[72] C10- Ah, tá!

[73] C6- O nome dele é nanico, porque tem banana nanica. E tem também a banana-maçã que falam esse nome, porque tem quase o tamanho de uma maçã.

[74] C2- E a rosada é o morango.

- [75] C5- Acho que é maçã.
 [76] C7- E eu tomate.
 [77] C10- Eu acho que é a maçã, sora.
 [78] C4- É morango, porque fala que tem mancha preta.
 [...]
 [91] C2- É bem na parte que ele fala que vem da periferia. Posso falar o que é periferia?
 [92] PE- Pode, C2.
 [93] C2- É uma favela.
 [94] PE- Sim, são os bairros que estão ao redor da área central de uma cidade.
 [...]
 [104] PE- Quando a personagem fala que vai descobrir o segredo da vida, o que vocês imaginaram que ela ia descobrir?
 [105] C2- A morte.
 [106] C7- Que vai ser comido.
 [107] C10- Vai descobrir o fim da vida, por causa que ele está se arriscando muito.
 [108] C9- A felicidade.
 [109] C13- Eu acho que a sala de espera era o supermercado.
 (Recorte da gravação do dia 18/05/2016)

Neste episódio, de ruptura do horizonte de expectativas, os alunos fizeram uma leitura silenciosa do conto “O enigma do outro lado”, de Stella Carr e, em seguida, começaram a fazer seus comentários. A ausência de palavras desconhecidas foi um dos primeiros aspectos apontados pela C11, que comparou a escrita desse conto com a da aula anterior, que apresentou muitas palavras desconhecidas por eles, (linha 9).

Esse conto apresenta vazios constitutivos que podem ser preenchidos de diferentes maneiras por cada leitor. Podemos verificar essas interpretações nas falas dos alunos quando discutem a possibilidade de lugares para onde os personagens foram levados. As interpretações são variadas, por exemplo, uns dizem que foram levados para barriga, para a porta misteriosa, que essa porta levava à cozinha, ao céu, à sala de jantar, à fruteira e até para o dentista, por conta das manchas pretas citadas no conto, (linhas 51 a 59). Em harmonia com as autoras Bordini e Aguiar (1993), essas interpretações são uma interação receptiva e, ao mesmo tempo, criadora, tendo em vista que a obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto, que se caracteriza pelo sentido humano dado ao mundo oferecido pelo autor. Assim como o preenchimento desses vazios é feito por cada leitor, de acordo com suas próprias experiências.

Na tentativa de descobrir qual fruta representava cada personagem, iniciou-se uma leitura racional², por meio da qual os alunos faziam uma associação dos nomes

² Usamos a expressão “leitura racional” no sentido que é usado em Martins, Maria Helena. O que é leitura, p. 62-76.

e apresentavam suas ideias para os colegas. A C10 disse que o Zé Pereira era uma banana e foi contrariada pelos amigos; na opinião da C4, esse personagem era uma pera, pois é a pera que nasce na pereira. Ainda, segundo a C4, o personagem nanico era uma banana e para completar a explicação a C6 explicou que esse era o nome, porque existe a espécie banana nanica, dentre as classificações dessa fruta. Para a C2, a rosada apresentada na história é o morango, enquanto a C5 acha que é a maçã e a C7 acredita ser o tomate, (linhas 61 a 78). De acordo com Jauss (1994, p. 25), “A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe.” A manifestação das opiniões das crianças valorizou seu papel leitor como parte do processo de produção da obra, atuando como coautores dos contos estudados, já que a possibilidade de interpretação veio delas.

Nota-se a necessidade que os alunos sentem de compartilhar com os outros aquilo que já foi descoberto por eles como, por exemplo, o significado da palavra “periferia”, (linhas 91 e 93). Tendo em vista que os personagens do conto eram representados por frutas, a C13 fez uma observação bastante interessante. Ela deduziu que se as frutas estavam esperando, esse lugar poderia ser o supermercado, (linha 109). Ainda, em consonância com Bordini e Aguiar, o vazio presente no texto passa a ter um significado por intermédio de uma validade social.

Em conformidade com o Método Recepcional, nessa etapa, as atividades de leitura tiveram como objetivo fazer oscilar as adesões absolutas e voluntárias dos alunos sobre os contos de mistérios, sobre a literatura e sobre a vida para que realmente eles consigam romper com os seus horizontes de expectativas. O conto escolhido possuía uma estrutura narrativa intrigante e essa peculiaridade fez com que os alunos buscassem preencher os seus vazios constitutivos. Segundo Iser (1999), o que a narração da cena omite é a representação surpresa, espera-se que o próprio leitor a imagine, posto que o texto faz uso, através de seus esquemas, da história de experiências individuais de seus leitores, mas sob as condições que ele estabelece.

Episódio de ensino nº 10

[25] C10- PE, vai ter texto pra levar hoje?

[26] PE- Vai.

[27] C10- Eba!

[28] C13- Aquele da casa do bruxo é um site todo preto, né?

[29] PE- Isso, tem o fundo escuro.

[30] C13- Eu entrei lá.

[...]

[46] C3- Por que tem um pedaço do texto que a letra tá maior?

[47] PE- É para chamar atenção, dar ênfase na fala dele. E, também, porque ele estava exaltado. O que o homem de preto fazia com as pessoas?

[48] T- Ele matava.

[...]

[64] PE- “Antropo” significa homem e “fagia” significa comer. Então, “antropofagia” é o ato de comer carne de um ser humano. O canibalismo surgiu por causa de uma comunidade indígena que realizava rituais em que se comiam carne humana. Os índios acreditavam que, se comem o inimigo, eles iam ficar mais fortes, teriam a mesma força ou sabedoria do outro.

[65] C10- Ai, que mentira!

[66] C13- “Tá com fome, mata um homem e come.”

[67] PE- Eles não tinham esse conhecimento que temos agora, não sabiam que não era verdade.

[68] C6- Sora, o que é “incrédulo”?

[69] PE- O ato de não acreditar, duvidar de alguma coisa. Então, o canibalismo era um ato praticado por indígenas. Comiam os inimigos como forma de vingança.

[70] C1- Então, se eu comer um rico, vou ficar rico? (Risos)

[...]

[109] PE- Vocês acreditariam se alguém contasse uma história dessa pra vocês?

[110] C4- Não.

[111] C7- Eu acreditaria mais ou menos, porque o capeta existe.

[112] PE- Assim como existem pessoas boas, existem pessoas más. É isso, C7 ?

[113] C7- Uhum.

[114] C1- Não se fala capeta, fala Satanás.

[115] C13- É Satanás, Lúcifer é quando ele tava no céu.

[116] C13- Eu acreditaria, porque o lá de baixo pode atentar as pessoas.

[...]

[137] PE- “Cutelo” é uma faca bem grande e tem o cabo de madeira. É usada para degolar as pessoas.

[138] C10- O que é “degolar”?

[139] PE- É cortar no pescoço, separar a cabeça do corpo.

[140] C7- Credo!

[141] C13- Nossa!

[142] PE- Ela é usada também por açougueiros para cortar carnes e ossos duros.

[143] C6- Eu já vi no jogo. Consegui comprar um cutelo e daí cortei a cabeça do cara.

(Recorte da gravação do dia 20/05/2016)

Neste episódio, de ruptura do horizonte de expectativas, o conto estudado foi “O mistério do homem de preto”, de Luiz Lanzieri. Os alunos demonstraram maior interesse por contos como esse, com acontecimentos aterrorizantes. Podemos perceber a reação de comemoração da C10, que disse “Eba!” ao saber que seria entregue o próximo conto do final da aula (linha 27).

Ao selecionar os contos a serem estudados, o link com o endereço da página eletrônica da qual este tinha sido retirado era inserido abaixo de cada conto. Um dos alunos percebeu que mais de um texto foi copiado de um mesmo site, pois ele já havia acessado (linhas 28 e 30), demonstrando, assim, um comportamento leitor tanto pela manifestação de sua curiosidade pelo conto, quanto de sua busca por textos em outros meios de acesso. Essas atitudes relacionadas a valores construídos em relação à leitura são explicitadas por Bordini e Aguiar (1993) quando apontam que o

indivíduo busca, no ato de ler, a satisfação de uma necessidade de caráter informativo e recreativo que é condicionado porque os alunos são sujeitos diferenciados e têm interesses de leitura variados.

O conto possui uma frase de destaque que é apresentada em letras maiúsculas com intuito de dar mais expressividade à fala do personagem. Durante a leitura, a C3 percebeu esse recurso gráfico de destaque presente no conto e questionou o motivo de ter algumas letras maiores em relação ao restante do texto (linha 46).

Além disso, no decorrer dos comentários, percebe-se que a C13 relaciona o tema abordado a um dito popular “Tá com fome, mata um homem e come”(linha 66). Conforme Bordini e Aguiar (1993), isso ocorre porque as linguagens nascem da convivência social. Ainda, nesse episódio, a fala da C1, (linha 70), relaciona-se à crença dos índios apresentada no início da aula, pela pesquisadora, com o propósito de esclarecer algumas questões sobre a prática da antropofagia.

Na linha 76, a C7 apresenta uma visão bastante pertinente sobre a possibilidade de uma pessoa, que tem transtornos psiquiátricos, atacar o próprio médico. Nas linhas 111 a 116, os alunos apresentam termos diferentes ao falar sobre o “capeta”. Trata-se de uma riqueza lexical que se explica pelas diferentes crenças ou religiões de cada um. Na linha 143, C6 diz conhecer o “cutelo”, pois já viu e até conseguiu comprá-lo num jogo de videogame. Nesse parágrafo, nos deparamos com a interpretação de ideias dos alunos, ou seja, concepções pelas quais o texto se traduz para a consciência do leitor.

Com base no conto “O mistério do homem de preto” foram feitas perguntas em relação à aceitação ou não da prática antropofágica em nossa sociedade; se os alunos tinham conhecimento de algum caso, como o do conto, que aconteceu na vida real; sobre o motivo pelo qual o delegado não acreditou na história de um dos personagens e sobre o quê achavam que havia acontecido com o homem que sumiu. Além disso, também foram realizadas discussões sobre a crença indígena e o fato da prática da antropofagia ser considerada um caso patológico em nossa cultura. Segundo o depoimento das crianças, esse tipo de assunto nunca foi discutido na escola e nem em casa; o que eles sabem viram na televisão.

Episódio de ensino nº 11

[9] (Leitura do conto “Sufoco”, anexo 8, realizada pela PE)

- [10] C7- Não entendi.
- [11] C6- Eu entendi. Ela tava no dentista tirando o dente, daí, como ela tinha desmaiado, pensou que estava acontecendo aquilo lá.
- [12] PE- Bem pensado, C6. No começo, fala que ela está sendo perseguida por bêbados, numa rua escura, num bar sujo. Que roubaram, atacaram, mataram e jogaram ela num rio pros ratos.
- [13] C13- Ela estava tirando uma cárie.
- [14] PE- Sim, também pode ser. A coroa é usada pelos dentistas como capas para dentes danificados.
- [15] C6- Oh, sora, então...deixa eu confirmar isso que aparece no texto. “furtivamente” é tipo um espião que está ali, quietinho?
- [...]
- [23] PE- Agora, vou fazer algumas perguntas. Vocês tiveram dificuldade para entender o conto “Sufoco”? Por quê?
- [24] C3- Sim. Eu li, li... e não consegui entender o que aconteceu.
- [25] C7- Sim, porque não entendi nada.
- [26] C6- Não.
- [...]
- [107] PE- Vocês acham que histórias como essa acontecem na vida real? Por quê?
- [108] C7- Pode até acontecer.
- [109] C14- Não. Sabe por quê? Essa história não, porque a vida não está tão ruim assim...
(Recorte da gravação do dia 06/06/2016)

Neste episódio, lemos o conto “Sufoco”, de Alfred Hitchcock. Esse conto, de nível intermediário, foi oferecido durante o passo de ruptura do horizonte de expectativas. Após a leitura, um dos alunos diz não ter entendido, (linha10), enquanto outro diz ter entendido e apresenta sua explicação, (linha11). Essa diferença de opinião sobre a recepção de um mesmo texto por leitores diferentes, é explicado por Bordini e Aguiar (1993), segundo as autoras pode-se afirmar que o sentido dado para a leitura varia de acordo com as experiências prévias dos sujeitos. E, nesse caso, o fato de um aluno não ter compreendido o conto confirma a inferência de que os participantes desta pesquisa não estavam habituados a realizarem leituras de suspense que são proporcionados pelo gênero conto de mistério, narrativa que seduz pelo desconhecido, surpreende pelo inesperado, possui uma variedade padrão da língua portuguesa e os verbos no passado. A leitura do gênero conto de mistério, assim como toda narrativa requer do leitor o conhecimento sobre a linearidade do texto, com a organização do enredo (situação inicial, conflito, clímax e desfecho), e sobre os outros elementos da narrativa, como personagens, tempo, espaço, narrador, isto é, (o quê, quem, como, onde, quando, por quê), bem como percepção de estratégias e recursos utilizados para criar suspense, tensão e mistério.

A discussão coletiva das informações do conto propicia uma troca de ideias que ajuda a clarear a percepção dos alunos que apresentaram dificuldade no entendimento. Nessa discussão, verifica-se que a C6 sente necessidade de confirmar

o sentido de uma pessoa que fica quieta para espionar que deu a palavra “furtivamente” durante sua leitura e interpretação (linha 15). Acredita-se que, por ser a etapa da ruptura do horizonte de expectativas, sua interpretação tenha se demonstrado tão obscura para alguns alunos, tendo em vista que mais de uma criança revela ter tido dificuldade para entender o conto (linha 24), em razão de que houve a ruptura do cotidiano, ruptura de um certo tipo de contos, com linguagem mais simples e fácil, para um texto clássico, de um autor que faz parte da literatura universal.

De acordo com a Estética da Recepção, e consoante a ideia de Jauss, uma obra pode transmitir um conhecimento que não se encaixa no esquema platônico, quando imagina modelos de pensamento e comportamento ainda não experimentados. Entretanto, se resgatarmos a fala da C6, na linha 26, pode-se perceber que ela diz não ter tido dificuldade para ler o conto “Sufoco”, o que significa que, provavelmente, já teve experiências de leituras que ofereceram subsídios para realizar uma leitura inicial desse conto, diferente de seus colegas. Ainda, de acordo com Jauss (1994) a obra pode atender, romper, ampliar ou não as expectativas dos leitores e é, justamente, disso que resultará a reconstrução do horizonte de expectativas.

No momento em que os alunos são questionados sobre as maldades que acontecem no mundo real, em relação às situações como roubo, violência, perseguição e assassinato, fatos presentes nos contos de ficção e mistério, é possível notar que, apesar de saber e ouvir os adultos falando sobre os fatos cruéis, ainda acreditam na bondade das pessoas e do mundo (linha 109).

Episódio de ensino nº 12

[3] PE- Nós vamos retomar o conto “O retrato Oval”.

[4] C6- Sora, deixa eu falar? Eu me lembro da história.

[5] PE- Pessoal, atenção! O C6 vai dizer o que ele lembra do conto.

[6] C6- Era assim...a moça casou com um pintor, daí, o pintor ficava o tempo todo pintando um monte de pessoas. Só que, daí, ela pensava que não dava bola pra ela, daí, ela ficou muito tempo parada e morreu.

[...]

[39] PE- Ok, vou fazer mais algumas perguntas. Existem dois tipos de narrador. O primeiro é aquele que se faz presente nos acontecimentos, sendo, de alguma forma, personagem da narrativa. O segundo tipo é uma entidade que não se faz presente na ação. Como podemos classificar o narrador do conto “O retrato oval” ?

[40] C13- Personagem.

[41] C6- Personagem.

[42] C7- Eu acho que é personagem, porque, no começo do texto, ele fala “meu criado”.

(Recorte da gravação do dia 08/06/2016)

Neste episódio, retomamos o estudo sobre o conto “O retrato Oval”, de Alfred Hitchcock, ainda na etapa de ruptura do horizonte de expectativa, tendo em vista que este poderia ter sido mais explorado porque oferece muitas possibilidades de aprofundamento e expansão do horizonte de expectativas. Porém, como os alunos tiveram bastante dificuldade por conta do estranhamento da linguagem, nos dedicamo-nos também aos significados e esclarecimentos das palavras e do texto. Em conformidade com Bordini e Aguiar (1993), é imprescindível a essa etapa possuir maiores graus de complexidade para os leitores. Para que os alunos consigam romper com seus atuais horizontes de expectativas é necessário que consigam superar a dificuldade de realizar leituras de textos mais extensos, que apresentam um vocabulário mais requintado em relação ao que estão acostumados, de modo também a ampliar seu repertório da norma culta brasileira.

Iniciamos o encontro com a retomada dos sentidos produzidos na primeira leitura feita do conto. A C6 ofereceu-se para recontar a história e fez uma breve apresentação sobre o conto estudado no encontro anterior com intenção de compartilhar o que foi lido (linhas 4 e 6). Para as autoras Bordini e Aguiar (1982), os textos são uma rica forma de mediação, pois possibilitam a troca de experiência, o trabalho de reflexão e a tentativa de comunicar.

Ao perguntar sobre a classificação do narrador, a C7 responde o questionamento dizendo que o narrador era personagem e busca confirmar sua resposta num fragmento do conto, com unidades da língua que façam referência a primeira pessoa do singular, pronome possessivo “meu” (linhas 42). Esse comportamento demonstra o grau de percepção e atenção da criança empregado no momento da leitura e a preocupação em exemplificar sua fala segundo o objeto de estudo que, inclusive, aponta para um crescimento em seu processo de formação enquanto leitor, proporcionado pela intervenção do método recepcional de leitura. Assim como aconteceu no episódio de ensino nº 6, de atendimento do horizonte de expectativas, quando um aluno fez conexão com o episódio nº 5, associando o barulho que ouvimos na biblioteca com o fantasma do conto “O fantasma das sorte”, participando de maneira ativa e criativa e assumindo um comportamento leitor. Esse fato também pode ser confrontado com uma interpretação do episódio de ensino nº 8, na etapa da ruptura do horizonte de expectativas, feita pela C10, que evoluiu de uma interpretação simples para uma interpretação de ideias. Como descrito por Iser (1999,

p. 94), “a incorporação do novo se confere na medida em que a consciência começa a assumir outra forma”.

Ao retomarmos o conto “O retrato oval”, os alunos lembraram as novas palavras aprendidas no primeiro dia de estudo, mostraram-se curiosos em relação ao tempo que a personagem permaneceu parada para conseguir ser pintada, sobre o narrador ser personagem ou uma entidade que não se faz presente na ação e imaginaram o fim para o pintor que não foi relatado pela obra. Fizemos uma discussão com base nas perguntas que norteiam a narrativa e, também, discutimos o motivo pela qual a linguagem do conto pode ser tão refinada e associamos ao ano em que foi publicado.

Além disso, segundo os alunos, após fazer uma leitura do conto em outro momento, ou seja, depois de todo o estudo e discussão, foi mais fácil assimilar algumas ideias que haviam sido incompreendidas. No entanto, a leitura desse conto, realizada no episódio de ensino nº 7, precisou ser dirigida, pois o texto ofereceu dificuldade com o vocabulário diferente e por explorar mais as características do conto de mistério. Desse forma, enquanto era feita a leitura, a pesquisadora foi comentando parte por parte do texto. Em conformidade com Bordini e Aguiar (1993), o método recepcional tem como pré-condição a interação entre o texto e o leitor, que estão em horizontes históricos, muitas vezes, distintos e precisam fundir-se para que a comunicação ocorra.

Em conclusão a esta etapa, pelas interações entre os participantes, notou-se que a intervenção proporcionou uma ruptura do cotidiano, de uma linguagem simples para a linguagem mais complexa de textos clássicos que fazem parte da literatura universal. Nesse episódio de ensino, poderiam ter sido feito pesquisa sobre a vida do autor e sua obra, mas o tempo concedido ao desenvolvimento da intervenção não permitiu essa e outras rupturas de horizontes do conhecimento dos alunos.

4.4 Questionamento do horizonte de expectativas

A quarta etapa do Método Recepcional foi o momento em que fizemos uma comparação em relação ao que o aluno já conhecia e o que considera novo. Para desenvolver essa etapa, a pesquisadora realizou uma nova sondagem com os alunos

para saber o que tinham aprendido sobre o gênero conto de mistério, sobre a narração e os momentos desse tipo de conto que não conheciam e passaram a saber depois das aulas ministradas, se suas aspirações foram atendidas, se estavam gostando, se aprenderam novas palavras e novos elementos específicos do gênero, e se os contos trabalhados, a linguagem e as histórias retratadas eram diferentes do que estavam acostumados.

Para tanto, foi selecionado, nessa etapa, apenas um episódio de ensino. Esse número se deveu em função do já mencionado exíguo tempo que foi concedido para a realização da intervenção aqui relatada.

Episódio de ensino nº 13

- [1] PE- O quê vocês aprenderam sobre o gênero conto de mistério?
 - [2] C3- A maioria era de terror, ilusão, confusão.
 - [3] C10- A realidade se mistura com sonho.
 - [4] C7- Que algumas terminam tudo bem e outras não.
 - [5] PE- O final é feliz?
 - [6] C5- Não acabam felizes; as pessoas morrem.
 - [7] C4- Tem coisas pra descobrir, muito mistério.
 - [8] PE- E sobre a narração?
 - [9] C7- É uma história contada.
 - [10] C10- Quando uma pessoa narra a história.
 - [11] PE- É uma exposição escrita ou oral de acontecimentos.
 - [12] C13- Hum, sim.
 - [13] PE- Vocês aprenderam o quê esperavam sobre o gênero conto de mistério?
 - [14] C3- Sim, eu aprendi que dá pra imaginar o final. E que não é feliz.
 - [15] C4- Aprendi que nunca se deve sair pra rua à noite, nem mexer com uma pessoa que não conhecemos porque ela pode fazer mal pra gente.
 - [...]
 - [52] PE- Além das palavras, a escrita e as histórias retratadas, nos contos apresentados, eram diferentes das que vocês estavam acostumados?
 - [53] C10- Sim, por causa que a professora sempre lia contos infantis.
- (Recorte da gravação do dia 10/06/2016)

Neste episódio, efetivou-se a etapa do questionamento do horizonte de expectativas, em relação ao que foi ensinado e discutido sobre os contos. Os alunos apresentaram maior conhecimento sobre o gênero conto de mistério, neste momento, em comparação ao questionamento realizado, na etapa de determinação o horizonte de expectativas, no início das oficinas. Foram produzidos os seguintes conhecimentos pelos alunos: a maioria dos contos de mistérios era de terror, ilusão e confusão, a realidade e o sonho se misturavam, algumas histórias terminavam bem e outras não, não acabavam felizes porque as pessoas morriam, que coisas precisam ser descobertas e há muito mistério (linhas 2, 3, 4 e 7). Esses conhecimentos comprovados nessa etapa, os alunos não tinham nas etapas anteriores. Isso

comprova que, apesar da pouca demora nas intervenções das etapas, houve desenvolvimento intelectual e estético nos participantes.

Algumas das confusões que surgiram, anteriormente, como o final feliz dos contos de fadas que foram, de certa forma, transferidos para interpretação dos contos de mistérios, também se desfez (linhas 6 e 14), haja vista que, também, a aprendizagem da estrutura dos contos de mistério faz parte dos novos conhecimentos produzidos pelos participantes da pesquisa.

Por outro lado, em vista dos temas abordados nesse tipo de conto, como, por exemplo, a perseguição, a maldade, a morte, a violência e o medo, que também são evidenciados na televisão, a C4 diz o que aprendeu ouvindo e problematizando os contos trabalhados que nunca deve sair pra rua à noite, nem mexer com estranhos pois a pessoa pode fazer mal para ela (linha 15). A resposta dada pela C4 é reflexo do que a escola trabalha por meio da literatura, isto é, além do estudo das regras gramaticais, são visados o bom comportamento, a lição de moral, os valores escolares e familiares. É, nessa perspectiva, que as autoras Bordini e Aguiar (1993) criticam a ausência de método para a abordagem textual na escola.

Os alunos já haviam dito que, em sala de aula, é comum a leitura dos contos de fadas e que ouviram, somente, uma história de terror. Por isso, esses contos de mistério apresentados e estudados romperam com o horizonte de expectativas também em relação à mudança de gêneros estudados, pois foram bem diferentes, em diversos aspectos como, por exemplo, na aquisição de conceitos de espaço, tempo e causa, capacidade de classificar e ordenar acontecimentos que permitem ao aluno adentrar na leitura de textos mais complexos, o apelo ao macabro, ao sobrenatural, ao medo e a proximidade com a escrita singular do gênero de mistério, do que estavam acostumados, conforme comprovação nas linhas 53 e 54.

Considerando essas análises, afirma-se que a aprendizagem sobre as características do gênero conto de mistério foi consolidada. Para Vygotsky (1998), o aprendizado é necessário no processo de desenvolvimento das funções psicológicas que são características especificamente humana e culturalmente organizadas. Em concordância com método recepcional, é por meio da experiência do leitor, estimulada pelo próprio texto, que o efeito da obra é sentida e oferece condições de atribuir sentido ao que lê, daí a leitura apresentar-se como uma relação dialógica.

Torna-se pertinente dizer que a forma como o método recepcional está organizado neste trabalho e a maneira como foi efetivado, mesmo num tempo curto de intervenção, a formação leitora, que demanda um percurso a longo prazo, já se mostrou em movimento com as atividades propostas. E que, provavelmente, dando continuidade a esse processo de ensino da literatura ao longo da educação escolar, pois se trata de um ensino em espiral, cujas complexidades são abordadas progressivamente, os alunos podem se tornar agentes do processo de leitura e aprendizagem.

Em relação à intervenção feita, é importante explicar que essa etapa de questionamento merecia mais encontros para que fossem feitos outros questionamentos orais que levassem os alunos a se autoquestionarem sobre seus horizontes de expectativas. Dentre eles estariam questões sobre a apresentação da linguagem em cada um dos textos, a complexidade das palavras e a construção do enredo dos gêneros estudados em outro momento e durante as oficinas, sobre a exploração das características do conto de mistério, se a ideia que os alunos tinham, inicialmente, sobre o gênero de mistério permaneceu ou se foi alterada, sobre o que pensavam sobre a literatura e sobre os temas estudados e o que passaram a pensar e sobre todos os textos trabalhos até então. Apesar de esses momentos que fazem parte dessa etapa do método não terem sido realizados em função do exíguo tempo concedido pela direção da escola para realizar a intervenção, percebe-se que os alunos tem consciência do progresso alcançado a partir dessa intervenção, visto que responderam aos questionamentos da pesquisadora apresentando suas novas aprendizagens, como destacado na análise acima.

4.5 Ampliação do horizonte de expectativas

Na quinta etapa do Método Recepcional foi o momento que os alunos tomaram consciência das aquisições obtidas com o trabalho das leituras dos contos, e perceberam alterações em sua forma de ver o mundo. Nessa fase, eles perceberam claramente que eram capazes de adquirir novos conhecimentos. No desenvolvimento dessa fase, foram estudados dois contos de mistério: “O gato preto”, de Edgar Allan

Poe, e “A história dos duendes que raptaram um coveiro”, de Charles Dickens. Das aulas destinadas a essa etapa foram recortados seis episódios de ensino.

Durante esses encontros, além das discussões sobre as leituras, os alunos fizeram duas produções, uma escrita e outra artística sobre o conto do “O gato preto”. Outra atividade desenvolvida nessa fase do método foi a discussão sobre uma narrativa dramatizada, apresentada por um vídeo, a qual foi adaptada do conto O Gato Preto.

4.5.1 Sobre os contos *O Gato Preto* e *A história dos duendes que raptaram um coveiro*

Episódios de ensino nº 14 e 15

[26] PE- Em sua opinião, o personagem era taciturno por causa de sua profissão? Por quê?

[27] C7- Não acho que não.

[28] C10- Nada a ver...ele era uma pessoa ruim.

[29] C5- Eu acho que ele era assim, porque perdeu alguém.

(Recorte das gravações dos dias 13/06/2016 e 14/06/2016)

Estes episódios se encontram agrupados, pois o episódio 14 foi dedicado, apenas, à leitura do conto em voz alta, tendo em vista que muitos alunos não conseguiram terminá-la e o episódio 15 representa as discussões, reflexões e as questões referente ao que foi lido.

Nestes episódios foi feita a leitura do conto “A história dos Duendes que raptaram um coveiro”, do autor Charlie Dickens, avaliado nesta intervenção no nível difícil, na etapa de ampliação do horizonte de expectativas. Segundo Iser (1979), Dickens foi um mestre na técnica de suspense, pois nos faz imaginar qual será a continuação de suas histórias, isto é, mobiliza o leitor a imaginar diferentes soluções para as situações apresentadas. A imaginação dos participantes pode ser comprovada diante das distintas interpretações feitas pelas crianças para explicar uma característica do personagem. A C7 respondeu que o fato do personagem ser taciturno não tinha a ver com a sua profissão de coveiro; a C10 disse que ele possuía essa característica porque era uma pessoa ruim e a C5 associou seu modo de agir com a perda de um ente querido (linhas 27, 28 e 29).

Episódio de ensino nº 16 e 17

- [16] PE- Por que Edgar Allan Poe escolheu o gato preto?
 [17] C10- Por causa que, na história, tem um personagem que é o gato e ele é da cor preta.
 [18] PE- Sim, mas por que será que escolheu justo um gato e da cor preta?
 [19] C10- Por que é a cor do pecado?
 [20] PE- Na verdade, as pessoas fazem essa associação do preto com uma coisa negativa, mas é uma cor como qualquer outra.
 [21] C6- O preto dá azar.
 [22] C7- É uma cor do mal.
 [...]
 [90] PE- O conto “Gato preto” lhe causou horror? Por quê?
 [91] C10- Sim, porque é uma história de assassinato e maldade.
 [92] C13- Sim, porque ele matou a mulher dele.
 [93] C6- E o gato.
 [94] C5- Além de ser de assassinato, ele enterrou a mulher dele na parede.
 [95] C2- Porque envolve bebida, envolve morte...
 [96] C8- Sangue.
 [97] C6- Porque ele pegou o machado e enfiou na cabeça da mulher dele, e arrancou o olho do gato.
 (Recorte das gravações dos dias 15/06/2016 e 17/06/2016)

Esses episódios também se encontram agrupados, pois o episódio 16 foi dedicado, apenas, à leitura do conto em voz alta e o episódio 17 as reflexões, exposição de ideias e as questões norteadoras feita pela pesquisadora.

Nestes dois episódios de ensino, também da fase de ampliação do horizonte de expectativa, deu-se a leitura do conto “O gato preto”, de Edgar Allan Poe. Esse conto aborda assuntos como a superstição, que é interpretada pelos alunos, mais uma vez, com dizeres sociais que se fazem presentes no meio no qual fazem parte, tendo em vista o fato de eles caracterizarem a cor preta como a cor do pecado, do azar e do mal (linhas 19, 21 e 22).

A partir dessa interpretação foi discutido o conceito “superstição”, no intuito de alcançar algumas desconstruções de ideias cristalizadas como a de cor preta. Foi explicado que a cor preta é igual a qualquer outra. Os alunos perceberam que essas associações são feitas por causa dos boatos contados na sociedade e não tem nenhuma fundamentação científica, o que acontece é que acabam sendo disseminados e muitas pessoas acreditam. Essa discussão, na etapa da ampliação do horizonte de expectativas, teve como foco principal descortinar algumas realidades para o aluno despertando-o para a leitura de vida, para que o ato de ler não seja considerado só como tarefa escolar, mas seja relacionado ao modo como vemos o mundo. Conforme Jauss (1994), o horizonte de expectativa da literatura distingue-se da práxis histórica pelo fato de antecipar possibilidades, além de conservar as experiências vividas, para expandir o espaço limitado do comportamento social rumo

a novas aspirações, objetivos e pretensões, abrindo, assim, novos caminhos para experiências futuras.

Outros temas que caracterizam o conto de mistério, pois abordam assuntos assustadores e sombrios, próprios do gênero, são assassinato e alcoolismo, os quais são de conhecimento superficial dos alunos e, por vezes, por experiência própria. Entretanto, segundo o depoimento das crianças, não são trabalhados na escola por eles serem considerados pequenos para conversar sobre assuntos desse tipo. Podemos confirmar o relato dos alunos com as ideias de Zilberman (2003), quando diz que na estrutura familiar burguesa a criança está no ócio, não tem dinheiro para se sustentar e, portanto, não tem voz. O que prevalece é uma visão adultocêntrica, na qual a criança fecha-se ao circuito doméstico para prestigiar os papéis adultos e dominadores exercidos pelos pais, o que ainda acontece nas famílias de classe média.

Pode-se constatar que, apesar do pouco que sabem, os acontecimentos macabros despertam o horror nas crianças (linha 90 a 97). Pode-se constatar que, apesar do pouco que sabem, os acontecimentos macabros causam espanto nas crianças (linha 90 a 97). E, ainda assim, os contos de mistério continuam despertando seus interesses.

Episódio de ensino nº 18

[8] PE- Olha, não vamos conseguir ver o vídeo, hoje. O aparelho não está lendo esse DVD.

[9] C4- Ah, sora, mas a gente queria ver.

[10] PE- Eu sei. Também salvei no pen drive. Se, no próximo encontro, a sala de informática estiver ocupada, trago meu notebook. Combinado?

[11] T- Sim.

[12] PE- Nós lemos o conto do “Gato preto”, certo? Quem narra esse conto?

[13] C10- Edgar Allan Poe.

[14] PE- O Edgar Allan Poe é o escritor do conto. Quem narra os acontecimentos?

[15] C4- O dono do gato.

[16] PE- Isso. Então, vocês vão escrever um conto narrado pelo gato preto. Podemos chamar de “A verdadeira história do gato preto”. Vocês vão narrar os sentimentos do gato... contar o que ele sofreu e como se sentiu, quando foi atacado por seu próprio dono.

[17] C4- Tá. Eu só tenho dúvida em como começar a escrever, porque o resto da história já pensei.

[18] C1- No final, ele morre enforcado, como ele vai contar a história?

[19] PE- Vamos imaginar o quê ele sentiu durante os ataques...antes de ser morto.

[20] C13- A história começa assim, né. Tinha um homem que tinha afeição por animais, principalmente, pelo gato preto dele, só que, aí, ele começou beber. Um dia, depois que o gato arranhou ele, ficou descontrolado e tirou o olho dele...

[21] C4- Posso escrever o quê o gato achava do dono?

(Recorte da gravação do dia 24/06/2016)

Neste episódio de ensino, de ampliação do horizonte de expectativas, estava planejado para exibir o vídeo “O gato preto”, adaptado por discentes da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), mas o aparelho de DVD não funcionou. E, por conta desse problema técnico, a ordem das atividades foi alterada. Antes da exibição do vídeo, os alunos realizaram uma produção escrita e a curta-metragem acabou ficando para o encontro seguinte. Foi um momento de produção e por isso não houve muita discussão sobre o conto, por isso esse segmento foi selecionado. Os diálogos mais profundos que elucidaram a etapa de ampliação dos horizontes de expectativas ocorreram fora do momento específico das oficinas e por isso não foram registrados.

4.5.2 Atividade de reescrita e de ilustração do conto *O gato preto*

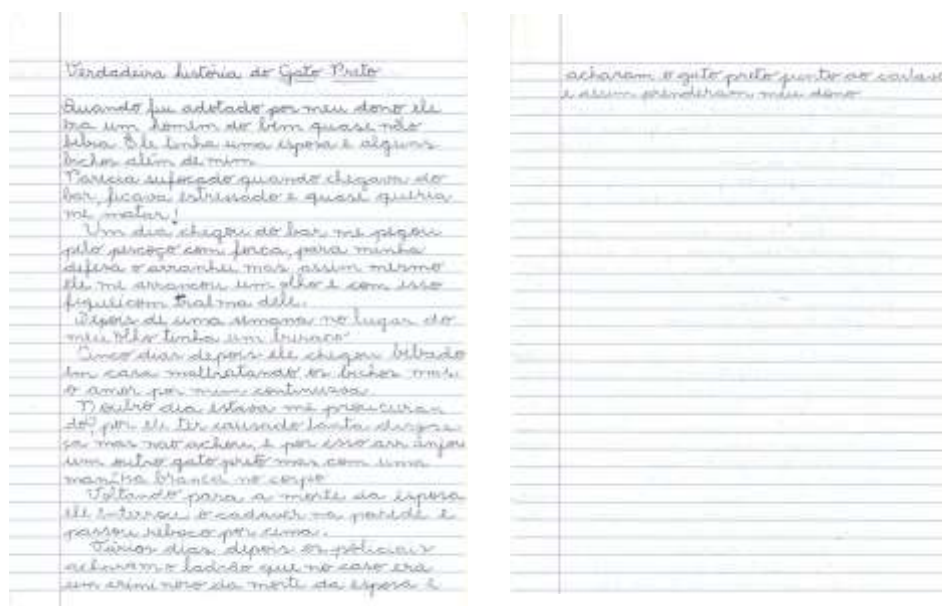
Após a explicação da pesquisadora sobre como os alunos deviam realizar a troca de papéis entre narrador e personagem (linha 16 do episódio nº 18), os alunos realizaram uma reescrita do conto *O gato preto*, de Edgar Allan Poe, descrevendo os sentimentos do gato em relação ao dono que o maltratava. E, por fim, cada um ilustrou a cena desse conto que mais chamou sua atenção. Essas duas atividades tiveram como propósito atender, ao máximo, as possibilidades de trabalho que o conto “O gato preto” pôde oferecer.

4.5.2.1 Atividade de reescrita do conto *O Gato Preto*

Pretendeu-se com a atividade escrita que os alunos se colocassem na posição do gato, isso é, realizassem a troca de papéis sociais para expressar seus sentimentos sobre algo. Segundo a teoria da Estética da Recepção, a socialização do indivíduo acontece para além dos contatos pessoais, haja vista que a leitura também proporciona trocas e estabelece diálogo, situações que estimulam o sujeito leitor a ocupar posições e descobrir sentidos em relação ao outro. Em concordância com Bordini e Aguiar (1993), a literatura é fundamental porque oferece autonomia de significação, pode estar relacionada a outros objetos culturais e possibilita ao leitor viver uma nova experiência através dos personagens de uma obra.

Como a análise das produções escritas é feita em conjunto, as produções escritas são apresentadas abaixo e comentadas, posteriormente. Esses textos são apresentado em sua versão original e, abaixo desta, a versão transcrita na íntegra, para facilitar a leitura, conforme as figuras de 1 a 5.

Figura 1 – Produção escrita realizada pela C2, C6 e C10.



Fonte: arquivo da pesquisadora

Verdadeira história do Gato Preto

Quando fui adotado por meu dono ele era um homem do bem quase não bebia. Ele tinha uma esposa e alguns bichos além de mim.

Parecia sufocado quando chegava em casa do bar, ficava estressado e quase queria me matar!

Um dia chegou do bar me pegou pelo pescoço com força, para minha defesa o arranhei mas assim mesmo ele me arrancou um olho e com isso fiquei com tralma dele.

Depois de uma semana no lugar do meu olho tinha um buraco.

Cinco dias depois ele chegou bêbado em casa maltratando os bichos mas o amor por mim continuava.

Noutro dia estava me procurando, por eu ter causado tanta desgraça mas não achou, e por isso arranhou um outro gato preto mas com uma mancha branca no corpo.

Voltando para a morte da esposa ele enterrou o cadáver na parede e passou reboco por cima.

Vários dias depois os policiais acharam o ladrão que no caso era um criminoso da morte da esposa e acharam o gato preto junto ao cadáver e assim prenderam meu dono.

Figura 2 - Produção escrita realizada pela C5



Fonte: arquivo da pesquisadora

A verdadeira história do gato preto

Tinha um homem que adorava animais, por isso ele tinha um monte de animais só que ele tinha um preferido que era o gato preto. Só que o home começou a entrar no mundo do alcoolismo e começou a ficar meio louco e teve um dia que ele ficou atrás do gato, e o gato querendo se defender arancou o homem e o homem com raiva arancou o olho do gato e o gato com muito medo e começou a evitar o homem e o homem com raiva inforçou o gato e o matou.

Figura 3 - Produção escrita realizada pela C7, C8, C11

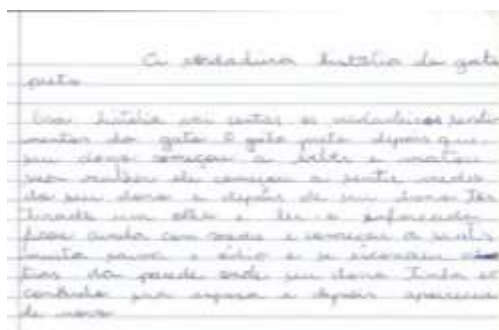


Fonte: arquivo da pesquisadora

A verdadeira história do gato preto

Eu sou o gato, é e eu moro em uma fazenda eu tenho uma família bem carinhosa e meu nome é Gato Preto já está ficando de noite eu vou dormir. Acho que ouvi um barulho na sala vou descer. Pum! Credo é meu chefe, e o que é isso na mão dele ele está me apertando Miauu...Desde agora eu odeio esse homem vocês não tem nosão do que ele me fez, ele me arrancou o olho, eu estou arrepiado e ele tem uma linda esposa ela é muito legal uma boa pessoa. Mas acho que meus dias de vida estão proximo de acabar e tenho certeza disso. Ele estava louco e bem que estava certo por que meus dias acabaram. Esse foi meu fim, pendurado em uma árvore enforcado. Mas essa história ainda não acabou ainda tem mais, depois de tudo isso ele encontrou um novo gato igualmente a mim com um olho arrancado, e esse gato o fizerá cair as escada e louco como estava matou sua própria esposa com uma machadada na cabeça, e a enterrou na parede. No dia seguinte os puliciais revistaram toda casa e ele como era burro bateu a bengala na parede e tudo foi descoberto, ele foi preso e final esse é o simples final...

Figura 4 - Produção escrita realizada pela C4, C13, C14

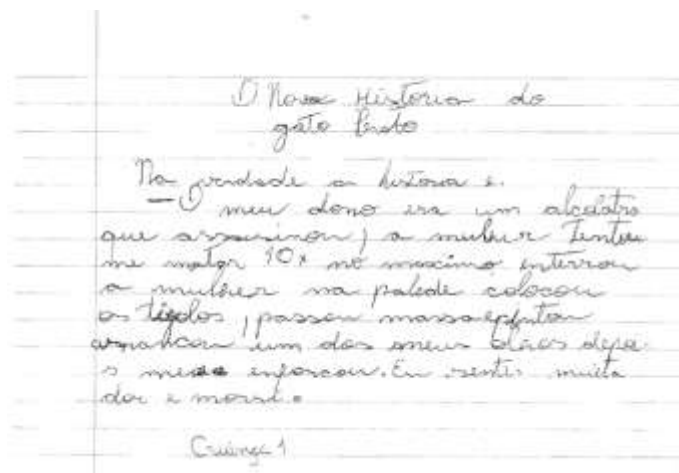


Fonte: arquivo da pesquisadora

A verdadeira história do gato preto

Essa história vai contar os verdadeiros sentimentos do gato. O gato preto depois que seu dono começou beber e matou sua mulher ele começou a sentir medo do seu dono e depois de seu dono ter tirado um olho e ter-o enforcado ficou ainda com medo e começou a sentir muita raiva e ódio e se escondeu atrás da parede onde seu dono tinha escondido sua esposa e depois apareceu de novo.

Figura 5- Produção escrita realizada pela C1



Fonte: arquivo da pesquisadora

A nova história do gato preto

Na verdade a história é.

- O meu dono era um alcolatra que assassinou, mulher tentou me matar 10 vezes no maximo enterrou a mulher na parede colocou os tijolos, passou massa e pintou arrancou um dos meus olhos depois me enforcou. Eu senti muita dor e morri.

Os textos apresentados nas figuras 12, 14 e 16 atenderam ao objetivo da atividade, tendo em vista que o gato é o narrador e os textos são escritos na primeira pessoa do singular, apresentando os fatos na versão do animal.

Já os textos que apresentados nas figuras 13 e 15 não atenderam ao objetivo da atividade de produção escrita, pois não houve a focalização não é a do gato que, nesse caso, devia ser o narrador de sua verdadeira história, enfatizando seus sentimentos diante das atrocidades cometidas por seu dono.

4.5.2.2 Atividade de ilustração da cena do conto *O Gato Preto* que mais chamou a atenção dos alunos

A atividade de produção artística da cena do conto que mais chamou atenção dos alunos se deu porque a ilustração também está associada a formas de expressão, linguagem e literatura. Além disso, o desenho pode ser considerado uma interpretação visual que atende ao propósito de comunicar ideias por meio da linguagem não verbal. Para a Estética da Recepção, o destinatário da obra não a recebe de forma pronta e passível, mas transforma o objeto recebido. À vista disso, afirma-se que a ilustração possibilitou a representação ativa dos alunos em relação ao conto estudado. E, em conclusão, esse momento do Método Recepcional é propício para comparar o horizonte de expectativas inicial dos alunos com o atual.

Igualmente ao procedimento da produção escrita, nesta são apresentadas as ilustrações feitas pelos alunos, conforme figuras 6 a 16 e, depois, a análise, em conjunto, destas.

Figura 6 - Desenho produzido pela C1



Fonte: arquivo da pesquisadora

Figura 7 - Desenho produzido pela C2



Fonte: arquivo da pesquisadora

Figura 8 - Desenho produzido pela C4



Fonte: arquivo da pesquisadora

Figura 9 - Desenho produzido pela C5



Fonte: arquivo da pesquisadora

Figura 10 - Desenho produzido pela C6



Fonte: arquivo da pesquisadora

Figura 11 - Desenho produzido pela C7



Fonte: arquivo da pesquisadora

Figura 12 - Desenho produzido pela C8



Fonte: arquivo da pesquisadora

Figura 13 - Desenho produzido pela C10



Fonte: arquivo da pesquisadora

Figura 14 - Desenho produzido pela C11



Fonte: arquivo da pesquisadora

Figura 15 - Desenho produzido pela C13



Fonte: arquivo da pesquisadora

Figura 16 - Desenho produzido pela C14



Fonte: arquivo da pesquisadora

Por meio da linguagem não-verbal, os alunos representaram o conto “O gato preto”, de Edgar Allan Poe. No entanto, o que se percebe é que o ambiente não condiz com o contexto retratado pelo conto. Nota-se que os desenhos feitos pelos alunos têm muito do que é proposto na sala de aula regular, apesar de apresentar elementos principais dessa narrativa de mistério. O que prevalecem nas ilustrações são elementos como a casa, o gato, as nuvens azuis e o sol, nas figuras 1, 4, 7, 9, que inclusive aparecem na figura 1, feita pela C1, com boca e olhos e a árvore que aparece em todas as ilustrações com a copa. Segundo relato dos alunos, essas características dos desenhos dos alunos são em decorrência das recomendações da professora da turma.

Em outras ilustrações, podemos perceber que o ambiente é mais semelhante ao conto lido, apresentam árvores com galhos tortuosos; o gato sendo enforcado como nas figuras 2, 3, 10 e 11; um ambiente mais sombrio como, por exemplo, na figura 6, que o gato é representado pela C7 com os olhos vermelhos e nem o sol, nem as nuvens aparecem e na figura 8, produzida pela C10 na qual o ambiente é noturno, tem a presença da lua e ênfase no tronco, onde o gato seria enforcado.

Na figura 5, a cena escolhida pela C6 foi diferente dos outros alunos, a ilustração representa o momento em que o dono do gato mata sua esposa com uma machadada na cabeça.

Todas as produções, apresentadas nesse episódio, foram realizadas na fase de ampliação do horizonte de expectativas.

4.5.3 Apresentação do vídeo da adaptação do conto *O Gato Preto*

No último episódio de ensino (nº 19), foi exibido o vídeo da adaptação do conto “O gato preto”, previsto no encontro anterior.

Episódio de ensino nº 19

- [30] PE- Vocês acharam parecido com o conto?
 [31] C10- Sim, principalmente o começo.
 [32] PE- Foi como vocês imaginaram o conto?
 [33] C10- Sim.
 [34] C7- Mais ou menos.
 [35] C6- Eu pensei que ele tinha encontrado o outro gato, no bar, e que o gato tinha uma mancha na barriga e não no pescoço.
 [36] C2- A mancha dele eu achei que fosse mais redonda, não que fosse um pouco misturada.
 [...]
 [69] PE- Alguns são delicados e os adultos não gostam de conversar sobre eles com as crianças, porque acham que é difícil de entender.
 [70] T- É mesmo.
 [71] C2- Eles que não entendem.
 (Recorte da gravação do dia 27/06/2016)

Respondendo à indagação da pesquisadora, os alunos manifestaram-se dizendo que acharam a história adaptada no vídeo bem parecida com a narrada no conto *O Gato Preto* por Edgar Allan Poe, e chegaram a observar que o começo do vídeo representou, precisamente, o início do conto lido (linha 31).

Em relação à imaginação que eles criaram sobre a leitura do conto, apareceram opiniões diferentes. Por exemplo, um aluno diz ter imaginado o conto como foi retratado pelo vídeo, outro diz que imaginou a mancha do gato com uma forma específica, pois a idealizou com base na descrição dada pelo autor do conto (linhas 33 a 36).

Os contos lidos durante as oficinas apresentaram assuntos como assassinatos, alcoolismo, maldades, perseguição, prática antropofágica, perigo, roubo, violência, entre outros, dos quais as crianças escutam em seu dia-a-dia e veem na televisão, mas, muitas vezes, são privadas dessas discussões. Essas privações podem estar relacionadas ao pouco conhecimento dos pais sobre tais assuntos, ou ao fato de não saber em como lidar com estes frente às crianças. Segundo depoimento dos alunos, os pais não conversam sobre alguns assuntos, porque acreditam que eles não entendem (linha 71). Conforme as autoras Bordini e Aguiar

(1993), a socialização do indivíduo se faz para além dos contatos pessoais, também através da leitura, por meio do código comum da linguagem escrita. À vista disso, percebemos a importância da leitura literária também para compreensão do mundo.

Para encerrar a aplicação do Método Recepcional, é indispensável destacar que, na etapa de ampliação do horizonte de expectativas, a intervenção garantiu que as leituras feitas com reflexão e ampliação de visão de mundo, em todas as etapas, fossem efetivadas não por obrigação, mas com interesse e, voluntariamente, pelos participantes da pesquisa.

Essa etapa foi desenvolvida com o objetivo de levar os alunos a avaliar o seu crescimento e perceberem o que ainda resta para ampliar seus conhecimentos sobre o conto de mistério, em específico, e sobre o código da literatura, de modo geral. Sob esse ponto de vista, entende-se que a ampliação do horizonte de expectativa dos alunos é garantida com um trabalho contínuo com o tema, bem como com a abordagem de outros temas também.

Em conclusão a última etapa do método, o encaminhamento dado aos alunos para ampliarem os horizontes de suas expectativas em diferentes perspectivas, num movimento interativo e crescente com novos textos que satisfizessem suas exigências pessoais de desenvolvimento, foram feitas indicações de leitura de outros textos dos sites disponibilizados em cada episódio de ensino. Os alunos também foram incentivados a emprestar livros na biblioteca distintos do que estavam acostumados a ler na escola e a levar para casa, tendo em vista a tomada de consciência apresentada sobre as alterações e novas aquisições obtidas por meio dessa experiência com a literatura.

O término da sequência dos textos trabalhados nesta experiência não finaliza o processo de ensino de leitura no Método Recepcional, mas propicia a continuidade do processo com outra sequência de textos classificados em nível fácil, intermediário e difícil a partir do horizonte de expectativas dos alunos conquistados na fase 5ª do método. Assim, tem-se o desenvolvimento do trabalho em espiral e num crescente, que leva à formação do leitor crítico e com distinção estética, que permite ao aluno ler textos literários cada vez mais complexos, ampliando, por sua vez, cada vez mais os horizontes de expectativas tanto quanto às questões literárias quanto às sociais.

4.6 Síntese da análise de dados

A análise dos dados demonstrou que, com os alunos da turma do 5º ano do Ensino Fundamental, que voluntariamente participaram da intervenção, o Método Recepcional mostrou-se produtivo, ainda que desenvolvido em 12 horas, tendo em vista que, por meio da leitura e de suas interpretações, os alunos fizeram inferência, sentiram necessidade de discutir os assuntos dos contos, foram curiosos e questionaram os vários significados de uma obra literária, de acordo com seu horizonte de expectativa. Assim, como no decorrer das aulas, foram ampliando seus horizontes de expectativas em relação à leitura dos textos do gênero conto de mistério, às características desse gênero e passaram a evidenciar maior facilidade no entendimento das diferentes ideias abordadas em cada obra. Essa avaliação foi feita considerando o exíguo tempo que foi concedido para a intervenção.

Apesar de os pontos positivos apresentados sobre a aplicação desse método, a pesquisa também apresentou alguns entraves como, por exemplo, o nível de leitura dos alunos, o baixo nível de conhecimento das palavras e o fato de não estarem habituados à leitura de contos longos. No entanto, os alunos foram superando suas dificuldades e, diante do interesse pelos contos oferecidos, criaram novas possibilidades de compreensão. Dessa forma, é pertinente afirmar que o estudo desse gênero da esfera literária possibilitou uma aprendizagem gradativa, tornando o aluno num sujeito com grandes possibilidades de ser leitor, isto é, com possibilidades de continuar a leitura literária sem a imposição da escola. Essa hipótese pode ser confirmada com a afirmação de Bordini e Aguiar (1993), segundo a qual o processo de recepção textual implica a participação ativa e criativa daquele que lê.

Nos episódios apresentados, é possível observar que, quando o nível de dificuldade dos contos ia tornando-se mais complexo, no decorrer das oficinas, os alunos buscaram outras maneiras para consubstanciar a assimilação de tudo que era lido, isso porque o texto passou a ter efeito sobre o leitor e vice versa. Considerando que cada criança possui conhecimentos singulares adquiridos no campo de experiência cultural em que se encontra inserida, esses diferentes olhares foram revelando-se diante da interação do aluno/leitor com a plurissignificação das obras literárias. Para Iser (1979), a interação é sempre produto de uma atividade interpretativa. Como pôde-se observar nos diálogos das discussões dos contos, houve

interpretação por parte dos participantes da pesquisa, portanto, houve interações entre alunos, obra e autor e, por isso, os objetivos da intervenção foram atingidos.

A pesquisa, de certo modo, comprova a afirmação de Fernandez (2001, p. 64): “Quanto mais se compreende a assimetria entre o texto e o leitor e, as condições da interação entre ambos, mais me convenço da importância da mediação nos trabalhos com a leitura na escola.”

A análise dos fragmentos dos diálogos que constituíram os episódios de ensino mostra que a experiência literária realizada por meio do Método Recepcional de leitura, mesmo durante um tempo exíguo, forneceu indícios de que a intervenção ancorada na Estética da Recepção foi capaz de promover desenvolvimento dos alunos em relação à leitura de textos literários. Esse resultado permite-nos inferir que a utilização desse método em processos de ensino de literatura regular, com tempo suficiente para a fruição e discussão dos textos, que houve desenvolvimento dos alunos em relação à leitura de textos literários e que, se continuado o trabalho, provavelmente ocorreria a transformação desses alunos em agentes de seu processo de ensino e aprendizagem.

Na condição de ensino regular, com autonomia docente, sem a pressão do tempo, o efeito desse desenvolvimento tomaria proporções ainda maiores de autonomia dos alunos enquanto agentes de seu próprio processo de aprendizagem. É esse processo que vai transformando os alunos em leitores, capazes de sentirem fruição diante da obra literária e de pensar a literatura e o mundo que o cerca de forma consciente e crítica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do presente trabalho a leitura literária foi analisada como ferramenta que possibilita uma formação pessoal e social de qualidade aos alunos. Com a teoria da Estética da Recepção aplicada pelo Método Recepcional, observamos que ocorreu um desenvolvimento cognitivo das especificidades do conto de mistério e da capacidade crítica pelas crianças, bem como uma ampliação nos seus horizontes de expectativa, nos aspectos pessoal, sociocultural e na forma de conceber a arte literária.

A resposta ao questionamento que norteou a pesquisa (O Método Recepcional, mesmo num curto período de intervenção, contribui para que o aluno seja agente de seu processo de leitura e aprendizagem continuamente?) é construída conjugada com a resposta do terceiro objetivo específico (identificar indícios da transformação dos alunos em agentes de seu processo de leitura e aprendizagem em decorrência da aplicação do Método Recepcional), dada a compatibilização que há entre ambos, por este ser um desdobramento daquela. Em nossa avaliação, consideramos que mesmo a intervenção pedagógica de mediação de leitura literária ter sido realizada em apenas onze semanas, em 22 encontros de 30 minutos cada, ofereceu indícios de que os alunos podem ser agentes do seu processo de leitura e aprendizagem, se o ensino de leitura literária (e também não-literária) for concretizado, ao longo dos anos escolares, por um processo contínuo embasado no Método Recepcional.

Reportando-nos, agora, aos outros dois objetivos, em nosso ponto de vista, o pouco tempo disponibilizado para o desenvolvimento da intervenção do Método Recepcional não empecilho para respondê-los positivamente. Claro que se o tempo fosse mais extenso, os resultados apresentados teriam sido otimizados.

Em relação ao primeiro objetivo específico (elaborar uma unidade didática englobando os cinco passos que compõem o Método Recepcional e desenvolvê-la por meio de oficinas) foi totalmente cumprido. Foram elaboradas as unidades didáticas que englobaram os cinco passos que compõem o Método Recepcional, as quais foram desenvolvidas por meio de oficinas. O resultado dessas oficinas, demonstrado nos diálogos das crianças com a pesquisadora, aponta que houve fruição literária pelas crianças na medida em que elas demonstravam interesse na leitura dos contos;

aprendizagem progressiva dos alunos em relação às características específicas do conto de mistério e posicionamentos pessoais sobre a forma de ver o mundo a partir das discussões dos textos estudados. A partir desses posicionamentos foi possível apreender criticidade nas interpretações dos contos feitas pelas crianças durante a fruição da leitura dos contos, de diferentes níveis de complexidade.

Quanto ao segundo objetivo específico (verificar em quais aspectos de leitura o horizonte de expectativa dos sujeitos foi ampliado), observamos que o horizonte de expectativas dos participantes da intervenção foi ampliado em diferentes aspectos. Ao participar do processo de leitura, os alunos entraram em contato com manifestações socioculturais no tempo e no espaço histórico e, dessa interação, deu-se uma ampliação de conhecimentos que lhes permitiram compreender seu papel como sujeito histórico e ativo, com a vantagem de terem sido sensibilizados à linguagem literária.

Diante da síntese aqui feita, pode-se dizer que o objetivo geral deste trabalho foi atendido na medida em que demonstramos ter havido transformação/ampliação dos horizontes de expectativas de seus participantes em relação às temáticas dos contos de mistério. De certo modo, o trabalho de intervenção levou-os a assumir o papel ativo de leitor, fazendo-os produzir leituras literárias compreensivas e críticas.

À vista dos resultados obtidos nesta pesquisa, acreditamos na necessidade de o professor se inteirar de teorias e metodologias que respaldam seu trabalho com a mediação da leitura de modo geral, e da leitura da literatura, de modo específico, pois, assim, torna-se possível a concretização de trabalhos que levem os alunos a assumirem seu papel de leitor compreensivo e responsivo.

No que se refere ao tempo de execução da intervenção, em conformidade ao que apontamos em vários momentos do trabalho, ressaltamos duas grandes dificuldades encontradas no seu desenvolvimento. A primeira, e maior delas, foi o exíguo tempo concedido para que as oficinas acontecessem; a segunda foi o fato de os alunos não estarem habituados à leitura de textos de maior extensão e com um grau maior de complexidade, como os que foram estudados nas etapas de *ruptura* e *ampliação do horizonte de expectativas*. No entanto, foi possível realizar todo o trabalho planejado durante o tempo oferecido e a dificuldade dos alunos também foi sendo superada, gradualmente, no decorrer das oficinas, das leituras e das discussões produzidas nas oficinas.

Ressalvamos que este trabalho não se esgota em si; oferece a possibilidade de aprofundamento, tanto no estofo teórico como na aplicação do Método Recepcional, realizando outra pesquisa, em nível de mestrado, e com tempo suficiente para a intervenção com o método. Assim, para um trabalho futuro, é viável pensar em uma nova aplicação do método, que evolui em espiral, com outros gêneros literários, haja vista a carência da escola no que diz respeito a métodos de ensino para o trabalho com a leitura literária. Conforme Bordini e Aguiar (1993, p. 152), os métodos de ensino são significativos porque “[...] implicam uma possível concepção pedagógica de caráter transformador, não restringindo o estudo da literatura a ela mesma, como universo fechado ao contexto sócio-histórico.”

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1982.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.

CARR, Stella. **O enigma do outro lado**. Disponível em: <<https://professoraanaclaudiazeszotko.wordpress.com/tag/sequencia-didatica/>> Acessado em: 15/04/2016.

DICKENS, Charles. **A história dos duendes que raptaram um coveiro**. Disponível em: <http://minhateca.com.br/cesar.ojeda/Documentos/Books+1/Charles+Dickens++A+Hist*c3*b3ria+dos+Duendes+que+Raptaram+um+Coveiro,460758108.pdf> Acessado em: 15/04/2016.

GOMES, Paulo André. **Perseguição**. Disponível em: <<http://contosdepagomes.blogspot.com.br/2011/02/perseguiacao-paulo-andre-t-m-gomes-texto.html>>. Acessado em: 11/04/2016.

HITCHCOCK, Alfred. **Sufoco**. Disponível em: <<http://varregoso.blogspot.com.br/2006/03/um-pequeno-conto-de-hitchcock.html>> Acessado em: 11/04/2016.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: 34, 1999.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, Hans Robert. et al. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LANZIERI, Luiz. **O mistério do homem de preto**. Disponível em: <<http://contosgrotescos.blogspot.com.br/2010/11/o-misterio-do-homem-de-preto.html>> Acessado em: 15/04/2016.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MARTINS, Maria Helena (Org.). et al. **Questões de linguagem**. São Paulo: Contexto, 2001.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. Brasiliense: São Paulo, 1988.

POE, Edgar Allan. **O gato Preto**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/soft-livre-edu/vaniacarraro/files/2013/04/o_gato_preto-allan_poe.pdf> Acessado em: 11/04/2016.

POE, Edgar Allan. **O retrato oval**. Disponível em: <<http://edgarallanpoe2k.blogspot.com.br/2009/01/o-retrato-oval.html>> Acessado em: 15/04/2016.

PORTO, Sérgio. **Conto de mistério**. Disponível em: <http://www.casadobrux_o.com.br/poesia/s/sergio20.htm> Acessado em: 11/04/2016.

PORTO, Sérgio. **O grande mistério**. Disponível em: <<http://www.casadobruxo.com.br/poesia/s/sergio06.htm>> Acessado em: 12/04/2016.

PRIETO, Helóisa. **O Fantasma da sorte**. Disponível em: <<http://blog.educacional.com.br/blog5n1u1/files/o-fantasma-da-sorte-complementar.pdf>> Acessado em: 11/04/2016.

UFSCAR, Departamento de Artes e Comunicação. **O gato preto**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=g18i5is2fMM>> Acessado em: 12/05/2016.

VITORINO, Isabelle. **Resenha Especial**: O Retrato Oval por Edgar Allan Poe. Disponível em: <<http://www.mundodoslivros.com/2013/10/resenha-especial-o-retrato-oval-por.html>> Acessado em: 12/05/2016.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZILBERMAN, Regina. A representação da família. In: **A literatura infantil na escola**. São Paulo, 2003, p. 204 – 221.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido

Solicitamos o **consentimento** da Dirigente Regional de Ensino de Duartina-SP para a realização de ações vinculadas ao desenvolvimento da pesquisa "**Método Recepcional: ampliando as habilidades de leitura**", em nível de Graduação. A pesquisa será desenvolvida por revisão bibliográfica, aplicação do método recepcional e oficinas de leitura na Escola Municipal de Ensino Fundamental "João Solimeo, na cidade de Duartina, SP. O objetivo deste trabalho é transformar os horizontes de expectativas dos alunos e leva-los a assumir o papel ativo de leitor, para produzir leituras compreensivas e críticas, segundo os objetivos de aprendizagem para o 5º ano do Ensino Fundamental. O intuito é ampliar seus horizontes de expectativas em relação ao gênero conto de suspense e refletir sobre a importância da leitura no processo de transformação do sujeito leitor, conforme propõe o Método Recepcional.

O estudo proposto integra o Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação de Licenciatura em Pedagogia, da UNESP de Bauru - SP, sob a orientação da Profª. Drª. Rosa Maria Manzoni. Os dados colhidos serão eticamente tratados, seguindo as normas prescritas pelo Comitê de Ética em pesquisa envolvendo seres humanos.

Em respeito às normas de ética (Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde), cumpre salientar que a pesquisa supracitada tem exclusivamente objetivos de natureza acadêmica e científica. Deste modo, esclarecemos que as identidades das crianças serão preservadas e que **não haverá nenhum tipo de divulgação comercial** das informações coletadas. Informamos também que nenhuma das ações propostas envolverá risco de dano físico ou moral aos envolvidos na pesquisa.

Agradecemos a autorização para a realização da referida pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais.

Atenciosamente,

Profª Drª Rosa Maria Manzoni

Pesquisadora responsável

Gabriela Maria de Faria Gonçalves Silva

Pesquisadora discente

APÊNDICE B - Autorização Dirigente Regional de Ensino

Eu, _____, dirigente regional de Ensino, Duartina-SP, RG _____, residente e domiciliada à Av./Rua _____, Bairro _____, na cidade de _____ UF _____ CEP _____, e-mail _____, telefone (____) _____, declaro estar ciente dos objetivos da pesquisa **"Método Recepcional: ampliando as habilidades de leitura"**, de responsabilidade da Profª Drª Rosa Maria Manzoni e da discente Gabriela Maria de Faria Gonçalves Silva, **manifestando o meu consentimento** para a realização dessa pesquisa, no âmbito da Diretoria Regional de Ensino – Duartina-SP, com a publicação do material coletado e produzido por meio desta, na forma de Dissertação de Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia.

Duartina, _____ de _____ de 2016.

Dirigente Regional de Ensino de Duartina-SP

APÊNDICE C - Termo de assentimento livre e esclarecidos aos responsáveis**IDENTIFICAÇÃO DO VOLUNTÁRIO**

Nome do responsável:

RG:

Declaro ter sido informado(a) de maneira clara e detalhada sobre as justificativas, os objetivos e a metodologia da pesquisa intitulada “Método Recepcional: ampliando as habilidades de leitura”, bem como as atividades envolvidas.

Estou ciente de que a privacidade do(a) meu/minha filho(a) será respeitada, ou seja, o nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, identificar meu filho(a) serão mantidos em sigilo.

Estou ciente de que posso recusar a participação de meu filho(a), retirar meu consentimento ou interromper a participação dele(a) a qualquer momento, sem precisar justificar.

Estou ciente de que a participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

Estou ciente de que meu/minha filho(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação, palestra, curso, etc., que possam resultar deste trabalho.

Declaro que concordo com a participação de meu/minha filho(a), como voluntário(a), da pesquisa acima descrita.

Recebi uma cópia deste Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Duartina, ____/____/____

Assinatura

APÊNDICE D - Unidades didáticas

1 - Determinação do horizonte de expectativa

- 1) Vocês consideram a leitura uma diversão ou uma chateação?
- 2) Vocês costumam ler fora da escola?
- 3) Ler na escola é diferente de ler em casa? Por quê?
- 4) O que vocês conhecem sobre o gênero contos de mistério?
- 5) O que vocês esperam aprender com esses contos?
- 6) Alguém já ouviu histórias de suspense? Qual?
- 7) Já leu algum livro? Qual?
- 8) Quem leu gostou? Por quê?
- 9) Quais os tipos de assuntos que podem ser abordados nesse tipo de contos?
Por quê?
- 10) Ao ouvir um conto de mistério, vocês conseguem prever o que vai acontecer?
Por quê?

2 - Questionamento conto “Perseguição”

- 1) Qual o tipo de leitura vocês preferem fazer: silenciosa ou em voz alta, individual ou compartilhada ?
- 2) O que vocês acharam do texto “Perseguição”?
- 3) Os acontecimentos narrados no texto estão relacionados ao título?
- 4) Você considerou fácil lê-lo ?
- 5) Tiveram dificuldade de compreender?
- 6) Qual parte você mais gostou?
- 7) Teve alguma coisa que não gostou? O quê?
- 8) Vocês sabem qual é a estrutura desse texto?
- 9) Vocês conhecem as características da narração?
- 10) E a estrutura do conto de mistério, vocês já conhecem ?
- 11) O narrador realmente sofreu uma perseguição? Em que momento você percebeu isso?
- 12) O que aconteceu na verdade?

3 - Questionamento “Conto de mistério”

- 1) O texto apresenta palavras que você desconhece? Quais?
- 2) Em quais aspectos esse conto de mistério se diferencia do conto “Perseguição”?
- 3) O que você achou que ia acontecer depois de ler o início da história?
- 4) Quem são os personagens?
- 5) O que vocês imaginaram que o homem estava comprando?
- 6) Qual era o mistério por trás desse encontro?
- 7) Qual era a senha?
- 8) Você achou o conto interessante? Por quê?

4- Questionamento “O fantasma da sorte”

- 1) Vocês gostaram do conto “O fantasma da sorte” ? Por quê?
- 2) Vocês encontraram palavras que não sabem o significado no texto ? Quais são?
- 3) Todos os fantasmas são do bem?
- 4) Esse conto se parece com as histórias que vocês ouvem na escola? Por quê?
- 5) O conto “O fantasma da sorte” é parecido ou diferente dos contos de mistério que lemos até agora? Por quê?
- 6) Em sua opinião por que o fantasma é da sorte?
- 7) Vocês concordam que o final desse conto é o mesmo que os de contos de fadas?
- 8) Na opinião de vocês, o final feliz é uma característica do gênero conto de mistério? Por quê?
- 9) Quais são as palavras presente no conto que são características de um conto de mistério?

5- Questionamento “O grande mistério”

- 1) Vocês encontraram mais palavras desconhecidas nesse conto? Quais?
- 2) De onde os personagens achavam que vinha o cheiro? E vocês?
- 3) Quem foi prejudicado por conta do odor suspeito? Por quê?
- 4) Qual foi o desfecho do conto “O grande mistério” ?
- 5) Quem era realmente culpado? Em que parte vocês descobriram?

- 6) A narrativa desse conto de mistério omite alguma informação?
- 7) Esse texto despertou sua curiosidade? Por quê?

6- Questionamento “O retrato oval”

- 1) Foi difícil realizar a leitura do conto “O retrato oval” ? Por quê?
- 2) O conto apresenta muitas palavras que vocês não conhecem ou acharam complicadas de entender? Quais?
- 3) Em sua opinião, o que o título do conto sugere?
- 4) Vocês entenderam os fatos narrados no conto? Ou tiveram dificuldade?
- 5) Vocês consideram que esse conto é macabro? Por quê?
- 6) A conversa com os colegas ajudou compreender o conto ou atrapalhou? Por quê?
- 7) Em relação ao narrador, qual mudança percebida entre esse conto e os anteriores?

7- Questionamento “O enigma do outro lado”

- 1) O que significa enigma?
- 2) O que será que aconteceu com os irmãos de Nanico?
- 3) O que vocês imaginam que acontece aos personagens após passar pela porta?
- 4) Os personagens acham que não precisam ter medo. Vocês concordam com ele? Por quê?
- 5) Que lugar é esse que eles são levados?
- 6) O que vocês imaginaram que o homem faria com a última personagem?
- 7) Qual era o grande segredo?
- 8) Quem são os personagens desse conto?

8- Questionamento “O mistério do homem de preto”

- 1) O que vocês sentiram ao ler esse conto?
- 2) Sabem o que significa clorofórmio?
- 3) O que o homem de preto fazia com as pessoas? Por quê?
- 4) O que vocês sabem sobre a antropofagia?
- 5) Matar pessoas para comer é considerado normal em nossa sociedade? Por quê?

- 6) Esse tipo de coisa acontece nos dias de hoje?
- 7) Você já ficou sabendo de algum caso parecido com esse? Como?
- 8) Por que o delegado não acreditou no Ross?
- 9) Vocês acreditariam?
- 10) A narrativa desse conto se estrutura de forma a criar suspense? Por quê ?
- 11) Qual foi o desfecho do conto “O mistério do homem de preto” ?
- 12) O que vocês acham que aconteceu com o Ross? Por quê?

9- Questionamento “O Sufoco”

- 1) Vocês tiveram dificuldade para entender o conto “Sufoco”? Por quê?
- 2) Quais são as palavras que impediram o entendimento completo desse conto?
- 3) Vocês conseguiram relacionar o título à história?
- 4) Quais sentimentos são centrais no conto “Sufoco”?
- 5) Como é o lugar descrito pelo narrador?
- 6) Você considera que esse conto é de terror? Por quê?
- 7) Do que a moça estava fugindo?
- 8) E o que ela encontra?
- 9) Por que a pureza dela era assustadora para as pessoas que estavam naquele bar?
- 10) O que acontece com ela após ser vista e perseguida pelos homens?
- 11) Vocês acham histórias como essa acontecem na vida real? Por quê?
- 12) Em quais aspectos esse conto se parece com o conto “O mistério do homem de preto” lido anteriormente?
- 13) Qual o motivo dela sentir-se sufocada?
- 14) Na opinião de vocês, por que o dentista surge na história?

10 – Questionamento de retomada “O retrato oval”

- 1) Existe dois tipos de narrador. O primeiro é aquele que se faz presente nos acontecimentos, sendo de alguma forma personagem da narrativa. O segundo tipo é uma entidade que não se faz presente na ação. Como podemos classificar o narrador do conto “O retrato oval” ?

- 2) Depois de lermos o conto, aprendemos as palavras desconhecidas e discutimos sobre a história narrada. Agora, lendo novamente, vocês ainda tiveram dificuldades para compreender o conto? Por quê?
- 3) Vamos rever os acontecimentos do conto: O que acontece? Quando acontece? Como acontece? Onde acontece? Por quê?

11- Questionamento do Horizonte de Expectativas

- 1) O que vocês aprenderam sobre o gênero conto de mistério?
- 2) E sobre a narração?
- 3) Vocês aprenderam o que esperavam?
- 4) Qual é o enredo ou quais são os momentos de um conto de mistério?
- 5) Quais assuntos foram abordados nos contos lidos nas oficinas ?
- 6) Vocês estão gostando das oficinas? Por quê?
- 7) Consideram que aprenderam o significado de novas palavras? Por quê?
- 8) Além das palavras, a escrita e as histórias retratadas nos contos apresentados, eram diferentes das que vocês estavam acostumados?

12- Questionamento “A história dos duendes que raptaram um coveiro”

- 1) Quais palavras deste conto são desconhecidas para vocês?
- 2) Tiveram dificuldades na leitura?
- 3) Este conto foi escrito em 1985, a época em que ele foi escrito influencia a linguagem do texto? Por quê?
- 4) Qual o conflito desse conto?
- 5) O que Gabriel Grub fazia no cemitério na véspera de natal? Por quê?
- 6) Em sua opinião o personagem era taciturno por causa de sua profissão? Por quê?
- 7) Qual é o motivo pelo qual os duendes aparecem na história? Eles são bons ou maus? Por quê acham isso?
- 8) Gabriel Grub foi raptado ou teve alucinações? Ele realmente sumiu?
- 9) Do que o personagem se arrepende? Por quê?
- 10) Vocês gostaram deste conto?

13- Questionamento “O gato preto”

- 1) Vocês sentiram dificuldade em fazer a leitura do conto “O gato preto”? Por quê?
- 2) Por que Edgar Allan Poe escolheu o gato preto? Não poderia ser qualquer outro animal?
- 3) Quem narra a história?
- 4) É um narrado em 1º ou 3º pessoa?
- 5) Podemos acreditar em tudo que o narrador conta? Por quê?
- 6) Qual era a doença de que o narrador sofria?
- 7) O que sabem sobre alcoolismo? Consideram uma coisa boa ou ruim?
- 8) Vocês mudariam alguma coisa nessa história? O quê?
- 9) O conto lhe causou horror? Por quê?
- 10) Assim como o gato da história outros animais sofrem maus-tratos. Vocês conhecem alguma história de violência contra animais?

14- Questionamento sobre o vídeo: “O gato preto”

- 1) O que vocês acharam da adaptação do conto de Edgar Allan Poe? Por quê?
- 2) Foi como vocês imaginaram o conto?
- 3) Assistir a adaptação em vídeo ajuda na compreensão do conto?
- 4) Vocês gostaram das atividades que desenvolveram sobre o conto “O gato preto”? Por quê?

APÊNDICE E - Transcrições das gravações

Siglas:

C1-	Criança 1
C2-	Criança 2
C3-	Criança 3
C4-	Criança 4
C5-	Criança 5
C6-	Criança 6
C7-	Criança 7
C8-	Criança 8
C9-	Criança 9
C10-	Criança 10
C11-	Criança 11
C12-	Criança 12
C13-	Criança 13
C14-	Criança 14
PE-	Pesquisadora
T-	Todos

Gravação – 18/04/2016 (15h34min – 15h45min)

- [1] PE- Oh, então, eu vou fazer 12 perguntas no total; uma de cada vez. Eu faço uma, vocês respondem; eu faço outra e vocês respondem. Tá bom? Vocês consideram a leitura uma diversão ou uma chateação?
- [2] T- Uma diversão!
- [3] C3- Uma diversão.
- [4] C4- Diversão.
- [5] C5- Diversão.
- [6] C1- Sora, se a gente tá aqui é porque é diversão, né?
- [7] C6- Diversão, porque ler é legal.
- [8] C2- Diversão.
- [9] PE- Mas vocês viram que teve gente que respondeu que não gosta e não quis participar.
- [10] C6- Ler ajuda a imaginar a imaginação.
- [11] PE- E vocês leem fora da escola?
- [12] C1- Sim.
- [13] C3- Sim.
- [14] C4- Sim.
- [15] C2- Sim.
- [16] C5- Sim.
- [17] PE- Todo mundo?
- [18] C6- Eu leio.
- [19] C3- Eu trouxe um livro do Carrossel, leio todo dia.
- [20] C1- Eu leio “Palavras, palavrinhas, palavronas”.
- [21] PE- E vocês consideram que ler, na escola, é diferente de ler em casa?
- [22] C3- Sim.
- [23] C4- Sim.
- [24] C1- Sim.
- [25] C6- Sim.
- [26] C2- Sim.
- [27] C5- Sim.

- [28] PE- Por quê?
- [29] C3- Porque tem uma professora, a gente tem uma pessoa ali que explica pra gente, caso a gente não entenda.
- [30] (C1 tinha levantado a mão)
- [31] C1- Mesma coisa.
- [32] C5- E também porque a leitura da professora ela troca de, ela ..., tem personagem que ela fala com voz diferente.
- [33] PE- Ah, a entonação e a mudança da voz ?
- [34] C5- É.
- [35] PE- Quando ela tá lendo, por exemplo, uma história, ela faz uma voz diferente pra cada personagem?
- [36] C3- É. Ela faz tipo de assombração, de criança, ...
- [37] C6- E muda também o ambiente, não é igual. Na minha casa, eu posso ficar deitado, só que, na sala, eu fico sentado.
- [38] C3- E eu presto mais atenção.
- [39] PE- E em casa a gente lê sozinho, não é? E, na escola, a gente tem a professora, [40] tem os amigos.
- [41] C6- Tem os amigos chatos que ficam conversando.
- [42] PE- E também tem os amigos que não querem ouvir e atrapalham, porque ficam conversando.
- [43] C1- Tem que parar a leitura pra fazer outra coisa.
- [44] PE- Agora, eu quero saber o quê vocês conhecem sobre o gênero contos de mistério.
- [45] C3- É de Suspensão, ação.
- [46] C1- Ação, comédia.
- [47] C5- Terror.
- [48] C6- Dá mais emoção também.
- [49] PE- Mais emoção?
- [50] C6- É, dá um mistério.
- [51] C3- É uma história que começa triste, aí, o meio dela é aterrorizante e o final é feliz.
- [52] PE- Alguém já ouviu história de suspense?
- [53] C3- Eu já.
- [54] C1- Muitas... Filmes, histórias, vídeos...
- [55] C4- Mas filme é diferente de história.
- [56] C3- Bem diferente.
- [57] PE- É diferente, mas sabe o que, às vezes, tem em comum? O livro tem um título, e uma história, não tem? Ele acaba virando filme, ele é adaptado. Muitos dos filmes que a gente já assistiu surgiram a partir dos livros. Alguns não, mas a maioria tem. Iguais os filmes infantis, por exemplo, a gente tem os livros e os filmes.
- [58] C1- O sítio do Pica-pau amarelo.
- [59] C2- A cinderela, a branca de neve e os sete anões.
- [60] PE- Sim, vários. E já leram algum livro?
- [61] C1- Eu já.
- [62] C3- Alice no país das maravilhas.
- [63] C1- Shrek.
- [64] PE- E a professora já contou alguma história? Ela falou que ia ser de suspense ou de mistério?
- [65] T- Sim.
- [66] PE- E quem leu a história de suspense, gostou?
- [67] C1- Aham. Igual o filme "A culpa é das estrelas", a menina tá com câncer e, depois, no lugar dela morrer, o outro morre, o namorado dela.
- [68] PE- É, então, porque a gente fica sem saber o que vai acontecer.
- [69] C1- É, e aí tem que assistir. Assistir até o final pra ver o que vai acontecer.
- [70] PE- "A culpa é das estrelas" eu vi. Na verdade, é uma história de romance, mas tem mistério.
- [71] C6- Sempre em romance tem suspense.
- [72] C1- Oh, Sora, ninguém sabe que ele vai morrer, aí, depois, ele morre.
- [73] C3- "Em busca de vingança" é um filme de terror também e, de repente, ele acaba. Você não sabe nem o que aconteceu, se ele acaba feliz ou triste.
- [74] PE- Tem alguém que não leu?
- [75] C2- Eu.
- [76] C6- Eu. Eu assisti filme.
- [77] C3- Eu também não li.
- [78] C5- Nem eu.

- [79] C6- Eu já ouvi histórias de suspense.
- [80] PE- Você ouviu histórias, contos, mas nunca pegou um livro e leu. É isso?
- [81] C3- É.
- [82] C2- Sim.
- [83] C1- De mistério tem o livro "Aconteceu em talvez".
- [84] PE- É, pelo título tem mistério. Você pode trazer?
- [85] C1- Sim.
- [86] C3- "Aconteceu em talvez" é um livro que...
- [87] C1- É tudo embaralhado, ele vai brincar e aparece em outro mundo.
- [88] C3- De repente, ele aparece no mundo do talvez, onde todo mundo é estranho. [89] E o homem não gosta dele, quer mandar ele de volta.
- [90] C1- E ele pode mudar de nome a hora que ele quiser.
- [91] C3- Mas acaba tudo bem.
- [92] PE- Quais os tipos de assuntos que podem ser abordados nesse tipo de contos?
- [93] C1- Como é o nome daquele livro que você pegou, C5?
- [94] C6- É suspense. É coisa de gente adulta, que tem aquelas letrinhas, que não tem nenhuma página com desenho, só escrito, escrito...
- [95] C3- Tem um que tem o homem com a cara cheia de sangue assim e o corpo de lado.
- [96] PE- Esses são de terror, na verdade, mas também tem suspense.
- [97] C3- É, tem suspense.
- [98] C1- Tem aquele outro livro de suspense que a sora leu, "Maria angula".
- [99] C1- Era assim, ela queria fazer um ensopado de alguma coisa e a vizinha disse que tinha que pegar um difunto fresco.
- [100] C3 - É, do primeiro que aparecesse.
- [101] C1- E tirar as tripas para fazer um prato pro marido. Aí ela pegou de um homem [102] que tinha acabado de morrer, fez a comida e o marido comeu. E depois o morto voltou pra assombrar ela, pedindo as tripas de volta.
- [103] C5 - Ele falava assim "Maria, devolva minhas tripas."
- [104] T- Maria angula, devolva minhas tripas!
- [105] PE- É de assombração! Então, também tem suspense.
- [106] C6- Aí, depois, a Maria sumiu, o marido dela não achava mais ela.
- [107] C2- O morto deve ter pegado as tripas dela e colocado nele.
- [108] C1- Quando ela tava dormindo, ele deve ter pegado ela e puxado pro túmulo dele.
- [109] PE- Onde vocês ouviram essa história?
- [110] T- Na sala de leitura.
- [111] C1- Na sala, com a nossa professora.
- [112] C2- Ele não fala que matou ela ou que tirou as tripas.
- [113] C3- É, não fala se matou ou não.
- [114] PE- É assim que é um conto de suspense. Ele não falou que matou ela, mas ninguém nunca mais encontrou.
- [115] C4- Não fala que matou, mas, depois desse dia, o marido dela não achou mais ela.
- [116] PE- Ao ouvir um conto de mistério, vocês conseguem prever o que vai acontecer?
- [117] C3- Não.
- [118] C1- Não.
- [119] C2- Não.
- [120] C6- Não.
- [121] C4- Não.
- [122] C5- Mais ou menos.
- [123] C3- Tem história que dá pra saber mais ou menos.
- [124] PE- Em algumas histórias, o escritor apresenta um fato importante, logo no início, e, a partir disso, conseguimos deduzir o que vai acontecer.
- [125] C1- Tipo o desenho do Scooby doo. Começa, aí eles vão achando as pessoas suspeitas. Aí, no final, tem os que não fazem parte de nada e é culpa deles.
- [126] PE- É verdade, às vezes, as pessoas que a gente acredita serem culpadas não tem nada a ver e os que parecem inocentes são os culpados. E por que será que não dá pra saber?
- [127] C1- Porque tem que ler o livro inteiro.
- [128] C3- Porque tem que ler o livro inteiro, senão você não entende nada do que acontece.
- [129] C4- Se perder uma parte fica difícil entender.
- [130] PE- O gênero conto de mistério apresenta muitos detalhes em suas histórias, então precisamos ler inteiro pra desvendar e saber o que aconteceu no fim. Se pular um parágrafo, podemos perder ..

- [131] C3- Depois vai ser difícil de entender ela.
 [132] PE- Exatamente. Se não fizermos a leitura completa, a história pode perder o sentido.
 [133] C5- Igual na história da “Maria Angula”, que a professora leu inteira, deu pra entender.

Gravação – 20/04/2016 (15h34min - 16h01min)

- [1] Vocês consideram a leitura uma diversão ou uma chateação?
 [2] C14- Diversão.
 [3] C13- Diversão.
 [4] C11- Diversão.
 [5] C8- Diversão.
 [6] C10- Os dois. Às vezes diversão, às vezes chateação.
 [7] C12- Diversão.
 [8] C7- Diversão.
 [9] C9- Diversão.
 [10] PE- E vocês leem fora da escola?
 [11] C14- Não.
 [12] C13- Não.
 [13] C11- Não.
 [14] C8- Às vezes.
 [15] C10- Sim.
 [16] C7- Às vezes.
 [17] C12- Às vezes.
 [18] C9- Às vezes.
 [19] PE- E quem não lê, é porque não leva livro da escola?
 [20] C6- Leva, mas fica com preguiça e não lê. Só de vez em quando.
 [21] PE- E vocês consideram que ler, na escola, é diferente de ler em casa?
 [22] C14- Não.
 [23] C13- Não.
 [24] C11- Sim.
 [25] C8- Sim.
 [26] C10- Dependendo.
 [27] C7- Sim.
 [28] C12- Não. Às vezes.
 [29] C9- Sim.
 [30] PE- Por quê?
 [31] C11- Por que, lá em casa, a gente lê só pra gente e, na escola, tem a professora.
 [32] C7- E também, porque você é ouvida por outras pessoas.
 [33] PE- Por que lemos em voz alta. É isso?
 [34] T- Sim.
 [35] C11- Em casa, não tem barulho e, na escola, tem.
 [36] PE- Pode acontecer o contrário também, porque se tem bastante gente em casa conversando, aí vamos ouvir barulhos. Temos que procurar um lugar onde esteja silêncio.
 [37] C3- A professora pode ler, aí tem um ponto assim.. ela faz o gesto do jeito que é a história e, em casa, a gente só lê pra gente mesmo.
 [38] PE- É verdade, mas quando lemos em casa também imaginamos como é a história na nossa cabeça?
 [39] (C10 levanta a mão.)
 [40] PE- Pode falar, C10.
 [41] C10- É que lá na minha casa moram 7 pessoas e é difícil eu conseguir ler por causa que o meu vizinho tem um filho pequeno e ele gosta de ir muito na minha casa. Aí, eu tenho brinquedos e ele quer brincar e quando eu não dou, ele grita. Ele fica fazendo barulho do trator, do caminhão.
 [42] PE- É, então, às vezes, a gente não tem lugar em silêncio pra ler como, por exemplo, a casa do C10, porque as pessoas geralmente ficam conversando. E na biblioteca da escola, temos que fazer silêncio pra ler e não atrapalhar o outro.
 [43] C10- Tem também o barulho da Televisão.
 [44] C6- Ou é bom até ponhar uma música pra ler, assim...
 [45] PE- Sim, tem gente que consegue ler ouvindo música e prestar atenção na leitura.
 [46] C3- Eu não consigo.
 [47] PE- Eu também acho mais difícil. A não ser que você acostume e se concentre bastante na leitura, aí você consegue ler, mesmo ouvindo a música no fundo.

- [48] C3- Eu foco na música e não consigo mais ler.
- [49] C7- É porque é assim, quando a gente está num lugar sozinha, não temos vergonha de mostrar o sentimento, tipo chorando na sala, a gente sente vergonha.
- [50] PE- Agora, eu quero saber o quê vocês conhecem sobre o gênero contos de mistério.
- [51] C10- Um suspense.
- [52] C7- Por que você fica curioso pra saber o que vai acontecer.
- [53] C3- Igual novela.
- [54] C9- Uma emoção.
- [55] C10- Uma surpresa.
- [56] C12- Às vezes, também dá uma vontade de rir.
- [57] C6- Quando você lê uma história de suspense, precisa ir até o final pra saber o que acontece.
- [58] C3- E, às vezes, mesmo lendo inteira, você não entende, precisa reler.
- [59] PE- Sim, a história pode ser fácil de entender, mas também pode ser um pouco difícil, por isso precisamos ler outras vezes.
- [60] C10- Uma história grande tem um tipo de suspense.
- [61] PE- Por exemplo, no meio da história, temos todos os detalhes do que acontece com os personagens pra criar um mistério, o autor enrola.. para chegar no final, que é quando temos o desfecho.
- [62] C10- É a surpresa.
- [63] PE- Sim. No desfecho, tudo se resolve e aparece a surpresa, revelando o verdadeiro mistério da história.
- [64] C10- Tem o começo, o meio e o fim.
- [65] PE- Isso mesmo. No início, temos a situação inicial, onde o narrador inicia, conta a história. Depois, temos o desenvolvimento que é composto por um conflito. O que é o conflito?
- [66] C11- Tipo guerra.
- [67] PE- O conflito são todas as situações que precisarão ser resolvidas no fim da história. Pode ser uma briga, um caso enrolado que ninguém entende muito bem o que está acontecendo e, no final, vai se resolver. Depois disso, temos o clímax, que é o maior ponto de suspense, que deixa a gente bem curioso. E, por fim, temos o desfecho.. e descobrimos o que, realmente, aconteceu durante o nosso conto.
- [68] C10- Como acontece na novela? Assim, quando tá acontecendo alguma coisa e aí, numa parte boa, acaba. Só que tem mais no outro dia.
- [69] C11- Dai tira sua curiosidade.
- [70] C6- É que nem a televisão, você tá assistindo uma série ou alguma coisa assim; daí, bem no meio que você quer ver, eles cortam.
- [71] PE- Eles fazem isso de propósito, porque as pessoas querem saber o que vai acontecer no próximo capítulo e não desligam a TV no comercial. Quando você está muito interessado, não quer ver a próxima parte ?
- [72] C10- Eu quero.
- [73] C6- Sim. Meu pai fica bravo quando acontece isso.
- [74] C3- Sim.
- [75] C4- Sim.
- [76] C11- Eu também.
- [77] C10- É tipo assim, as pessoas deixam a TV ligada e vão fazer suas necessidades, beber água e volta pra assistir à novela naquele ponto que parou.
- [78] PE- O que vocês esperam aprender com esses contos?
- [79] C7- Bondade, tipo assim, tem histórias que contam coisas boas, aí a gente aprende essas coisas.
- [80] PE- Sim, no final, a gente aprende que não podemos fazer certas coisas que lemos em histórias. E vocês acham que também acontecem coisas ruins nas histórias de mistério?
- [81] C10- Às vezes.
- [82] C6- Sim.
- [83] C7- Tipo matar as pessoas.
- [84] PE- Sim, nas histórias de mistérios tem muita morte, e tem toda uma história que a gente precisa descobrir. Os personagens fazem coisas ruins e, no final, vamos descobrir o que realmente está acontecendo. E no final, acontece o que a C7 disse: nós aprendemos que não devemos reproduzir aquelas atitudes, temos que fazer ao contrário.
- [85] C10- Ser curioso, porque a pessoa está fazendo alguma coisa de mau e você pode descobrir e revelar toda a verdade para aquelas pessoas que já estão percebendo que está escondendo alguma mentira.

- [86] PE- Podemos chamar isso de expectativa, porque a gente fica curioso para saber o que vai acontecer, não é?
- [87] C6- É, eu tenho também tipo um joguinho. O jogo é quase a mesma coisa que ler o livro ou assistir ao filme, ele vai contando a história.
- [88] PE- Alguém já ouviu história de suspense?
- [89] C7- Tipo assim, ouvir de ouvir não, mas ouvi assim na metade, sim.
- [90] PE- E a professora já contou alguma história? Ela falou que ia ser de suspense ou de mistério?
- [91] C10- Aconteceu em talvez. O menino está se balançando, daí ele voa e vai pro mundo do, como fala (...)
- [92] C3- Permitido e proibido.
- [93] C10- Ai, quando está lá, no final, não é tudo que é permitido. Então o prefeito daquela cidade pega ele e leva pro lugar que é o antônimo do permitido, que é o proibido. Ai o do proibido, eles arranjam um jeito de mandar ele embora, só que era só um sonho.
- [94] C11- Ele caiu e bateu a cabeça.
- [95] C10- E era tudo um sonho.
- [96] C4- Não era um sonho..
- [97] C10- É que ele cai e fica imaginando..
- [98] PE- Então, ele estava num mundo imaginário e o guarda da cidade manda ele de volta?
- [99] C10- Quando ele chega em casa, conta pra mãe e ela diz que é coisa da imaginação dele.
- [100] PE- Tenho uma pergunta. Vocês sabem qual a diferença entre sinônimo e antônimo? Permitido e proibido são ação o quê?
- [101] C10- São coisas contrárias, que é o antônimo. E o sinônimo são palavras que tem o mesmo sentido.
- [102] C3- Sim é permitido e o não é proibido. Os dois são antônimos.
- [103] PE- Vocês lembram de mais algum livro?
- [104] T- Não.
- [105] C10- Ah! Tem um outro, "A moura torta".
- [106] PE- Quais os tipos de assuntos que podem ser abordados nesse tipo de contos?
- [107] C10- Coisas de amor...
- [108] C7- Coisas boas, alegrias, tristezas, tragédias, medo...
- [109] C10- Tem o filme "João e Maria: caçadores de bruxas."
- [110] PE- Ao ouvir um conto de mistério, vocês conseguem prever o que vai acontecer?
- [111] C6- Eu consigo, às vezes.
- [112] C11- Algumas.
- [113] C12- Não.
- [114] C10- Às vezes, a gente fica com a imaginação de saber o final.
- [115] C7- Outras vezes, a gente pensa no que pode acontecer e a gente acerta.
- [116] (Deu o sinal)
- [117] PE- Pessoal, nosso tempo acabou. Vamos fazer assim: eu vou passando as folhas e cada um pega um texto. O conto chama "Perseguição". Embaixo temos o nome do autor e um link. Vocês sabem o que é um link ?
- [118] C6- Eu sei, é para acessar na internet.
- [119] C7- Para pesquisar..
- [120] PE- Isso, para vocês conseguirem acessar o site que eu encontrei o texto. [121] Então, vocês vão levar o texto e ler em casa. Combinado?
- [122] T- Sim.
- [123] PE- Não vamos esquecer de ler. Quem tiver alguma dúvida durante a leitura, marca com o lápis. E caso não entenda alguma parte, vocês podem anotar do lado ou atrás da folha, ok? Vocês leem e depois colocam junto com o material para lembrar de trazer.
- [124] C10- Que dia que vai ser o próximo?
- [125] PE- Semana que vem, vamos nos encontrar na terça-feira. Até terça-feira. Vão pegar o material.
- [126] T- Tá bom. Tchau, PE. Até!

Gravação – 26/04/2016 (15h34min às 16h)

- [1] PE- Primeiro, eu quero saber quem conseguiu ler.
- [2] C10- Eu li.
- [3] C6- Eu li, e gostei da parte do meio.
- [4] C7- Eu li inteiro, duas vezes.
- [5] C6- Nossa!

- [6] C1- Eu não li, porque me entregaram a folha hoje.
- [7] C3- Não.
- [8] C8- Sim.
- [9] C13- Li.
- [10] C4- Sim.
- [11] C5- Sim.
- [12] C14- Também.
- [13] C2- Li.
- [14] C9- Li.
- [15] C11- Sim.
- [16] PE- Então, antes de falar sobre o texto quero fazer uma pergunta pra vocês. Que tipo de leitura vocês mais gostam de fazer? Quero saber se é a leitura silenciosa, que lemos para nós mesmos, ou em voz alta, individual ou compartilhada, junto com os amigos ?
- [17] C10- Com os amigos.
- [18] C11- Silenciosa.
- [19] C6- Silenciosa.
- [20] C7- Eu prefiro ler pra mim mesmo.
- [21] C9- Silenciosa.
- [22] C2- Com os amigos.
- [23] C14- Com os amigos.
- [24] C5- Silenciosa.
- [25] C4- Com os amigos.
- [26] PE- Foram poucos os que não leram. Vocês querem ler em voz alta, cada um lê um pedacinho?
- [27] C3- Sim
- [28] C6-Sim.
- [29] PE- Ou, primeiro, querem que eu leia e depois vocês fazem a leitura?
- [30] C3- Não, primeiro a gente lê, depois você lê.
- [31] C6- É mais fácil.
- [32] PE- Pode ser? Porque como tem amigos que não leram para discutir a história, temos que ler. Então, vamos fazer assim, cada um lê uma frase. Todos sabem o que é uma frase?
- [33] T- sim.
- [34] C10- É uma linha composta de palavras.
- [35] PE- Isso, é uma ideia que termina com um ponto. Começa com parágrafo, letra maiúscula e termina no ponto. Podemos começar pelo C10.
- [36] (Leitura do conto “Perseguição”, anexo 1, realizada pelos alunos)
- [37] C10- Ela é um conto de mistério.
- [38] PE- Agora, vou ler, em voz alta, para todos ouvirem a história inteira e, depois, faço as perguntas e vocês vão respondendo. Na verdade, as perguntas que vou fazer tem a ver com o que vocês já estão querendo falar. Daí, vou perguntar e todos podem responder.
- [39] (Leitura do conto “Perseguição” feita pela PE)
- [40] C10- É um conto de suspense.
- [41] C7- Eu tenho três palavras que não entendi.
- [42] PE- Pode falar, C7. Quais são?
- [43] C7- “Vertigiosamente”, ofegante e trêmulo.
- [44] C11- Não sabe o que é ofegante?
- [45] PE- Espera aí. Ela pode saber, mas não lembra o significado. Uma palavra pode ter vários significados.
- [46] C7- É vertigiosamente, trêmulo e ofegante.
- [47] PE- Ah, a pronúncia correta da palavra é trêmulo. Vou explicar, primeiro, a vertigem. Vertiginosamente é característica daquilo que roda, por exemplo quando você tem uma tontura, sente rodando, girando. Alguém já teve essa sensação?
- [48] C10- Sim.
- [49] PE- Ofegante.
- [50] C11- É quando..
- [51] PE- Quando você anda rápido, corre, fica desesperado, precisa fazer esforço pra respirar. Quando ficamos ofegante o ritmo da nossa respiração aumenta, você respira mais vezes em poucos segundos. E o trêmulo acontece quando uma pessoa fica nervosa, com medo, sente as mãos ou o corpo tremer.
- [52] C6- A boca também, né?
- [53] PE- Sim, quando estamos com frio ou medo também podemos sentir tremor na boca.
- [54] C10- E suar frio?

- [55] PE- Geralmente, quando a gente sua está perdendo calor para o ambiente, então sentimos calor e suamos; é normal. Suar frio é quando você está suando, mas sente o corpo gelado. É parecido com a sensação de estar com febre e sentir calafrio. Você tá suando, mas se sente gelado ao mesmo tempo. Mais alguma coisa?
- [56] C6- Eu não tive nenhuma dúvida, então, sabia tudo.
- [57] PE- O que vocês acharam do texto “Perseguição”?
- [58] C1- Muito legal.
- [59] C3- Legal.
- [60] C8- Legal.
- [61] C13- Legal.
- [62] C4- Legal.
- [63] C5- Legal.
- [64] C14- Legal.
- [65] C2- Legal.
- [66] C9- Mais ou menos.
- [67] C7- Interessante.
- [68] C6- Legal.
- [69] C12- Mais ou menos.
- [70] C10- Interessante, por eu não entendi aquela frase “Suar frio”, aí eu fiquei pensando na hora que cheguei naquele ponto.
- [71] PE- Os acontecimentos narrados no texto estão relacionados ao título?
- [72] C6- Sim.
- [73] PE- Vocês sabem o que significa narrar?
- [74] C11- É que alguém está contando.
- [75] PE- Isso. Então, a narração do texto tem a ver com o título?
- [76] C6- Mais ou menos.
- [77] C1- Sim.
- [78] C3- Sim.
- [79] C4- Tem.
- [80] C5- Só tem um pouco, por causa que, no final, ele acordô, ele não foi perseguido, só no sonho.
- [81] C13- Sim.
- [82] C11- Mais ou menos.
- [83] C10- Eu acho que não tem a ver porque ele não foi perseguido, ele estava sonhando. Então, quando ele juntou as forças, conseguiu acordar e ver a realidade.
- [84] PE- Vocês consideraram fácil ler esse texto ?
- [85] T- Fácil.
- [86] C7- Fácil, mas também um pouco difícil.
- [87] PE- Por causa das palavras que você não entendeu.
- [88] C7- Uhum.
- [89] C10- Nem tão fácil, nem tão difícil. Difícil, porque quando a gente não entende uma palavra, ela toma conta.
- [90] PE- E vocês tiveram dificuldade de compreender?
- [91] T- Não.
- [92] PE- Qual parte mais gostaram?
- [93] C1- Na hora que ele está sendo perseguido.
- [94] C3- Também.
- [95] C6- Na hora que ele acorda.
- [96] C5- Hora que ele vai abrir a porta, mas ela não abre.
- [97] C7- A hora que está sendo perseguido e quando cai da cama.
- [98] C11- Quando ele cai da cama.
- [99] C10- Gostei do texto todo.
- [100] PE- Teve alguma coisa ou alguma parte que não gostaram? O quê ou qual?
- [101] T- Não.
- [102] C4- O começo.
- [103] C7- O começo, porque, às vezes, a gente acha que é chato.
- [104] C5- Pra dar o suspense, tem que contar mais no meio.
- [105] C6- O começo.
- [106] C10- Depende do jeito que a pessoa lê, né?!
- [107] PE- Vocês sabem qual é a estrutura desse texto?
- [108] C5- Suspense.

- [109] PE- O suspense é uma característica do gênero de mistério. Mas como sabemos o que está acontecendo?
- [110] C10- É narrado.
- [111] PE- Isso! É uma narração.
- [112] C6- É, ninguém falou nesse texto. Só foi narrado.
- [113] PE- Verdade, o acontecimento foi narrado sem a participação, por isso não tem as falas do personagem.
- [114] C11- Quem narra é o narrador.
- [115] C6- Ou a gente mesmo, porque nós lemos.
- [116] PE- Sim, somos nós que lemos, mas os fatos estão sendo contados por uma outra pessoa, que é o narrador. Vocês conhecem as características da narração?
- [117] C11- Não.
- [118] C5- Tem narração que a pessoa participa e narração que não participa.
- [119] PE- Bom, agora vou falar sobre a narração. Vocês viram que, na história, tudo é explicado certinho, com bastante detalhes. Fala que o personagem andou, correu, parou, tentou abrir a porta, correu de novo, acordou, caiu da cama.
- [120] C7- Tem narração que a gente sente mais emoção em algumas partes que lê.
- [121] PE- Ele conta certinho, parte por parte, não pula pedaços pra quem estiver lendo, entender todos os detalhes.
- [122] C10- É parecido com o narrador do jogo que fala: e ele vai pra um lado, vai pro outro e goooool!
- [123] PE- Verdade, C10. O jogo de futebol também é narrado. Enquanto assistimos conseguimos ouvir tudo o que está acontecendo, pois temos uma pessoa narrando. Agora, eu quero saber se vocês conhecem a estrutura do conto de mistério, vocês conhecem ?
- [124] C7- Eu não sei direito.
- [125] PE- Mas pode falar o que você acha.
- [126] C6- A gente não sabe o que vai acontecer no fim.
- [127] C7- E nem no começo. Pra deixar suspense eles colocam tipo, alguma coisa, pode ser um ladrão sem a pessoa saber.
- [128] C2- Como de detetive, no começo, vai achar que é uma pessoa e, no final, é outra.
- [129] C10- Uma pessoa totalmente diferente.
- [130] (Deu um sinal)
- [131] C10- Mais já?
- [132] PE- Ainda não.
- [133] C3- São 15h45min.
- [134] PE- O conto de mistério tem muitas incertezas, cria-se um clima de curiosidade, expectativa e a gente fica esperando, interessado em saber o que vai acontecer. No momento que ele está procurando a chave, o que a gente espera?
- [135] C10- Que ele consiga abrir a porta pra entrar na casa dele, deitar e dormir.
- [136] C1- Tem o terror.
- [137] C5- Você consegue tirar uma narrativa de um filme de terror?
- [138] PE- Tirar do filme e trazer em forma de texto?
- [139] C5- Sim.
- [140] PE- Posso pesquisar, ver um filme, mas seria muito longa... porque, pra entender, não daria pra tirar só uma parte.
- [141] C6- Sora, de terror depois eu fico sonhando, tendo pesadelo e não é legal.
- [142] PE- Tem vários tipos de terror, uns que são menos. Nessa história, que acabamos de ler, ocorreu um fato. O que aconteceu?
- [143] C6- Uma perseguição.
- [144] PE- E o tempo? Onde aconteceu?
- [145] C10- Nas ruas sujas, meia noite.
- [146] PE- E o lugar?
- [147] C11- Deserto.
- [148] C7- Na cidade.
- [149] C11- Nas ruas desertas.
- [150] PE- Aí, temos o personagem que a gente já sabe que é o narrador.
- [151] C4- Não fala quem é o personagem.
- [152] PE- E a causa? O que levou a tal acontecimento?
- [153] C10- Ele saiu muito tarde do emprego.
- [154] PE- E aí ele foi o quê?
- [155] T- Perseguido.

- [156] PE- Ele teve um sonho, mas a gente só descobriu na última linha. Parecia que ele realmente estava sendo perseguido. E o modo? A forma como aconteceu?
- [157] C6- Contando parte por parte.
- [158] PE- E qual foi a consequência dessa perseguição?
- [159] T- Medo.
- [160] PE- O medo e, na verdade, o que a gente descobriu?
- [161] T- Que era um sonho.
- [162] C3- Um pesadelo.
- [163] PE- O narrador realmente sofreu uma perseguição? Em que momento você percebeu isso?
- [164] C10- Ele não sofreu uma perseguição, estava sonhando que estava sendo perseguido.
- [165] C6- A gente percebeu quando falou que ele caiu da cama.
- [166] C7- Podia ser ou não podia ser, porque se ele não tivesse acordado do sonho, podia estar sendo perseguido de verdade.
- [167] PE- O que aconteceu, na verdade?
- [168] T- Era um sonho. Ele sonhou.
- [169] PE- Então vamos retomar o texto. A primeira parte, ou o primeiro parágrafo, é a situação inicial. No segundo e no terceiro parágrafos ele conta como aconteceu a perseguição; é o conflito.
- [170] C2- Que que é conflito?
- [171] C11- Briga.
- [172] PE- O conflito é quando está acontecendo alguma coisa que precisa ser resolvida. Então ele estava sendo perseguido, correndo e chegou na casa dele. O que ele quer?
- [173] C2- Entrar.
- [174] PE- Isso, entrar na casa resolveria o problema pelo qual ele estava passando, o conflito. Mas, não conseguiu.
- [175] C5- Porque ele se sentiria mais seguro lá dentro.
- [176] PE- O penúltimo parágrafo, em que ele não consegue mesmo abrir a porta é chamada de clímax.
- [177] C7- O que é clímax?
- [178] PE- É o momento que ficamos mais curiosos. É a principal parte de suspense e por isso ficamos com a maior expectativa nos próximos acontecimentos. E o último parágrafo é o desfecho, o narrador começa a contar o final, e na última frase ele conta o que realmente aconteceu. “Cai da cama e acordei.”
- [179] C7- No clímax, na hora que ele vai girar a maçanete, parece que ele ia conseguir entrar. Só que, ai, ele não consegue entrar, a gente pensa até que ele ia morrer antes de ler o resto.
- [180] PE- Não vamos esquecer de ler e anotar as palavras que vocês não conhecem, porque esse é um pouco mais difícil que o outro.
- [181] C1- É nossa mente que cria os sonhos?
- [182] C8- Ó, C1, olha aqui. Nosso cérebro tem uma partizinha, eu não lembro o nome. Daí, ela cria a imaginação e, depois, vai apagando. Por isso você não consegue lembrar do sonho.
- [183] C1- Nossa, tem site.
- [184] PE- Isso, eu tirei esse texto do site “Casa do bruxo”. Quem quiser entrar pra ver. Pessoal! Vamos ler, porque esse é um pouco diferente do outro e vão acontecer outras coisas. Semana que vem vamos falar sobre ele. Vão todos pegar a bolsa, já está na hora. Até sexta-feira.

Gravação – 29/04/2016 (15h19min às 16h)

- [1] PE- Pessoal, boa tarde!
- [2] T- Boa tarde!
- [3] PE- Quem leu o texto ?
- [4] (Os alunos que leram levantaram a mão)
- [5] C10- Eu li metade, parei nessa parte aqui. (e aponta para a metade do texto)
- [6] C7- Eu não terminei de ler, sora, porque, quando eu cheguei em casa, a minha vó deu alguma coisa pra eu comer. Eu estava chegando da escola...
- [7] PE- Então, só a C4 e a C2 leram inteiro?
- [8] C5- Eu não li inteiro, porque tô terminando de fazer a atividade que a professora pediu.
- [9] C7- É que eu tava chegando da escola, lendo o texto. E, sempre que eu chego, minha vó dá alguma coisa pra comer. Daí, eu deixei o texto de lado, que eu já tinha passado da metade. Daí, deixei de lado para comer e, quando começo a comer, eu esqueço de tudo que eu tô fazendo.
- [10] C12- Oh gula!
- [11] C13- Sora, eu fiz uma pasta com os textos.
- [12] (C13 mostra sua pasta com as folhas dos contos e folhas de caderno com anotações, uma delas com a pesquisa sobre uma palavra que teve dúvida no texto.)

- [13] PE- Vamos fazer igual fizemos no último encontro, cada um vai ler uma frase. Vamos começar pela C4. Depois, eu faço a leitura. C7, você não estava com a folha do texto?
- [14] C7- A sora não deixou eu catar; a sora de xadrez. Ela falou que já tinha fechado a porta.
- [15] PE- Então, vamos fazer assim: depois que a C4 ler, ela empresta o texto pra você.
- [16] (Cada aluno leu uma frase do conto)
- [17] C12- Oh, sora, uma pergunta. Como a porta geme?
- [18] PE- Gemer é fazer barulho, é quando você abre a porta e ela faz o barulho da dobradiça mexendo.
- [19] C12- Entendi.
- [20] PE- Quem não leu antes, conseguiu entender a história? Conseguiu ouvir todas as partes durante a leitura coletiva?
- [21] T- Não.
- [22] PE- É que tem amigos que leem mais baixo e não dá pra escutar direito, então vou ler em voz alta. “Conto de mistério”. Prestem atenção pra quem não entender, conseguir ouvir e responder as perguntas.
- [23] (Leitura do “Conto de mistério”, anexo 2, realizada pela PE)
- [24] C6- Tudo isso pra ele conseguir um quilo de feijão?
- [25] C7- Eu acho que esse texto é mais longo que o outro.
- [26] PE- É um pouco mais longo mesmo. Que mais?
- [27] C10- Mais legal.
- [28] PE- O texto tem mais palavras que vocês não conhecem?
- [29] C6- Quando você lê o texto, fica curtinho, mas, quando você olha, parece ser bem grande.
- [30] C7- Nem parece de mistério; parece até de piada.
- [31] C10- É verdade.
- [32] C7- É mistério piada.
- [33] PE- É mistério, porque ele conta de uma forma suspeita até chegar no final. Não parece que ele vai fazer uma coisa perigosa?
- [34] T- Sim.
- [35] PE- E, no final, descobrimos que ele só estava comprando um quilo de feijão. Vamos, primeiro, ver as palavras que vocês não conhecem do texto? Depois, respondemos as perguntas.
- [36] C4- Triunfal.
- [37] PE- Triunfal é a comemoração de uma vitória, de uma alegria.
- [38] C13- Tocaia. Eu não sabia e pesquisei é espreita ao inimigo ou à caça.
- [39] PE- Muito bem, C13. Ficar de tocaia é o ato de se esconder para atacar o inimigo.
- [40] C10- Tocaia também. Tipo assim igual a cobra, ela espera para dar o bote.
- [41] PE- É mesmo, quando ela se sente ameaçada, ela dá o bote. Tem mais alguma palavra?
- [42] C5- Tem que voltar no texto.
- [43] PE- Isso! Posso falar algumas que circulei?
- [44] T- Sim.
- [45] PE- Alguém sabe o que significa guisa?
- [46] C10- Não.
- [47] PE- “À guisa” é o modo, uma forma de fazer alguma coisa. Eles combinaram uma ação para ser a senha e o autor usa a palavra guisa.
- [48] C10- Significa o modo de fazer a senha.
- [49] C4- O que é “estipulado”?
- [50] PE- É um combinado.
- [51] C10- Eu tinha entendido estuprado.
- [52] PE- Não, a palavra usada é estipulado. “Baforadas”, alguém sabe o que é?
- [53] C10- É quando ele puxa e solta a fumaça do cigarro.
- [54] PE- Isso! E “compassadas”?
- [55] C10- É passada... coisas passadas?
- [56] PE- Significa pausada. O personagem soltou três baforadas compassadas, então ele soltou três vezes a fumaça do cigarro de forma pausada, bem devagar. Soltou e parou.
- [57] E “cuspir de banda”?
- [58] C10- Cuspir no chão?
- [59] PE- É, cuspir no chão, de lado.
- [60] C3 - O que é “sepulcral” ?
- [61] PE- “Sepulcral” é relativo à morte, ao silêncio feito no sepulcro, no cemitério.
- [62] C10- É porque morto não fala, né?
- [63] C4- “Hesitou”?
- [64] PE- Hesitar é ficar na dúvida.

- [65] C10- Sabia que era alguma coisa de dúvida.
- [66] PE- A C13 falou que, quando você quer falar alguma coisa e fica na dúvida, você hesita. É um bom exemplo. Deu para entender?
- [67] T- Sim.
- [68] C5- E “beco”?
- [69] PE- Beco é uma rua estreita, escura, que pode não tem saída. E “cautelosamente”?
- [70] C10- Significa devagar...
- [71] C2- Em câmera lenta.
- [72] PE- Significa ir devagar, ter cuidado...
- [73] C6- Por exemplo: Se tiver um piso quebrado você vai passar com cautela.
- [74] PE- “Cava”, “com voz cava”. Vocês entenderam?
- [75] T- Não.
- [76] PE- Quer dizer que a voz é rouca. Tem mais alguma palavra?
- [77] T- Não.
- [78] PE- Vocês entenderam todas? Tiraram as dúvidas?
- [79] T- Sim.
- [80] PE- Agora, vamos para as perguntas.
- [81] C10- Vixe, chegou a parte difícil.
- [82] PE- Em quais aspectos esse conto de mistério se diferencia do conto “Perseguição” ?
- [83] C12- Aquele outro é mais sinistro.
- [84] C6- Eu lembro do texto inteiro.
- [85] C7- No primeiro texto fala tudinho e no segundo não fala o que ele vai fazer, de onde ele saiu.
- [86] PE- Hum, verdade.
- [87] C10- Não dá pistas do que ele ia fazer.
- [88] C6- Achei esse mais sinistro, porque tem mais mistério.
- [89] C10- Esse tem o final engraçado.
- [90] PE- Lembra de uma coisa que vocês falaram da narração do conto “Perseguição”?
- [91] C10- Sim, além dele estar dentro do texto, ele também está narrando, está contando.
- [92] C3- Tem as falas e a narração.
- [93] PE- Sim. Além da narração, também temos as falas.
- [94] PE- Tem mais coisas que vocês me falaram, o que descobrimos no final do primeiro texto?
- [95] C4- Era um sonho.
- [96] PE- E o que lemos hoje, é um sonho?
- [97] T- Não, é verdadeiro.
- [98] C1- Está narrando uma história de verdade.
- [99] PE- Então, vimos que os dois contos são diferentes, porque o primeiro era só narrado e esse apresenta a narração e as falas dos personagens. Vocês imaginaram o que ia acontecer depois de ler o início da história?
- [100] T- Não.
- [101] PE- Quem são os personagens do conto?
- [102] C4- O marido, o homem barbudo.
- [103] C10- O homem do bar, aquele que se encontrava na padaria.
- [104] C6- Oh, sora, aonde já se viu comprar pacote de feijão em bar?
- [105] PE- Na verdade, ele não foi comprar no bar, era uma padaria, eles se encontraram lá e foram pra um lugar no beco. Lembra?
- [106] C6- Ah, é mesmo!
- [107] PE- O que vocês imaginaram que o homem estava comprando?
- [108] C10- Drogas.
- [109] C5- Armas.
- [110] PE- Parece que ele está comprando alguma coisa ilegal mesmo.
- [111] C7- Joias.
- [112] PE- Podia ser joia mesmo, podiam estar fazendo contrabando.
- [113] C13- PE, o que é contrabando?
- [114] PE- É quando as pessoas trazem ou levam mercadorias proibidas de um lugar pra outro e não pagam as taxas fiscais.
- [115] C6- PE, parecia que ele ia comprar armas e ia roubar um banco.
- [116] PE- Qual era o mistério por trás desse encontro?
- [117] C3- A compra do feijão.
- [118] PE- Qual era a senha?
- [119] C12- Não sei.

- [120] PE- Vou ler a parte que fala sobre a senha. “No local combinado, parou e fez o sinal que tinham já estipulado à guisa de senha. Parou debaixo do poste, acendeu um cigarro e soltou a fumaça em três baforadas compassadas.” Qual é a senha ?
- [121] C3- A senha são as três baforadas.
- [122] C5- PE, vai ter texto?
- [123] PE- Vai ter sim. Antes, vou fazer a última pergunta. Vocês acharam o conto interessante?
- [124] T- Sim.
- [125] PE- Por quê?
- [126] C4- Porque parece que ele tá comprando alguma coisa proibida.
- [127] C13- Parecia que ele estava roubando.
- [128] C2- Parecia que estava comprando arma ou droga.
- [129] C10- Por causa que cada texto tem o seu porém e eu gostei mais desse.
- [130] C7- Eu gostei, porque tinha mistério e a gente não sabia o que podia ter naquele saco.
- [131] PE- O autor Stanislaw Ponte Preta é um escritor que se chama Sérgio Marcus Rangel Porto. O Stanislaw Ponte Preta é um pseudônimo. Vocês sabem o que significa pseudônimo ?
- [132] T- Não.
- [133] PE- É um nome fictício que o escritor usa pra assinar suas obras. Pessoal, vamos combinar assim: eu vou vir as segundas e as sextas. Então, tentem ler, porque vamos ter vários dias até o próximo encontro.
- [134] C13- Sora, posso usar esse espaço na última folha para desenhar?
- [135] PE- Pode. Quem quiser ilustrar a história pode usar esse espaço. Podem ir buscar o material. Bom fim de semana!
- [136] T- Tchau, sora.

Gravação – 02/05/2016 (15h28min às 15h59min)

- [1] PE- Pessoal, boa tarde!
- [2] T- Boa tarde!
- [3] PE- Vocês preferem que eu leia o conto primeiro ou querem ler?
- [4] C3- PE, você podia deixar eu ler inteiro.
- [5] C4- Eu também quero.
- [6] C7- Eu também posso?
- [7] PE- Vamos fazer assim: a C3 lê inteiro hoje e, em cada encontro, um aluno lê inteiro, antes de fazermos a leitura coletiva. Combinado?
- [8] T- Sim.
- [9] PE- Pode começar, C3.
- [10] (Leitura do conto “O fantasma da sorte”, anexo 3, feita pela C3)
- [11] PE- Muito bem, todo mundo entendeu?
- [12] T- Sim.
- [13] C7- Oh, sora, era um capitão que estava perdido e foi para um castelo..
- [14] PE- Vamos conversar, primeiro, sobre as palavras que apareceram no conto que vocês desconhecem?
- [15] T- Sim.
- [16] PE- Tá. Quais são?
- [17] C7- “Penetrar”.
- [18] PE - É o mesmo que entrar.
- [19] C5- “Suntuoso”.
- [20] C2- E “cômodo”.
- [21] PE- “Suntuoso” é um cômodo luxuoso, chique. E “cômodo” é uma parte da casa.
- [22] C10- O quarto, a cozinha, o banheiro, né?
- [23] PE- Isso mesmo, todos são cômodos da casa.
- [24] C7- “Imediações”.
- [25] PE- São as partes de um lugar, o que temos ao redor.
- [26] C2- “Mordomo”.
- [27] C3- “Mordomo” é aquela pessoa que é paga pra fazer tudo, atender a porta e servir na casa, né?
- [28] C10- Arruma as coisas.
- [29] PE- Sim.
- [30] C4- “Nobre”.
- [31] PE- “Nobre” é uma pessoa que pertence à nobreza, como o rei e a rainha.
- [32] C10- “Imediato”.
- [33] PE- No mesmo momento.

- [34] C4- “Formosa”.
- [35] PE- É uma característica de quem possui uma boa aparência, é bonita.
- [36] C4- “Habitado”.
- [37] PE- Significa estar acostumado.
- [38] C5- Você tem marca texto, C10?
- [39] PE- Se não tiver marca texto, pode riscar com o lápis pra depois ficar mais fácil de achar as palavras que vocês ainda não conhecem.
- [40] C3- PE, por que história do folclore inglês?
- [41] PE- Assim como temos o folclore, no Brasil, tem em outros países. Só que os costumes são diferentes.
- [42] C5- Nesses países tem mais Halloween.
- [43] PE- Verdade, nos países ingleses, tem o Halloween, as histórias de mistério, contos de suspense, como esse que lemos.
- [44] C5- PE, muitos anos atrás, os homens colocavam pintura feia e coisas com ossos na porta pra afastar os maus espíritos.
- [45] PE- Nos castelos dos filmes, das histórias de mistério, também tem maçanetas sinistras, como caveiras, não é verdade?
- [46] T- É.
- [47] C13- O que é luz cintilante?
- [48] C8- Também quero saber isso.
- [49] PE- No conto, o quarto estava escuro e quando o menino apareceu tinha uma luz, um clarão em volta dele, porque era uma aparição do espírito.
- [50] C8- Ah, entendi. Ficou claro em volta dele.
- [51] C3- Lá vem história, o que significa?
- [52] PE- É o nome do livro de onde tirei esse conto.
- [53] C3- Ahhh... e Heloisa Pietro é a autora desse livro, né?
- [54] PE- Isso. Mais alguém?
- [55] T- Não.
- [56] PE- E “tormenta”? Alguém sabe o que é?
- [57] C7- É quando alguém te enche o saco?
- [58] PE- Não, olha... não é atormentar, é “tormenta”. “Tormenta” é uma tempestade muito forte.
- [59] C3- É mesmo, eu assisto “As aventuras de Lad Bug” e tem a menina chamada tormenta. Ela é do mal e quando ela aparece começa a tempestade.
- [60] PE- Então, tormenta é essa tempestade forte. Bom, agora, vamos responder as perguntas. Vocês gostaram do conto “O fantasma da sorte” ? Por quê?
- [61] C4- Mais ou menos, gostei mais das outras.
- [62] C7- Eu gostei mais da última parte.
- [63] C13 – Eu gostei, achei legal.
- [64] C5- Gostei, por causa do fantasma que dá sorte.
- [65] C12- Gostei.
- [66] C7- Adorei esse texto.
- [67] C3- Gostei, porque tinha o fantasma, porque ele era pobre e ficou rico, casa com uma mulher milionária e linda.
- [68] PE- Cada um vai responder de acordo com a sua opinião. Por que o fantasma é da sorte?
- [69] C4- Porque ele era sortudo antes de morrer.
- [70] PE- Pessoal, a C4 acha que a criança era muita sortuda antes de morrer e quando morreu o fantasma dava sorte pra quem ele visitava. É uma possibilidade, não é?
- [71] T- Sim.
- [72] C5- O cara ficou rico por causa que o fantasma era da sorte. Então, o homem disse que todo mundo que dormia no quarto dele tinha muita sorte.
- [73] C2- Ganhava muito dinheiro.
- [74] C12- Eu acho que ele tinha dinheiro porque assaltava o fantasma das pessoas e dava dinheiro para ele quando soltava um fantasma.
- [75] C5- Porque criança tem coração puro.
- [76] PE- Muito bem. Pode ser por isso mesmo, por ter o coração puro sua aparição dava sorte.
- [77] C7- Porque todas as pessoas que viam ele ficavam ricas.
- [78] C3- Porque ele era alegre, tinha sorte e ninguém sabia dele.
- [79] PE- Todos os fantasmas são do bem?
- [80] T- Não.
- [81] PE- Por quê?

- [82] C4- A maioria dos fantasmas assustam.
 [83] C13- Nas outras histórias, eles queriam matar as pessoas. Eram do mau.
 [84] C7- Eles matam as pessoas.
 [85] C5- Porque fantasma é espírito de gente morta que ainda não terminou o que tinha que fazer na terra.
 [86] C10- Eu acho que o fantasma é uma pessoa que morre antes da hora e não terminou de fazer as coisas na terra quando ainda estava vivo.
 [87] C13- Eu acho que a pessoa que morreu era sortuda e passava sorte para as pessoas.
 [88] PE- O conto “O fantasma da sorte” é parecido ou diferente dos contos de mistério que lemos até agora? Por quê?
 [89] T- Diferente.
 [90] C7- Porque tinha o fantasma da sorte no conto de mistério.
 [91] PE- Vocês concordam que o final desse conto é o mesmo que os de contos de fadas?
 [92] C10- Sim.
 [93] C8- Não.
 [94] C5- É parecido sim, porque tem final feliz.
 [95] PE- Os outros textos não tiveram final feliz, porque o conto de mistério geralmente não tem final feliz. O que acontece é que, no final, tudo se resolve, mas isso não significa que tudo acabou bem. Se resolve, mas, quando tem morte, roubo, não se trata de um final feliz.
 [96] C7 – Sora, o que acontece também é que, no conto de mistério, o final tem continuação.
 [97] PE- Na opinião de vocês, o final feliz é uma característica do gênero conto de mistério? Por quê?
 [98] T- Não.
 [99] C4- Tudo se resolve, mas nem sempre é feliz.
 [100] PE- Esse conto se parece com as histórias que vocês ouvem na escola? Por quê?
 [101] T- Não.
 [102] PE- Vamos lembrar que, apesar de ser um conto de mistério, ele teve final feliz.
 [103] C4- Acho que é parecido, eles foram felizes para sempre. Já estou enjoada de contos de fadas.
 [104] PE- Quais são as palavras presentes no conto que são características de um conto de mistério? Que a gente sabe que tem suspense por causa dela.
 [105] C5- Ahh...
 [106] PE- Vou dar uma dica, “assombrado” é uma palavra que costuma aparecer nesses contos.
 [107] C2- Mau.
 [108] C14- Frio.
 [109] C3- Fantasma.
 [110] C4- Morte.
 [111] C7- Castelo.
 [112] C5- Meia noite.
 [113] C4- Escuridão.
 [114] C10- Mordomo.
 [115] PE- Também temos no texto as palavras: “madrugada” e “tormenta”. Pessoal, não consegui trazer o texto hoje, porque deu problema na impressora. Amanhã cedo, eu trago aqui e deixo lá na sala com o nome de vocês. Vocês leem pra sexta-feira, hem! Podem ir pegar o material, tchau.
 [116] T- Tchau, PE.

Gravação – 09/05/2016 (15h24min às 16h)

- [1] PE- Boa tarde. Então, vamos começar?
 [2] T- Boa tarde!
 [3] (Ouvimos barulho na porta)
 [4] C10- Entra.
 [5] PE- Não é ninguém.
 [6] C2- Ai, credo! Que medo! É fantasma.
 [7] PE- Como combinado, hoje, a C4 lê o texto pra gente.
 [8] (Leitura do conto “O grande mistério”, anexo 4, realizada pela C4)
 [9] C10- Ela falou que não ia fazer mais na jarra, né? (Risos)
 [10] C2- Eu tenho uma lista ...
 [11] C3- Também tenho.
 [12] C6- Sora, corrija uma que tô bem curioso.
 [13] C10- Hoje, vai ter texto pra gente levar?
 [14] PE- Espera aí um pouco. Vai ter texto pra levar, sim. C6, qual a palavra?
 [15] C6- “Espinafração”.

- [16] PE- Vamos fazer assim: vou anotar as palavras e, depois, respondo todas de uma vez.
- [17] C2- “Imperceptível”, “inodoro”.
- [18] PE- Qual mais?
- [19] C2- “Tachada”.
- [20] C14- “Raríssima”.
- [21] C10- “Ignóbil”, “dinastia”.
- [22] PE- “Espinafração” é a mesma coisa que repreensão. Por exemplo, quando uma pessoa fica muito brava com a outra, é severa. A C14 quer saber o que é “raríssima”. “Raríssima” é quando uma coisa existe em pouquíssima quantidade. Por exemplo, uma peça rara tem pouco ou nenhum outro exemplar.
- [23] C6- Tipo um animal que está entrando em extinção.
- [24] C10- Eu sei um animal que não está em extinção e é raríssimo. Sabe qual é ? O macaco prego, ele não está em extinção, mas é raro. Só tem em uma floresta e ele é do Brasil.
- [25] C4- “Odores”.
- [26] C6- Odor é tipo, alguém peidando.
- [27] PE- Odores é um cheiro. E tem a palavra “inodoro” também no texto, que significa sem cheiro. “Imperceptível” é que mal dá pra perceber.
- [28] C6- Eu tenho uma, sora. É “constituição”.
- [29] PE- “Constituição da defesa” significa a existência da garantia de que nossos direitos serão respeitados.
- [30] C2- “Grã-finismo”.
- [31] PE- Pessoa bem vestida, bem arrumada.
- [32] C3- “Ignóbil”.
- [33] PE- Trata-se de uma coisa que não é nobre, mas desprezível. Quer dizer que o cheiro era ruim.
- [34] C2- Ama-secar.
- [35] PE- Essa palavra é bem antiga, servia para caracterizar as criadas domésticas que cuidavam das crianças das pessoas que tinham mais dinheiro. Então, era ama, porque eram escravas que cuidavam das crianças.
- [36] C2- Igual babá.
- [37] PE- Isso.
- [38] C2- “Cauteloso”.
- [39] C10- Cuidadoso, né?
- [40] PE- Sim, é isso mesmo. Já vimos em outro conto essa palavra.
- [41] C3- “Violentamente”.
- [42] PE- Uma coisa que é feita usando a força.
- [43] C2- “Confabulava”.
- [44] PE- Confabular tem o mesmo significado que conversar, trocar ideias.
- [45] C3- E essas palavras que não dá pra entender muito bem.
- [46] (C3 aponta as palavras “Carven”, “Patou”, “Fath”, “Schiaparelli”, “Balenciaga”, “Piguet” no texto)
- [47] PE- Ah, esses são os nomes dos perfumistas franceses, por isso achamos difícil pra ler. São nomes de pessoas.
- [48] C3- A tá. “Ignorância” você já falou?
- [49] PE- Não. A ignorância se refere à falta de conhecimento em algum assunto, quando a pessoa não ouviu falar ou não estudou sobre uma coisa.
- [50] C2- “Sofregamente”.
- [51] PE- Uma coisa que é feita de forma ansiosa, rápida. No texto está falando que eles “esfregaram sofregamente”. Eles queriam resolver aquele problema do cheiro, por isso estavam ansiosos.
- [52] C3- “Impróprio”.
- [53] PE- Que não se deve fazer.
- [54] C11- “Salpicada”.
- [55] PE- Feita aos poucos, de forma pausada.
- [56] C6- “Recendeu”.
- [57] PE- O mesmo que espalhou.
- [58] C6- Ahhh...
- [59] C2- “Ming”.
- [60] PE- “Dinastia Ming” é o governo da china.
- [61] C6- O que é “coquetel”?
- [62] C10- Aquele negócio que faz no cabelo, assim..
- [63] PE- Isso é coque. Coquetel pode ser uma pequena festa.
- [64] C3- “Altivez”.
- [65] PE- Digna de uma rainha, à altura de uma rainha.

- [66] C2- “Cadafalso”, PE.
 [67] PE- É um palco ou um palanque, um lugar pra pessoa subir.
 [68] C3- “Uma experiência”.
 [69] PE- Agora, por exemplo, vocês estão tendo uma nova experiência de leitura.
 [70] C3- Entendi. Esse rumo aqui, é rumo de arrumar as coisas ou rumo pra..
 [71] PE- Rumo é uma direção, um caminho. Mais alguma palavra ou podemos ir para as questões?
 [72] C10- Faz as perguntas.
 [73] PE- De onde vocês achavam que vinha o cheiro? E os personagens?
 [74] C2- Eu achava que era do xixi.
 [75] PE- E você imaginava onde estava esse cheiro?
 [76] C2- No jarro.
 [77] PE- Então, mas isso descobrimos no final. E antes de ler o conto inteiro, você imaginou de onde vinha?
 [78] C2- De debaixo do tapete, porque as empregadas sempre varrem as coisas pra debaixo do tapete.
 [79] C6- Eu pensava que era do camarão que tinha colocado embaixo da mesa e tinha estragado.
 [80] PE- Quem foi prejudicado por conta do odor suspeito? Por quê?
 [81] C2- O dono da casa, porque as visitas sentiram o cheiro ruim e ele passou vergonha.
 [82] PE- Quem mais foi prejudicado ?
 [83] C10- A Giselinha.
 [84] C2- As empregadas, porque acharam que elas não estavam limpando.
 [85] PE- Qual foi o desfecho do conto “O grande mistério” ?
 [86] C3- De repente eles, descobrem que a menininha tinha feito xixi dentro do jarro.
 [87] PE- Quem era realmente culpado?
 [88] C3- A Giselinha.
 [89] C10- É mesmo.
 [90] C2- Que ninguém suspeitava.
 [91] PE- Em que parte vocês descobriram?
 [92] T- No final.
 [93] PE- A narrativa desse conto de mistério omite alguma informação?
 [94] C10- Não.
 [95] C3- Não.
 [96] C2- Sim.
 [97] PE- Por que vocês acham isso?
 [98] C2- Esconde o que era que estava fedendo.
 [99] C10- Não, porque conta a história desde o começo até o fim explicando.
 [100] PE- Esse texto despertou sua curiosidade? Por quê?
 [101] C3- Sim.
 [102] C10- Sim.
 [103] C4- Não, gostei mais dos outros.
 [104] PE- Ele é muito diferente dos outros?
 [105] C6- Não muito, sora. Sabe por quê? Ele contém mais mistério, achei legal.
 [106] PE- Vou entregar o texto do próximo encontro, ele é um pouco maior.
 [107] C3- O retrato oval! Que d’hora.
 [108] PE- Eu vou entregar um texto para cada um, mas vocês vão estudar em dupla. Já combinamos as duplas, certo?
 [109] T- Sim.
 [110] PE- Outra coisa, peguem o lápis e procurem marcar em casa as palavras que vocês não conhecem, porque se for procurar aqui vamos levar muito tempo.
 [111] C10- Mas, antes, eu vou ler ele inteiro, né?
 [112] PE- Isso, mas você pode ir lendo e marcando também. Podem ir buscar o material. Tchau. Até quarta-feira.

Gravação - 11/05/2016 (15h23min às 15h58min)

- [1] PE- Boa tarde, pessoal! Quem conseguiu ler o conto “O retrato oval”?
 [2] (Os alunos levantaram a mão.)
 [3] PE- Só a C1 e a C10 leram?
 [4] C2- Eu li só a primeira parte.
 [5] PE- Tá. Pra quem leu, foi difícil realizar a leitura desse conto? Por quê?
 [6] C10- Sim, por causa que tem palavras muito difícil.
 [7] C2- Eu acho difícil, porque tem três páginas.

- [8] PE- É verdade, por ser maior do que os textos que estamos acostumados a ler, pode se tornar um pouco cansativa a leitura. Esse conto apresenta palavras que vocês não conhecem ou acharam complicadas de entender?
- [9] T- Sim.
- [10] C7- Muitas.
- [11] C10- Eu marquei umas 20 palavras no texto.
- [12] C7- Oh, sora, eu sei por que tem gente que sabe todas as palavras, porque pesquisa no google.
- [13] C6- O que é “pálpebras”?
- [14] C10- É a parte do olho, que fica acima do cílios e abaixo da sobrancelha.
- [15] C6- A tá.
- [16] C2- Você conseguiu, tipo assim, tirar a parte do filme no computador?
- [17] PE- Eu até fiquei pensando depois que você pediu, mas a narrativa de um filme é grande e se cortarmos só um pedaço fica sem sentido.
- [18] C7- Sora, o que é “candelabro”?
- [19] PE- Vou escrever na lousa as palavras que vocês querem saber e depois vou explicando. Vocês preferem assim?
- [20] T- Sim.
- [21] C6- “Apeninos”.
- [22] PE- Pra ficar mais fácil, vamos começar na primeira página do texto e vocês falam as palavras na ordem em que acharam elas no texto. Tudo bem?
- [23] T- Tá.
- [24] C3- “Multiformes”.
- [25] C6- “Heráldicos”.
- [26] C6- “Sumptuosamente”.
- [27] C11- “Bizarra”.
- [28] C3- “Torreão”, “edifício”.
- [29] C4- “Colgaduras”.
- [30] C7- “Candelabro” também.
- [31] C4- “Doirados”.
- [32] C6- “Virtudes”.
- [33] C7- “Postigos”, “franjada” e “arabesco”.
- [34] C3- “Desagradável” e “desusado”.
- [35] C7- “Obscuridade”.
- [36] C3- “Delírio”, “incipiente”.
- [37] C11- “Incidisse”.
- [38] C8- “Magníficas”.
- [39] C9- “Devotamente”.
- [40] C14- “Veemência”.
- [41] C6- “Filigranada”.
- [42] C7- “Austero”.
- [43] PE- “Apeninos” é um agrupamento de cadeias montanhosas. Sabe quando a gente olha o horizonte e vê, bem distante, várias montanhas perto uma das outras? “Multiformes”, vamos pensar um pouco. O que é “Multi”?
- [44] C4- Muitas formas.
- [45] PE- Isso, tem várias formas. “Heráldicos” é uma obra de identificação como, por exemplo, o brasão. Vocês sabem o que é um brasão?
- [46] T- Não.
- [47] PE- É um conjunto de figuras usado pra representar uma família nobre. Nunca viram em filmes?
- [48] C2- Ah, aqueles desenhos que, às vezes, tem nas roupas, no roupão?
- [49] PE- Isso, tem bordado em vários lugares. “Sumptuosamente” é quando envolve uma grande quantidade de dinheiro. “Postigos” são pequenas portas dentro de outras.
- [50] C2- Igual no filme “Alice no país das maravilhas”.
- [51] PE- “Bizarra”, pode ser uma coisa estranha. “Torreão”, bom, vocês sabem o que é um terraço?
- [52] C11- É uma casa que tem o telhado e tem mais coisa em cima?
- [53] PE- Isso, é a parte mais alta do prédio. “Edifício” é a construção de uma casa, de um prédio... “Colgadura” eram panos muitos pesados que cobriam as janelas, são como as cortinas que usamos em casa, mas, agora, elas são mais leves. “Candelabro”. Ah, a C13 queria responder o que significa essa palavra. Pode falar, [54] C13.
- [55] C13- Candelabro é tipo uma luz que a gente põe no quarto, cheia de cristais.

- [56] PE- Isso, são luminárias. Pessoal, “dourados” é o mesmo que dourados. Prestem atenção! Esse conto foi escrito há muitos anos atrás. Algumas palavras foram modificadas ao longo do tempo. “Virtudes” é a qualidade de uma pessoa que pratica bons atos.
- [57] C3- “Franjadas!, cortinas franjadas.
- [58] PE- É um tecido cortado em franjas. “Arabesco” é uma coisa que tem uma combinação de formas geométricas.
- [59] C6- O que é “desagradável”?
- [60] PE- É uma coisa que você não gosta, não acha agradável.
- [61] C6- Ah, entendi.
- [62] PE- “Desusado” é algo ultrapassado, que não se usa mais. “Obscuridade” é quando falta luz, está escuro. “Delírio” é quando você fica confuso e cria falsas conclusões. “Incipiente” é aquilo que tá no começo.
- [63] C11- E “incidissem”?
- [64] PE- Tenho um exemplo. A C3 me disse que, na sala de informática, o sol estava batendo nela, ou seja, ele estava incidindo.
- [65] C6- “Magníficas” ?
- [66] PE – O mesmo que maravilhosa.
- [67] C3- “Devotamente”.
- [68] PE- C3, “devotamente” é uma coisa feita com muita dedicação.
- [69] PE- Tem mais alguma palavra?
- [70] C6- “Veemência”.
- [71] PE- Uma coisa que tem muita energia, muita força.
- [72] C6- “Filigranada”.
- [73] PE- São tecidos bordados com fio de ouro.
- [74] C7- “Austero”.
- [75] PE- É característica de uma pessoa severa.
- [76] C4- “Impulsivo”.
- [77] PE- Uma pessoa impulsiva faz as coisas sem pensar. Pessoal, vou ler o texto pelo menos uma vez, agora, pra todos ouvirem. Para o próximo encontro, vocês marquem as palavras de cor diferente das que já vimos hoje, porque vamos continuar.
- [78] C2- O que é “oval”?
- [79] PE- Que tem o formato parecido com o do ovo, arredondado.
- [80] C8- O que é “empenhado”?
- [81] PE- É quando você se esforça para realizar alguma coisa.
- [82] (Leitura do conto “Retrato oval”, anexo 5, feito pela PE)
- [83] PE- Então, a gente se encontra, de novo, na sexta-feira e fala sobre a leitura. Vão pensando sobre ela. Podem ir. Até mais.

Gravação – 13/05/16 (15h18min às 15h36min)

- [1] PE- Boa tarde. Podem ir sentando.
- [2] T- Boa tarde.
- [3] C10- Não entendi a história.
- [4] PE- Tá bom. Vou fazer algumas perguntas. Em seguida, explico a história.
- [5] C10- Tá bom.
- [6] PE- Em sua opinião, o que o título do conto “O retrato oval” sugere?
- [7] C10- Que vai ter o retrato oval na história.
- [8] PE- O retrato OVAL.
- [9] C7- Um retrato arredondado em forma de ovo, igual o C10 falou aula passada.
- [10] PE- Vocês entenderam os fatos narrados no conto?
- [11] T- Sim.
- [12] PE- Então, tiveram dificuldade?
- [13] T- Tivemos.
- [14] PE- Vocês consideram que esse conto é macabro? Por quê?
- [15] T- O que é macabro?
- [16] C2- Sim.
- [17] PE- É relativo à morte, ao horror.
- [18] C10- Não.
- [19] C3- Sim, o final.
- [20] C6- Sim, porque a moça morre.
- [21] PE- Em relação ao narrador, qual mudança percebida entre esse conto e os anteriores?

- [22] C2- O conto narrado tem um monte de palavra difícil e é difícil de entender.
- [23] C3- E é grande.
- [24] C7- Tem duas folhas a mais do que os outros.
- [25] PE- A narração é mais complexa e o conto é maior, né? Eu trouxe uma imagem do retrato oval e vou explicar a história pra vocês. Aqui tem a foto do autor, mas o conto é de um pintor que faz o retrato da esposa dele.
- [26] C7- Daí ela morreu.
- [27] PE- É comum a gente encontrar retratos nesse formato?
- [28] C10- Agora, são mais quadrados, né?
- [29] PE- Verdade! Antigamente, era mais usado o retrato oval. O conto “O retrato oval”, conta a história de um homem que, ao passar a noite num castelo abandonado descobre a pintura de uma jovem que permitiu ser pintada pelo marido. A história que ele narra sobre o retrato é um relato que ele está lendo de um caderno, cujo conteúdo são as histórias relacionadas a essas obras-primas.
- [30] C10- É um diário!
- [31] PE- Isso. Como um diário, são os relatos do pintor. É a história de uma jovem que sentia-se enciumada da atenção que o marido dava pra suas pinturas e, por isso, permitiu que ele a pintasse.
- [32] C10- Ele pintou ela como na vida.
- [33] PE- Sim, ele fez um retrato tão lindo que parecia que tinha vida na pintura, mas o que aconteceu com ela na vida real?
- [34] C10- Morreu.
- [35] PE- Então, a única coisa que restou de vida era o retrato, pois a jovem estava morta. É a história de uma jovem apaixonada que sofre pela obsessão que seu marido tinha pela pintura.
- [36] C10- Ou pela obsessão que ela tinha pelo marido!
- [37] PE- Bem pensado, C10. Os dois eram obcecados. Ele era obcecado pelas obras e ela era obcecada pelo marido.
- [38] C6- Eu tenho certeza que ela morreu em quatro dias, porque uma pessoa sem comer e sem beber água não aguenta mais que isso.
- [39] PE- A conversa que tivemos, agora, com os colegas, ajudou vocês a compreenderem o conto ou atrapalhou? Por quê?
- [40] T- Ajudou.
- [41] C2- Porque a história era difícil.
- [42] C10- Porque, conversando, conseguimos entender melhor.
- [43] PE- Essa história foi escrita em 1842, faz muito tempo.
- [44] C10- Posso fazer a conta na lousa? Deu 172.
- [45] PE- Pode. Então, faz 172 anos que esse conto foi escrito.
- [46] PE- Eu vou vir quarta-feira e sexta-feira pra vocês ficarem na recreação de segunda-feira. Combinado?
- [47] T- Eba!
- [48] C11- Sim.
- [49] PE- Até semana que vem. Tchau.
- [50] T- Até, sora.

Gravação – 18/05/2016 (15h11min às 15:57min)

- [1] PE- Boa tarde!
- [2] T- Boa tarde.
- [3] PE- Hoje, vamos realizar nosso encontro de uma forma diferente. O conto de hoje chama-se “O enigma do outro lado”. Antes de lermos em voz alta, vocês vão fazer uma leitura silenciosa.
- [4] (O conto foi entregue na hora.)
- [5] T- Tá bom.
- [6] (Alunos realizando leitura silenciosa)
- [7] C7 – Eu achei o nome Zé Pereira engraçado... Tadinha chamou a mulher de gorda.
- [8] C10- Gorda e rosada, né?
- [9] C11- Esse texto, aqui, não tem aquelas palavras estranhas igual ao outro.
- [10] PE- É verdade, esse não tem mesmo.
- [11] C11- Agora entendi.
- [12] C2- Ufa! Pensei que fosse pessoa.
- [13] PE- Vocês já estão terminando de ler?
- [14] C4- Quase.
- [15] C6- Sim.
- [16] C3- Falta só um pedacinho.

- [17] PE- Hoje, é a vez, da C2 ler o texto.
- [18] C10- Eu quero ler, sora.
- [19] C4- Você já leu aquele conto sobre o mistério do feijão.
- [20] C10- Ah, é mesmo!
- [21] C2- É minha vez, sora.
- [22] PE- Eu sei, C2. Pode começar, então.
- [23] (Leitura do conto "O enigma do outro lado", anexo 6, feita pela C2)
- [24] C6- É fruta!
- [25] C10- Na verdade, quem era o Zé Pereira era as frutas? ... O nanico era o limãozinho.
- [26] C7- Antes de chegar nas partes das frutas, eu achei que era gente.
- [27] C5- Ah, sora. Sabe a história da pequena sereia? Não tem aquela bruxa?
- [28] PE- Sei.
- [29] C5- Eu assisti um vídeo que falava que a bruxa foi criada baseada em fatos reais, porque tem uma cantora que come todas as pessoas que ela não gosta...os inimigos dela.
- [30] PE- O próximo conto que vou entregar hoje, vai falar sobre isso.
- [31] C5- Nossa! Que legal.
- [32] C7- Pessoas que come gente? Ai, credo.
- [33] C13- Canibais.
- [34] C1- De horror, de horror!
- [35] PE- É, mas, antes, vamos falar desse conto que lemos. Começando pelo título...Vocês sabem o que é enigma?
- [36] C10- Enigma é uma coisa escrita em algum lugar e... a gente tem vontade de decifrar.
- [37] C7- Acho a mesma coisa.
- [38] C2- Uma charada.
- [39] PE- Muito bem! O enigma é um mistério que precisa ser resolvido.
- [40] C7- Às vezes, tem gente que sabe e outro quer saber
- [41] C6- É verdade. Tem vez que uma pessoa até paga para a outra falar.
- [42] PE- Quem assiste o desenho do Scooby Doo? Tem muitos enigmas nos episódios desse desenho, não é mesmo?
- [43] C3- Eu assistia.
- [44] C4- Tem mesmo.
- [45] C10- A Velma é a que sempre descobria.
- [46] C13- Scooby Doo é muito legal!
- [47] PE- O que será que aconteceu com os irmãos de nanicos?
- [48] C4- Foram comidos.
- [49] C7- Foram levados pra não sei o quê...
- [50] PE- A C7 disse que eles foram levados, mas ainda não sabe pra onde. Alguém já descobriu?
- [51] C10- Pra barriga.
- [52] C13- Foram levados para a outra porta e foram comidos.
- [53] PE- E onde será que leva essa outra porta?
- [54] C10- Eu sei...
- [55] C5- Na cozinha.
- [56] C10- No céu.
- [57] C8- Na sala de jantar.
- [58] C4- Eles podiam estar na fruteira também.
- [59] C2- Oh, sora, eu achei que era no dentista que eles iam, porque falou que tem a mancha preta...podia ser no dente.
- [60] PE- Hum, é verdade. Pode ter essa possibilidade também. E o que vocês imaginam que acontece com os personagens após passar pela porta?
- [61] C10- Sora, eu sei quem era o... o Zé Pereira.
- [62] C13- Primeiro, a pessoa agarra eles. Depois, são descascados e comidos.
- [63] C10- O Zé pereira é uma banana?
- [64] T- Não.
- [65] C4- É a pera.
- [66] C10- Por quê?
- [67] PE- Hum, vocês sabem em qual árvore nasce a pera?
- [68] C6- Não lembro.
- [69] PE- Na pereira.
- [70] C10- E o nanico é o limão?
- [71] C4- A banana é o nanico.

- [72] C10- Ah, tá!
- [73] C6- O nome dele é nanico, porque tem banana nanica. E tem também a banana-maçã que falam esse nome, porque tem quase o tamanho de uma maçã.
- [74] C2- E a rosada é o morango.
- [75] C5- Acho que é maçã.
- [76] C7- E eu tomate.
- [77] C10- Eu acho que é a maçã, sora.
- [78] C4- É morango, porque fala que tem mancha preta.
- [79] PE- Vocês concordam com os personagens quando falam que não devem ter medo? Por quê?
- [80] C10- Sim.
- [81] C7- Não.
- [82] C13- Não.
- [83] C6- Não.
- [84] C7- Eu acho que não, porque quem descasca são os humanos e quem são comidos são as frutas.
- [85] PE- Bom, e se o Nanico era a banana quem eram os irmãos dele?
- [86] C7- Ah! Deve ser a bananinha, o bananão..
- [87] PE- Isso! São as outras bananas, não é?
- [88] C7- Sim.
- [89] C11- Eles ficam em...tipo de um cacho.
- [90] PE- Muito bem! Ficam todos unidos, como ele fala no conto.
- [91] C2- É bem na parte que ele fala que vem da periferia. Posso falar o que é periferia?
- [92] PE- Pode, C2.
- [93] C2- É uma favela.
- [94] PE- Sim, são os bairros que estão ao redor da área central de uma cidade.
- [95] C1- Dá pra fazer mais coisa com fruta.
- [96] PE- O que mais dá pra gente fazer com as frutas?
- [97] C3- Suco.
- [98] C14- Comer.
- [99] C1 – Salada de frutas.
- [100] PE- Isso! Podemos comê-las, fazer suco, salada de frutas, ...
- [101] C7- A fruta veio da favela?
- [102] PE- Vieram de uma região que não fica na parte principal da cidade; foram transportados.
- [103] C7- Ah tá!
- [104] PE- Quando a personagem fala que vai descobrir o segredo da vida, o que vocês imaginaram que ela ia descobrir?
- [105] C2- A morte.
- [106] C7- Que vai ser comido.
- [107] C10- Vai descobrir o fim da vida, por causa que ele está se arriscando muito.
- [108] C9- A felicidade.
- [109] C13- Eu acho que a sala de espera era o supermercado.
- [110] PE- No momento em que o homem pega uma faca afiada, o que vocês acharam que ele ia fazer? É pra responder o que acharam antes de saber que eram frutas.
- [111] C7- Que ele ia matar uma pessoa, fazer picadinho...
- [112] C3- Também achei que ia matar a pessoa, mas, agora que sei que é uma banana, ele ia só cortar a banana pra comer.
- [113] C5- Eu achei que ele ia cortar, como que chama mesmo...esquartejar uma pessoa.
- [114] C6- Podia ser também um animal, eu pensei isso.
- [115] C7- Eu pensei que era um ogro, né. Quando ele falou que abre a boca com os dentes enormes e amarelos.
- [116] C13- Achei que era canibais.
- [117] PE- Como o segredo foi descoberto?
- [118] C7- Quando entraram na cozinha, porque ninguém voltou, foi comido.
- [119] PE- Isso. E quem são os personagens do conto?
- [120] C7- O Zé Pereira, o Nanico, os irmãos dele...
- [121] C13- É o ZéPereira, o Nanico, os irmãos dele, a rosada e homem.
- [122] C4- A rosada é a maçã.
- [123] PE- Tá bom. Então, terminamos esse. Como já estamos na hora de ir embora, vou entregar o texto do próximo encontro.
- [124] C5- De canibais, sora?
- [125] C2- Qual o nome?

[126] PE- Sim. “O mistério do homem de preto”. Tenho mais um recado. Sabe o conto que lemos antes desse que chamava “Retrato oval”, todo mundo separa ele e deixa no material, porque vamos usar ele de novo.

[127] T- Tá.

[128] PE- Obrigada, pessoal! Até sexta-feira.

[129] T- Tchau, PE.

Gravação – 20/05/2016 (15h15min às 15h52min)

[1] PE- Olá, pessoal. Boa tarde!

[2] T- Boa tarde!

[3] PE- Hoje, vamos ler o conto... Qual é o título mesmo?

[4] T- “O mistério do homem de preto”

[5] C4- Tem filme desse conto?

[6] PE- Não.

[7] C4- A tá.

[8] PE- Hoje, a leitura vai ser feita pela C4, que estava na fila, de novo, pra ler. Leia em voz alta, C4.

[9] (Leitura do conto “O mistério do homem de preto”, anexo 7, feita pela C4)

[10] PE- Muito bem! Agora vamos responder as questões sobre esse conto. Vou começar pelo lado esquerdo, hoje.

[11] C13- Eu acho que o policial era esse homem aí...

[12] PE- O homem de preto?

[13] C13 - Isso.

[14] C6- E eu também acho que o Ross morreu.

[15] PE- Tá. O que vocês sentiram ao ler esse conto? Por quê?

[16] C6- Eu senti medo, porque tem o homem que matou as pessoas.

[17] C1- E, do nada, foi ver na televisão que ele tinha desaparecido.

[18] C3- Dá medo, sim, porque tá contando a história normal e, do nada, aparece cabeça de pessoas na geladeira.

[19] C4- Medo, porque, no final, o Ross desaparece do nada.

[20] C13- Eu senti medo, por causa da cabeça cortada.

[21] C9- Acho a mesma coisa que a C3.

[22] C11- Um pouquinho, por causa que ele assassina uma pessoa.

[23] C13- Onde você pega esses textos?

[24] PE- Na internet, lembra que já falei? Sempre tem o link no final da folha. Ah, agora, entendi. Você perguntou porque esse não tem o site. Eu vou trazer pra vocês, mas ele foi tirado do mesmo lugar que alguns outros que já lemos.

[25] C10- PE, vai ter texto pra levar hoje?

[26] PE- Vai.

[27] C10- Eba!

[28] C13- Aquele da casa do bruxo é um site todo preto, né?

[29] PE- Isso, tem o fundo escuro.

[30] C13- Eu entrei lá.

[31] PE- Que legal, C13! Voltando para o conto... Vocês sabem o quê significa “clorofórmio”?

[32] C1- Não.

[33] C4- Não.

[34] C10- É um negócio que fica no banheiro...que, se você cheira, o coração para.

[35] PE- O clorofórmio é um composto químico anestésico, por isso quando uma pessoa respira perde os sentidos.

[36] C13- Por isso que, na novela, eles molham um paninho e colocam no nariz da pessoa e ela desmaia.

[37] C6- Sora, que nem o filme do tintim.

[38] C10- Eu assisti que nem uma novela que o moço falou assim que ia pegar esse tal de “Comoflorio” aí, pra matar uma pessoa.

[39] PE- É...se a pessoa respirar por mais que uns segundos, ela pode morrer.

[40] C11 - E se beber?

[41] PE- Se beber em grande quantidade vai morrer, porque causa queimaduras na boca e na garganta. É muito forte.

[42] C13- Acontece isso na novela “Meu coração é teu”. Coitado do Fernando!

[43] PE- Fernando é um personagem?

[44] C13- Sim.

- [45] C10- É mesmo, eu acho que ele não vai morrer.
- [46] C3- Por que tem um pedaço do texto que a letra tá maior?
- [47] PE- É para chamar atenção, dar ênfase na fala dele. E, também, porque ele estava exaltado. O que o homem de preto fazia com as pessoas?
- [48] T- Ele matava.
- [49] PE- Por quê ou para quê?
- [50] C1- Porque ele não tinha onde morar...
- [51] C10- E ele queria morar na casa dos Smith.
- [52] C13- Porque ele é mau.
- [53] PE- E depois que ele matava?
- [54] C3- Colocava na geladeira e comia. O que é “exaltação”?
- [55] PE- É quando a pessoa fica exaltada, fala alto, fica nervosa, grita.
- [56] C3- A tá.
- [57] PE- No texto, temos a palavra “antropofagia”. O que vocês sabem sobre isso?
- [58] C13- Não.
- [59] C10- A C2, que decifra tudo, faltou hoje.
- [60] PE- Ninguém sabe?
- [61] T- Não.
- [62] PE- Mas vocês me disseram que sabia o que era canibalismo. Não foi?
- [63] C13- Sim, é uma pessoa que come outra.
- [64] PE- “Antropo” significa homem e “fagia” significa comer. Então, “antropofagia” é o ato de comer carne de um ser humano. O canibalismo surgiu por causa de uma comunidade indígena que realizava rituais em que se comiam carne humana. Os índios acreditavam que, se comem o inimigo, eles iam ficar mais fortes, teriam a mesma força ou sabedoria do outro.
- [65] C10- Ai, que mentira!
- [66] C13- “Tá com fome, mata um homem e come.”
- [67] PE- Eles não tinham esse conhecimento que temos agora, não sabiam que não era verdade.
- [68] C6- Sora, o que é “incrédulo”?
- [69] PE- O ato de não acreditar, duvidar de alguma coisa. Então, o canibalismo era um ato praticado por indígenas. Comiam os inimigos como forma de vingança.
- [70] C1- Então, se eu comer um rico, vou ficar rico? (Risos)
- [71] C10- Eles não era inteligentes.
- [72] PE- Quem pratica a antropofagia pode ser considerado doente. Além disso, o canibalismo é considerado crime. Por que será?
- [73] C11- É assassinato.
- [74] C13- Tem que ir no médico.
- [75] PE- No psiquiatra.
- [76] C7- Mas se mata pessoa pra comer não vai matar o psiquiatra?
- [77] PE- Isso é uma coisa muito séria. Se a pessoa tiver problemas psicológicos ela tem que ir se tratar.
- [78] C13- Tem um filme que é assim. Tem umas pessoas com problemas de cabeça. E eles estavam no hospício. E tinha uns jovens que foram pra lá, estavam esquiando e não achavam lugar para dormir. Pararam nesse lugar e os loucos tavam tudo lá. Ai, no finalzinho, os loucos entraram na mata, mataram eles e fizeram espetinho pra assar.
- [79] PE- Nossa! E comeram?
- [80] C13- Sim.
- [81] PE- Todo mundo entendeu o que é antropofagia, então?
- [82] T- Aham.
- [83] PE- Matar pessoas pra comer é considerado normal em nossa sociedade? Por quê?
- [84] T- Não. Não.
- [85] C7- Não é normal, porque as carne da vaca já é servida pra gente matar e comer. E não matar pessoas.
- [86] PE- Esse tipo de coisa acontece nos dias de hoje?
- [87] C1- Sim.
- [88] C7- Sim.
- [89] C10- Sim.
- [90] C13- Não.
- [91] C14- Não.
- [92] C3- Sim.
- [93] C4- Não.
- [94] C6- Sim.

- [95] C7- Porque esses canibais que existem, ainda, devem estar comendo outras pessoas.
- [96] C13- Eu acho que é verdade, porque deve ter isso em outros países. Não no nosso país.
- [97] C3- Eu acho que é verdade em todo país, porque depois do filme que eu vi que o homem mata todo mundo pra comer...
- [98] C7- Eu já vi um filme, sora. Acho que é a vingança.
- [99] PE- Além dos filmes, vocês já ficaram sabendo de algum caso como esses na vida real?
- [100] C7- Não.
- [101] C1- Sim, pela televisão.
- [102] PE- É, gente! Isso é uma coisa muito ruim, mas, infelizmente, acontece. Vemos casos na televisão em que as pessoas fazem isso por vingança ou porque tem problemas mentais e fazem sem motivo.
- [103] C1- Tem um filme também que chama “A vingança rápida”, o cara sai da cadeia e mata as pessoas. Depois, um monte de gente vai na casa dele comer.
- [104] PE- Por que o delegado não acreditou no Ross?
- [105] C6- Pensou que ele era louco.
- [106] C1- É, também.
- [107] C13- Pensou que era louco, né?
- [108] PE- Sim. O Ross até achou que era só um pesadelo, pois ninguém acreditou.
- [109] PE- Vocês acreditariam se alguém contasse uma história dessa pra vocês?
- [110] C4- Não.
- [111] C7- Eu acreditaria mais ou menos, porque o capeta existe.
- [112] PE- Assim como existem pessoas boas, existem pessoas más. É isso, C7 ?
- [113] C7- Uhum.
- [114] C1- Não se fala capeta, fala Satanás.
- [115] C13- É Satanás, Lúcifer é quando ele tava no céu.
- [116] C13- Eu acreditaria, porque o lá de baixo pode atentar as pessoas.
- [117] C1- Eu pensei que ele era um alienígena...
- [118] PE- A narrativa desse conto é estruturada de forma a criar suspense? Por quê?
- [119] T- Sim.
- [120] C7- Vai contando aos poucos e a gente quer saber o que acontece.
- [121] C1- Porque tem várias partes também.
- [122] C13- No começo, parece um conto normal, mas depois vai ficando meio pesado.
- [123] PE- Qual foi o desfecho desse conto?
- [124] C10- Eu sei! Foi assim...depois de ir na delegacia ele sumiu.
- [125] C1- O Ross sumiu.
- [126] C4- Ele sumiu mesmo.
- [127] C7- Desapareceu.
- [128] PE- O que vocês acham que aconteceu com o Ross?
- [129] C6- Eu pensei que o policial era o homem de preto. Daí, pensei que, a hora que o Ross tava saindo da delegacia, tinha matado ele.
- [130] C1- Eu pensei que aquela pessoa matou ele e comeu.
- [131] C4- Acho que aconteceu que, depois que ele saiu da delegacia, o homem de preto estava esperando, levou ele pra casa dele e matou.
- [132] C13- Quando o Ross saiu da delegacia, o homem de preto estava esperando na esquina e já pegou ele pelo pescoço, levou pra casa dele e comeu.
- [133] C7- Acho que, depois que saiu da delegacia, ele mesmo se matou.
- [134] C10- Eu acho que ele era louco e bateu a cabeça na parede, porque tava num pesadelo e morreu.
- [135] PE- Tenho mais uma coisa pra perguntar, na segunda folha, tem a palavra “cutelo”. Alguém sabe o que é?
- [136] C6- Meu tio fala que vai pegar isso pro meu irmão e ele fica morrendo de medo.
- [137] PE- “Cutelo” é uma faca bem grande e tem o cabo de madeira. É usada para degolar as pessoas.
- [138] C10- O que é “degolar”?
- [139] PE- É cortar no pescoço, separar a cabeça do corpo.
- [140] C7- Credo!
- [141] C13- Nossa!
- [142] PE- Ela é usada também por açougueiros para cortar carnes e ossos duros.
- [143] C6- Eu já vi no jogo. Consegui comprar um cutelo e daí cortei a cabeça do cara.
- [144] PE- Agora, prestem atenção. Só pra terminar... Teve horas que demos risadas, mas esse é um assunto muito sério. É um conto, mas é uma coisa que acontece e vemos na televisão. Vou entregar o texto da semana que vem. O nome do conto é “O sufoco”. Leiam todos! Tchau.
- [145] T- Tchau, pro.

Gravação – 06/06/2016 (15h31min às 16h)

- [1] PE- Boa tarde, pessoal!
- [2] T- Boa tarde.
- [3] PE- O conto que vamos ler, hoje, chama-se “Sufoco”.
- [4] C5- Eu li “O homem de preto” achando que era ele.
- [5] PE- Ué...Ah! Tá certo, você faltou no encontro passado e te entregaram esse texto, não foi?
- [6] C5- É.
- [7] C3- Ela deu “O homem de preto” primeiro, depois esse aqui.
- [8] PE- Isso. Então, vou fazer a leitura em voz alta.
- [9] (Leitura do conto “Sufoco”, anexo 8, realizada pela PE)
- [10] C7- Não entendi.
- [11] C6- Eu entendi. Ela tava no dentista tirando o dente, daí, como ela tinha desmaiado, pensou que estava acontecendo aquilo lá.
- [12] PE- Bem pensado, C6. No começo, fala que ela está sendo perseguida por bêbados, numa rua escura, num bar sujo. Que roubaram, atacaram, mataram e jogaram ela num rio pros ratos.
- [13] C13- Ela estava tirando uma cárie.
- [14] PE- Sim, também pode ser. A coroa é usada pelos dentistas como capas para dentes danificados.
- [15] C6- Oh, sora, então...deixa eu confirmar isso que aparece no texto. “furtivamente” é tipo um espião que está ali, quietinho?
- [16] PE- “Furtivamente” significa disfarçadamente. No conto ela está disfarçando para ver o perseguidor.
- [17] C8- Eu já tomei anestesia, igual ela.
- [18] C3- Eu também.
- [19] PE- Então, podemos pensar que ela tomou uma anestesia e a mente dela criou todos esses acontecimentos.
- [20] C3- Por que a dentista coloca aquele negócio azul dentro da boca e depois joga?
- [21] PE- É um flúor, serve para prevenir contra cáries e ajudar o dente se manter forte.
- [22] C1- Deixa o dente estranho...
- [23] PE- Agora, vou fazer algumas perguntas. Vocês tiveram dificuldade para entender o conto “Sufoco”? Por quê?
- [24] C3- Sim. Eu li, li... e não consegui entender o que aconteceu.
- [25] C7- Sim, porque não entendi nada.
- [26] C6- Não.
- [27] PE- Quais são as palavras que impediram o entendimento completo desse conto?
- [28] C4- “Incautos”.
- [29] PE- É o mesmo que ingenuidade.
- [30] C4- Hum, tá.
- [31] C3- “Montmartre” ?
- [32] PE- É um bairro que tem muitas festas em Paris, um lugar onde as pessoas vivem sem regras.
- [33] C3- Ah...
- [34] PE- Vocês conseguiram relacionar o título à história?
- [35] T- Sim! Sim!
- [36] C13- Por que quando ela foi jogada nas águas escuras, se sente sufocada. Isso tem tudo a ver com o texto.
- [37] C7- Ia falar a mesma coisa.
- [38] C10- Ela se sentiu sufocada por tudo aquilo que estava acontecendo.
- [39] PE- Quais sentimentos são centrais no conto “Sufoco”?
- [40] C3- Sentimentos tristes e sentimentos felizes.
- [41] PE- Sentimento de felicidade?
- [42] C3- Acho que sim, porque não aconteceu de verdade.
- [43] C10- De surpresa também, porque, no final, sempre revela tudo.
- [44] C3- De desespero.
- [45] PE- Aconteceu de verdade?
- [46] T- Não.
- [47] C2- Eu achei que ela tava devendo dinheiro pros bêbados.
- [48] C3- O sentimento dela também é falso.
- [49] PE- A realidade se mistura com o quê?
- [50] C3- Com a fantasia.
- [51] PE- Como são os lugares descritos pelo narrador?

- [52] C7- Como assim?
- [53] PE- Quero saber como são os lugares que ela encontra...
- [54] C4- São ruas escuras.
- [55] C13- Bar sujo.
- [56] PE- Você considera que esse conto é de terror? Por quê?
- [57] C3- Sim, porque não dava pra saber que era um sonho.
- [58] C4- Mais ou menos.
- [59] C2- Ai... sim.
- [60] PE- O que os homens podiam fazer com ela?
- [61] C7- Podiam matar, né?
- [62] C13- Eles podiam pegar ela e dar bastante bebida, depois matar.
- [63] C2- Esquartejar.
- [64] PE- Sim, podiam fazer muitas coisas ruins. Eu acho que é de terror. Vocês viram a notícia que está passando na tv, o tempo todo?
- [65] C6- Do estupro?
- [66] PE- É. Da menina que foi violentada por vários homens.
- [67] C10- 30.
- [68] C4- 36.
- [69] PE- Parece que eles doparam ela.
- [70] C13- Um amigo da escola dela, tava procurando ...
- [71] PE- Parece que um amigo combinou de encontrar com ela e quando ela chegou, tinha vários esperando. Pelo menos foi isso que noticiaram.
- [72] C7- Mais ela morreu?
- [73] PE- Não. Estava inconsciente, mas viva.
- [74] C4- Credo!
- [75] C5- Tem um canal na SKY, tem um programa que a noite passou que um homem, fingiu que tava vendendo alguma coisa e entrou na casa das moças. Trancou a porta, trancou uma delas no banheiro e a outra ele amarrou na cama. Fez a mesma coisa com as duas.
- [76] C10- Fez o que, sexo?
- [77] PE- Sexo acontece com consentimento das partes envolvidas. E não é o caso do estupro porque a pessoa é forçada, violentada. É uma coisa muita séria, depois disso a pessoa pode ter problemas psicológicos. Nesses casos, as mulheres ficam com medo até de saírem na rua. Geralmente, quem faz isso...
- [78] C4- É psicopata.
- [79] PE- Vimos no texto anterior ações de um possível psicopata. Quando a pessoa faz coisas desse tipo, tem problemas psicológicos ou está sobre influência de drogas e pode até matar.
- [80] C10- É, tipo assim... quando faz essas duas coisas. Se ela foi estuprada por 36, vai ter 36 filhos?
- [81] C3- Ela pode ter um filho, mais tem que saber qual é o pai.
- [82] PE- A moça pode até engravidar, mas vai ter um filho só. Não tem a possibilidade de engravidar tantas vezes de uma vez. Caso acontecesse de engravidar, ela precisaria fazer um exame de DNA.
- [83] C7- Pra onde eu for, vou levar uma faca, então.
- [84] PE- Por isso ouvimos as pessoas falarem que é perigoso andar sozinha, à noite, pra rua. Nossa cidade é pequena, mas, mesmo assim, temos que tomar cuidado. Tem gente que sequestra pessoas pra matar, pra abusar delas ou até pra vender órgãos no mercado negro.
- [85] C13- Principalmente crianças, né?
- [86] PE- Sim. Tem pessoas que até vendem crianças, por isso, quando somos pequenos, nossas mães dizem pra tomarmos cuidado; não conversar, nem aceitar nada de estranhos. Existem pessoas más, assim como existem pessoas boas.
- [87] C3- Eu acredito nisso viu, PE ?
- [88] C8- Eu tive uma amiga, sora, que desobedeceu a mãe dela e passou perto de um bar; ela tava indo na casa da amiga dela. Ai, o homem pegou e começou seguir, ela só viu quando chegou lá.
- [89] PE- É perigoso, temos que sempre ter cuidado. Voltando para o conto...Do que a moça estava fugindo?
- [90] C10- Dos bêbados.
- [91] C13- De um cara que tava seguindo ela na rua.
- [92] PE- E o que ela encontra?
- [93] C3- O bar.
- [94] C4- E os homens.
- [95] C13- A morte também.
- [96] C7- Eu fico com medo.

- [97] PE- É normal, todo mundo tem medo. Na verdade, esses contos fictícios trazem pra gente coisas que também acontecem na vida real. Podemos ver isso nas notícias da tv.
- [98] C10- Verdade.
- [99] PE- Por que a pureza dela era assustadora para as pessoas que estavam naquele bar?
- [100] C10- Porque a pessoa boa representa uma coisa melhor do que eles.
- [101] PE- A bondade devia ser praticada por todos e, infelizmente, não é. Muitas pessoas praticam o mal, sabendo que deviam praticar o bem.
- [102] C10- Daí se incomodam com quem é bom, né?
- [103] C3- É.
- [104] PE- O que acontece com ela, após ser vista e perseguida pelos homens?
- [105] C7- Ela morreu.
- [106] C4- Ela entrou no bar, foi arrastada. Ai jogaram ela no rio para os ratos.
- [107] PE- Vocês acham que histórias como essa acontecem na vida real? Por quê?
- [108] C7- Pode até acontecer.
- [109] C14- Não. Sabe por quê? Essa história não, porque a vida não está tão ruim assim...
- [110] PE- Em quais aspectos esse conto se parece com o conto "O mistério do homem de preto", lido anteriormente?
- [111] C6- O início porque tem um homem perseguindo.
- [112] PE- No conto anterior o homem era um psicopata e matava as pessoas pra comer.
- [113] C5- Do canibal.
- [114] PE- Ele fazia mal para as pessoas, assim como o conto de hoje. Eles se relacionam nesse aspecto. Apesar de ser uma possível alucinação, relata a maldade praticada por pessoas ruins. Qual o motivo dela sentir-se sufocada?
- [115] C7 – Porque ela não sabia nadar, sei lá ...
- [116] C13- Por causa de tudo que aconteceu com ela.
- [117] PE- Na opinião de vocês, por que o dentista surge na história?
- [118] C10- Porque ela tava com uma cárie no dente.
- [119] PE- Então, ela estava no dentista, certo?
- [120] C10- Sim.
- [121] PE- E ela pode ter tido alucinações, por conta da anestesia. Como vocês haviam falado.
- [122] (Bateu o sinal)
- [123] PE- Não esqueçam, na aula que vem, de trazer, de novo, o conto do "Retrato oval". Combinado?
- [124] T- Tá.
- [125] PE- Tchau! Até quarta-feira.

Gravação - 08/06/2016 (15h21min às 15h50min)

- [1] PE- Boa tarde!
- [2] T- Boa tarde.
- [3] PE- Nós vamos retomar o conto "Retrato Oval".
- [4] C6- Sora, deixa eu falar? Eu me lembro da história.
- [5] PE- Pessoal, atenção! O C6 vai dizer o que ele lembra do conto.
- [6] C6- Era assim...a moça casou com um pintor, daí, o pintor ficava o tempo todo pintando um monte de pessoas. Só que, daí, ela pensava que não dava bola pra ela, daí, ela ficou muito tempo parada e morreu.
- [7] PE- É, mas aconteceu mais coisas. Alguém lembra?
- [8] C10- E tinha um castelo.
- [9] C2- E tinha um homem que tava contando essa história ai.
- [10] PE- E o que ele encontrou?
- [11] C10- Um retrato oval.
- [12] PE- E antes?
- [13] C5- Ele encontrou o diário do pintor.
- [14] PE- Mais alguma coisa?
- [15] C7- Tem aquelas palavras que aprendemos o que significa.
- [16] PE- Lembra que eu trouxe uma resenha sobre o conto, porque vocês me pediram para procurar alguma coisa sobre ele?
- [17] T- Sim.
- [18] PE- A C3 vai ler.
- [19] (Leitura da "Resenha especial: O retrato Oval por Edgar Allan Poe", anexo 9)
- [20] C7- Sora, como que ela ficou tanto tempo parada? Ela ficou tipo o dia inteiro?

- [21] PE- Então, não explica. É como a C6 disse, a moça não conseguiria ficar tantos dias seguidos parada, teria sede, fome...
- [22] C4- Será que ficou diretão ou parava pra descansar?
- [23] PE- Acredito que ela parava, sim. Eles se dedicavam muito tempo ao retrato, mas ela descansava. E o resto do tempo ficava posando para a pintura.
- [24] C2- Acho que ela ficou mais de três dias lá.
- [25] C13- Acho que ficou uma semana.
- [26] C8- Umas duas semanas, eu acho...
- [27] C7- Teve um ano que a professora passou um filme de um menino que era cadeirante, ele quase não se mexia. Aí, ele morreu de tanto ficar parado.
- [28] PE- É, atrofia. Quanto menos a gente se movimenta, mais chances tem de atrofiar.
- [29] C4- Minha mãe tem a mão, os braços, as pernas e o pé atrofiado, porque, quando ela foi ter meu irmãozinho, os médicos deram anestesia errada nela. Aí minha mãe não fala, deu três paradas cardíacas nela.
- [30] PE- Nossa.
- [31] C10- Não tem cura?
- [32] C4- Acho que não. Depois, ela também parou de falar.
- [33] C13- Acho bem difícil ela voltar, já faz tempo que está deitada.
- [34] PE- A situação é difícil. Temos que pedir bênçãos pra ela.
- [35] T- É mesmo.
- [36] C6- Acho que a mulher da história aguentou pouco.
- [37] C4- Acho que um dia, porque eu, um dia sem comer, já morro de fome.
- [38] C7- Pra ela ficar os meses parada, eu acho que ela morreu toda acabada.
- [39] PE- Ok, vou fazer mais algumas perguntas. Existem dois tipos de narrador. O primeiro é aquele que se faz presente nos acontecimentos, sendo, de alguma forma, personagem da narrativa. O segundo tipo é uma entidade que não se faz presente na ação. Como podemos classificar o narrador do conto "O retrato oval" ?
- [40] C13- Personagem.
- [41] C6- Personagem.
- [42] C7- Eu acho que é personagem, porque, no começo do texto, ele fala "meu criado".
- [43] PE- Isso...A C7, está dando a justificativa pra resposta dela com uma pequena parte do conto. Depois de lermos o conto, aprendemos as palavras desconhecidas e discutimos sobre a história narrada. Agora, lendo novamente, vocês ainda tiveram dificuldades para compreender o conto? Por quê?
- [44] C10- Não. Deu pra entender, por causa que a resenha também ajudou. Ele tá mais definido, tá passando a história de um jeito melhor pra gente poder pegar no raciocínio.
- [45] PE- Vocês lembram o porquê a história é tão complexa? A escrita é mais difícil... Quando ela foi escrita?
- [46] C2- Em 1842. Ela também tem muito detalhe.
- [47] PE- Essa é uma das características do conto de mistério?
- [48] C2- Sim.
- [49] C10- Conta primeiro todos os detalhes da vida do pintor.
- [50] C13- Conta toda a vida dele. E quando a gente conta nossa vida, demora muito tempo pra acabar.
- [51] PE- Agora, vamos rever o conto pra ver se todo mundo entendeu e lembra. O que acontece no conto "Retrato oval" ?
- [52] C4- O homem pintava quadro de pessoas. Aí, a mulher dele ficou brava, com ciúmes, porque ele só dava atenção pros quadros e não dava atenção pra ela. Ai, ela quis que ele fizesse um quadro dela. Ele pegou e começou a fazer, ai, ela ficou muito tempo sem comer e ela morreu.
- [53] C3- Mas a gente nunca sabe quanto tempo ela ficou parada.
- [54] PE- Quando acontece?
- [55] C3- Em 1842.
- [56] PE- Então, mas o quê precisou encontrar?
- [57] C6- O diário.
- [58] C13- Ele achou o retrato oval com a pintura dela lá.
- [59] PE- Como acontece?
- [60] C3- O homem acha o diário e lê a história do retrato.
- [61] C4- Daí, ele não consegue dormir e vai procurar a pintura.
- [62] PE- Onde acontece?
- [63] C3- No castelo abandonado.
- [64] C13- Que era solitário.

- [65] PE- Hum... E por que aconteceu? Qual o motivou a tragédia?
- [66] C13- Porque a mulher dele tinha ciúmes do pintor.
- [67] C10- Ela era obcecada por ele.
- [68] C5- Ele também tinha que morrer.
- [69] PE- O pintor escreveu a história no seu caderno, porque se arrependeu do que fez e pela morte de sua mulher. O que vocês acham?
- [70] C3- Eu acho que ele morreu.
- [71] C10- No final, não fala que ele se mata?
- [72] PE- Não fala o quê acontece com ele.
- [73] C2- Acho que ele morre de solidão.
- [74] C6- Eu acho que ele se escondeu num lugar, ficou bem velho e tá arrependido.
- [75] PE- Sim. Não fala o que acontece com o pintor, então, podemos imaginar.
- [76] C7- Ele deve ter ficado louco.
- [77] C13- Bateu o sinal. Até mais ver, professora!
- [78] PE- Até, pessoal!

Gravação – 10/06/2016 (15h31min às 15h50min)

- [1] PE- O quê vocês aprenderam sobre o gênero conto de mistério?
- [2] C3- A maioria era de terror, ilusão, confusão.
- [3] C10- A realidade se mistura com sonho.
- [4] C7- Que algumas terminam tudo bem e outras não.
- [5] PE- O final é feliz?
- [6] C5- Não acabam felizes; as pessoas morrem.
- [7] C4- Tem coisas pra descobrir, muito mistério.
- [8] PE- E sobre a narração?
- [9] C7- É uma história contada.
- [10] C10- Quando uma pessoa narra a história.
- [11] PE- É uma exposição escrita ou oral de acontecimentos.
- [12] C13- Hum, sim.
- [13] PE- Vocês aprenderam o quê esperavam sobre o gênero conto de mistério?
- [14] C3- Sim, eu aprendi que dá pra imaginar o final. E que não é feliz.
- [15] C4- Aprendi que nunca se deve sair pra rua à noite, nem mexer com uma pessoa que não conhecemos porque ela pode fazer mal pra gente.
- [16] PE- Qual é o enredo ou quais são os momentos de um conto de mistério?
- [17] C3- Tem o começo...
- [18] C10- Começo, meio e fim.
- [19] PE- Tem a introdução do conto, que apresenta uma situação de equilíbrio. E, em seguida, o conflito.
- [20] C10- Que é a parte que tem que resolver.
- [21] PE- E depois?
- [22] C13- É o cli... cli, alguma coisa. Não consigo lembrar a palavra.
- [23] C10- É a parte de mais mistério.
- [24] PE- O clímax.
- [25] C5- Clímax é tipo curiosidade, suspense...
- [26] C10- Isso..
- [27] C3- Por último, é o descobrimento. Que ficamos sabendo o que aconteceu.
- [28] PE- É o que chamamos de desfecho.
- [29] C3- É mesmo.
- [30] PE- Quais assuntos foram abordados nos contos lidos, nas oficinas?
- [31] C3- Sonho que se confunde com realidade.
- [32] C7- Ilusão.
- [33] C13- Canibalismo, sonhos.
- [34] C3- Morte.
- [35] C11- Perseguição.
- [36] C2- Sensação de sufoco.
- [37] C7- Medo.
- [38] C8- Assassinato.
- [39] C10- Terror.
- [40] C3- Tem uns que têm um pouco de graça.
- [41] PE- É cômico.
- [42] C3- Como aquele que a menina faz xixi na jarra.

- [43] PE- Vocês estão gostando das oficinas? Por quê?
 [44] T- Sim.
 [45] C10- Porque a gente aprendeu coisas novas.
 [46] C13- Porque a professora é muito legal.
 [47] C6- Gostei dos contos.
 [48] PE- Consideram que aprenderam o significado de novas palavras? Por quê?
 [49] T- Sim.
 [50] C10- Por causa que a gente não conhecia e perguntou.
 [51] C2- Porque tinha palavra difícil e você também explicou.
 [52] PE- Além das palavras, a escrita e as histórias retratadas, nos contos apresentados, eram diferentes das que vocês estavam acostumados?
 [53] C10- Sim, por causa que a professora sempre lia contos infantis.
 [54] C8- Ou contos de fadas.
 [55] C10- Uma vez ou duas que a professora leu história de terror.
 [56] C11- Aquela que a gente te contou...da “Maria Angula”.
 [57] PE- Ah, eu lembro. Que a moça vai atrás de um defunto pra preparar uma receita.
 [58] C10- Uhum, esse daí.

Gravação 014 – 13/06/2016 (15h12min às 15h44min)

Gravação 015 – 14/06/2016 (15h26min às 15h58min)

- [1] PE- Oi, gente! Vou entregar o conto de hoje.
 [2] T- Oie.
 [3] C14- Nossa! Que enorme!
 [4] C13- Quantas folhas!
 [5] C3- PE, olha o tamanho dessa letra.
 [6] PE- Eu tirei xerox de um livro bem antigo e com folhas pequenas, por isso a letra também está pequena. O nome desse conto é “A história dos duendes que raptaram um coveiro”, de Charlie Dickens.
 [7] C10- Eba!
 [8] C7- Vou ler, hem.
 [9] C3- Que legal!
 [10] C8- Nossa...quero ler logo.
 [11] (Leitura do conto “A história dos duendes que raptaram um coveiro”, realizada pela PE, anexo 10)
 [12] PE- Esse conto foi escrito em 1985; faz 27 anos. A época em que ele foi escrito influencia a linguagem do texto? Por quê?
 [13] C10- Não.
 [14] C4- Sim, igual aquelas novelas antigas.
 [15] C10- Sim.
 [16] C5- Sim, porque, antigamente, eles não falam: “E aí mano? Belê na parada?”
 [17] PE- A língua sofre transformações ao longo do tempo. Também passa por uma variação social, de acordo com um grupo específico de pessoas. Temos a linguagem coloquial, as gírias... como a C5 disse. E a linguagem formal, usada por pessoas mais cultas ou profissionais como escritores, por exemplo.
 [18] C10- “Você tá bem, mano?” É gíria também.
 [19] PE- Isso. Qual é o conflito desse conto? Por que tudo isso acontece?
 [20] C5- Porque ele não gostava de crianças.
 [21] C7- E batia nelas.
 [22] C1- Porque ele foi pro cemitério no natal.
 [23] PE- O que Gabriel Grub fazia no cemitério, na véspera de natal? Por quê?
 [24] C10- Bebia.
 [25] C5- E cavava uma cova.
 [26] PE- Em sua opinião, o personagem era taciturno por causa de sua profissão? Por quê?
 [27] C7- Não acho que não.
 [28] C10- Nada a ver...ele era uma pessoa ruim.
 [29] C5- Eu acho que ele era assim, porque perdeu alguém.
 [30] PE- Qual é o motivo pelo qual os duendes aparecem na história? Por quê?
 [31] C1- Porque o coveiro era mal-humorado.
 [32] C10- Pra dar uma lição.
 [33] PE- Sim, queriam mesmo dar uma lição. Mostrar pra ele que tinha que dar valor às pessoas. Os duendes eram bons ou ruins?

- [34] T- Bons.
 [35] C10- Eles queriam o bem do coveiro.
 [36] PE- Gabriel Grub foi raptado, realmente sumiu? Ou teve alucinações?
 [37] C1- Raptado.
 [38] C10- Teve alucinações, porque acordou lá no cemitério.
 [39] C5- Foi raptado, por causa que ele sumiu.
 [40] C5- Não, ele que sumiu depois.
 [41] PE- E quando ele apareceu na cidade?
 [42] C4- Dez anos depois, velho.
 [43] PE- Do que o personagem se arrepende? Por quê?
 [44] C10- Se arrependeu de ser muito mal-humorado.
 [45] C5- Por causa que não passou o natal com a família dele.
 [46] C4- De ser chato também.
 [47] C5- Depois se arrepende de não ser feliz.
 [48] PE- Os duendes mostraram, pra ele, a felicidade das outras pessoas.
 [49] C5- É.
 [50] PE- Vocês gostaram do conto: “A história dos duendes que raptaram um coveiro”?
 [51] T- Sim.
 [52] PE- Alguém não gostou?
 [53] C10- Eu não.
 [54] C2- Mais ou menos.
 [55] PE- Vou entregar o conto do próximo encontro.
 [56] C3- Como chama?
 [57] PE- “Gato preto”. Podem ir pegar o material, leiam e tragam na próxima aula.

Gravação – 15/06/2016 (15h23min às 15h56min)

Gravação – 17/06/2016 (15h14min às 15h59min)

- [1] PE- Oi, pessoal. Hoje, vamos fazer a leitura do conto “Gato preto”, de Edgar Allan Poe. Vocês leram em casa?
 [2] C4- Eu li, mas não inteiro porque é grande. Consegui ler metade antes de dormir.
 [3] C3- Eu não entendi o primeiro e o segundo parágrafo.
 [4] PE- Tá, vou ler o conto e depois explicar. Pode ter mais gente que não entendeu.
 [5] (Leitura do conto “Gato preto”, realizada pela PE, anexo 11)
 [6] C2- O que é carrasco?
 [7] PE- É uma pessoa brava, ruim.
 [8] C5- PE, eu vi uma história assim. Tinha um casal que tinha um gato. Daí, toda noite eles achavam que o gato que mexia nas panelas. E, um dia, ouviram uma voz falando: “Saíam dessa casa!”. Eles não ligaram e foram pra outro lugar, no mercado. Quando voltaram, o gato não estava mais lá. E ele não voltava, então, contrataram um detetive. Daí, ele ficou procurando, abriu a parede e o gato tava lá e tinha mais o esqueleto de uma pessoa lá. Daí as panelas começaram tremer.
 [9] C13- Eu assisti um desenho que chama “Papai eu sou uma cadáver”. É uma menina que tinha um machado na cabeça e o cabelo grandão, ficava cheio de sangue.
 [10] C7- Eu acho que o cara tava tão aflito que se entregou.
 [11] C6- Sora, não é uma história de terror. É uma história de cinema.
 [12] PE- Vocês tiveram dificuldade em fazer a leitura do conto “Gato preto”? Por quê?
 [13] T- Não.
 [14] C10- Só era grande.
 [15] C6- Eu achei um pouquinho, porque fala bastante coisa.
 [16] PE- Por que Edgar Allan Poe escolheu o gato preto?
 [17] C10- Por causa que, na história, tem um personagem que é o gato e ele é da cor preta.
 [18] PE- Sim, mas por que será que escolheu justo um gato e da cor preta?
 [19] C10- Por que é a cor do pecado?
 [20] PE- Na verdade, as pessoas fazem essa associação do preto com uma coisa negativa, mas é uma cor como qualquer outra.
 [21] C6- O preto dá azar.
 [22] C7- É uma cor do mal.
 [23] PE- Não poderia ser qualquer outro animal?
 [24] C10- Não.
 [25] PE- No conto, o personagem teve vários animais. Vocês não acham que podia ser outro ao invés do gato preto?

- [26] C6- Sim, sim.
- [27] C10- Podia...mas tinha que ser preto.
- [28] C6- Um corvo.
- [29] C4- Eu acho que podia ser algum passarinho.
- [30] PE- E, na sua opinião, precisava ser preto?
- [31] C4- Não.
- [32] C7- Podia ser um urubu, um chupa cabra.
- [33] PE- O quê vocês sabem sobre superstição?
- [34] C4- Superstição? Eu nem sei o que é isso...
- [35] C10- O que é isso?
- [36] PE- É uma crença popular, que surge sem nenhum estudo científico.
- [37] C6- Boato, boato.
- [38] PE- Isso.
- [39] PE- São boatos que fazem as pessoas acreditarem em coisas absurdas. Vocês não conheciam a palavra "superstição", mas já ouviram várias histórias que as pessoas da comunidade contam.
- [40] C13- É mesmo, quando eu morava no sítio, ouvia muitas histórias.
- [41] PE- Já ouviram outras histórias envolvendo um gato preto?
- [42] C1- Eu já vi, é um desenho...não lembro o nome dele. Que o gato preto passa perto de você e começa dar tudo errado.
- [43] C5- Se você ver um gato preto na sexta-feira treze vai ter muito azar.
- [44] C8- Tem outro desenho que também tem o gato, é preto e se chama Lúcifer.
- [45] C11- Tem um episódio do Chaves que aparece o gato.
- [46] C2- Eu vi uma história...um homem adorava um gato e ele era preto. Daí, acabou a luz e o homem apareceu morto. Só sobrou a mulher, os dois filhos e o gato. Daí, depois de alguns dias, a mulher morreu com os filhos num acidente e outra família adotou o gato e eles também morreram. Só sobrou o gato.
- [47] C13- Nossa!
- [48] PE- São histórias supersticiosas e tudo que acontece faz a gente imaginar que é por ter o gato preto. Ter um gato dá azar?
- [49] T- Não.
- [50] PE- Então, por que ter um gato preto daria?
- [51] C7- É verdade.
- [52] C6- Meu tio falou que cachorro dá sorte e o gato dá azar, mas eu não acreditei nisso.
- [53] PE- Hum, tá bom. Quem narra esse conto?
- [54] C4- O dono do gato.
- [55] C8- O gato.
- [56] C4- Não é.
- [57] PE- O gato, por quê?
- [58] C8- Ah, não... é o dono.
- [59] PE- É um narrador em 1ª ou 3ª pessoa?
- [60] C10- Em 1ª pessoa sou eu?
- [61] PE- Sim. Ao contar os fatos, você daria detalhes dos seus sentimentos. Em 3ª pessoa, o narrador vê e sabe de tudo, mas não participa da história. Se é o dono do gato que conta a história, nós podemos acreditar em tudo que ele conta? Por quê?
- [62] C7- Não, porque nem tudo que as pessoas falam a gente tem que acreditar...pode ser mentira.
- [63] PE- Ele pode ter narrado os acontecimentos da forma que quis.
- [64] C4- Não, porque, tipo assim... àquela hora que ele fala que o gato tava no lugar da mulher dele. Eu acho que não, porque ninguém prendeu o gato lá. Ele escondeu o corpo da mulher dele.
- [65] C10- Sora, mas como o gato entrou lá dentro?
- [66] PE- O gato pode ter se escondido junto com o corpo porque gostava muito da esposa do homem.
- [67] C10- Será que ele atravessou a parede?
- [68] PE- Hum...acho que não. Ele pode ter se escondido enquanto o seu dono buscava os materiais para reconstruir a parede.
- [69] C10- É, também.
- [70] PE - Qual era a doença que o narrador sofria?
- [71] C10- É por causa que ele bebia muito.
- [72] C4- Alcoolismo.
- [73] C7- Ele era viciado.
- [74] PE- Exatamente! Ele bebia demais e tornou-se um vício.
- [75] C6- O álcool faz a gente delirar.

- [76] PE- O álcool tem várias implicações negativas pro nosso corpo. Beber demais pode afetar o cérebro e ele acaba não conseguia controlar seus próprios atos.
- [77] C7- Acho que ele bebia pra tirar a raiva dele.
- [78] C5- Quando você bebe, não consegue mais parar...
- [79] PE- O quê vocês sabem sobre o alcoolismo?
- [80] C11- Que fica bêbado e muito louco.
- [81] C7- Fica delirando.
- [82] PE- Consideram que é bom ou ruim?
- [83] T- Ruim.
- [84] PE- Vocês mudariam alguma coisa nessa história? O quê?
- [85] C4- Sim, ele seria bom e não faria mal pra mulher e pro gato.
- [86] C13- Fazer ele parar de beber, porque isso faz mal para as pessoas.
- [87] C5- No final, ele não ia aguentar e ia se matar.
- [88] C6- Ele devia se matar ou parar de beber.
- [89] C5- Eu tiraria o suicídio da história e faria ele ficar todo feliz, não bêbado.
- [90] PE- O conto "Gato preto" lhe causou horror? Por quê?
- [91] C10- Sim, porque é uma história de assassinato e maldade.
- [92] C13- Sim, porque ele matou a mulher dele.
- [93] C6- E o gato.
- [94] C5- Além de ser de assassinato, ele enterrou a mulher dele na parede.
- [95] C2- Porque envolve bebida, envolve morte...
- [96] C8- Sangue.
- [97] C6- Porque ele pegou o machado e enfiou na cabeça da mulher dele, e arrancou o olho do gato.
- [98] PE- Assim como o gato da história outros animais sofrem maus-tratos. Vocês conhecem alguma história de violência contra animais?
- [99] C1- O cara bateu no cachorro sem ele fazer nada.
- [100] C7- Meu cachorro ficava fazendo bagunça. Aí, meu pai, só porque ele ficou entrando na casa, pegou e bateu nas pernas dele.
- [101] C6- Tem pessoas, em outros países, que abrem animais e colocam bastante pássaros dentro e depois enterram. Deixam lá por um mês; depois, pega o pássaro e come.
- [102] PE- Ai, que horror!
- [103] C5- Tem gente que joga o gato na parede.
- [104] C8- O namorado da minha mãe, a minha cachorra tinha criado e um cachorrinho estava morrendo, ele amarrou a corda no pescoço dele.
- [105] PE- Pessoal, bateu o sinal. O próximo encontro será sexta-feira. Até mais.
- [106] T- Até, sora.

Gravação 018 – 24/06/2016 (15h16min às 16h)

- [1] PE- Boa tarde, pessoal!
- [2] T- Boa tarde.
- [3] PE- Hoje, eu trouxe o vídeo do conto "Gato preto".
- [4] T- Eba!
- [5] PE- Vou ligar a TV e o aparelho de DVD.
- [6] T- Tá.
- [7] (O aparelho não leu o DVD)
- [8] PE- Olha, não vamos conseguir ver o vídeo, hoje. O aparelho não está lendo esse DVD.
- [9] C4- Ah, sora, mas a gente queria ver.
- [10] PE- Eu sei. Também salvei no pen drive. Se, no próximo encontro, a sala de informática estiver ocupada, trago meu notebook. Combinado?
- [11] T- Sim.
- [12] PE- Nós lemos o conto do "Gato preto", certo? Quem narra esse conto?
- [13] C10- Edgar Allan Poe.
- [14] PE- O Edgar Allan Poe é o escritor do conto. Quem narra os acontecimentos?
- [15] C4- O dono do gato.
- [16] PE- Isso. Então, vocês vão escrever um conto narrado pelo gato preto. Podemos chamar de "A verdadeira história do gato preto". Vocês vão narrar os sentimentos do gato... contar o que ele sofreu e como se sentiu, quando foi atacado por seu próprio dono.
- [17] C4- Tá. Eu só tenho dúvida em como começar a escrever, porque o resto da história já pensei.
- [18] C1- No final, ele morre enforcado, como ele vai contar a história?
- [19] PE- Vamos imaginar o quê ele sentiu durante os ataques...antes de ser morto.

- [20] C13- A história começa assim, né. Tinha um homem que tinha afeição por animais, principalmente, pelo gato preto dele, só que, aí, ele começou beber. Um dia, depois que o gato arranhou ele, ficou descontrolado e tirou o olho dele...
- [21] C4- Posso escrever o quê o gato achava do dono?
- [22] PE- Pode.
- [23] C3- To enrolada no começo...
- [24] PE- Pensa um pouco no conto antes de começar. Tenta lembrar do quê foi lido e discutido. Você vai conseguir e aí fica fácil; o início que é complicado.
- [25] C1- Máximo se escreve com dois s?
- [26] PE- Máximo é escrito com x.
- [27] C1- A tá.
- [28] PE- Quando terminarem de escrever, coloquem os nomes na folha.
- [29] C1- Enterrou é com dois r?
- [30] PE- Sim. Quem estiver usando lápis para escrever... pode forçar um pouquinho mais, se não fica difícil de enxergar depois.
- [31] C10- Sora, estressado é com dois s?
- [32] PE- É, C10.
- [33] C1- Como escreve tijolo?
- [34] PE- T-i-j-o-l-o. Vou escrever na lousa.
- [35] C1- Sora, terminei de escrever.
- [36] C13- Eu também.
- [37] PE- Colocaram os nomes?
- [38] C13- Coloquei.
- [39] C1- Sim.
- [40] PE- Tá. Como vocês falaram de fazer uma ilustração, pensei no conto do “Gato preto”. Eu trouxe materiais...aqui tem cola, tesoura, barbante, canetinhas, tintas coloridas e lápis de cor pra quem não estiver com o estojo. Papéis da cor branca e preta.
- [41] C13- Podemos usar o preto pra fazer o gato.
- [42] C4- É verdade.
- [43] PE- Vocês podem usar o barbante pra fazer a corda no pescoço dele, caso alguém queira desenhar essa parte.
- [44] C14- E o rabo do gato, né?
- [45] PE- É mesmo.
- [46] C6- Sora, sabe qual parte eu vou fazer? A parte que ele está com o machado.
- [47] PE- Tá bom, C6. Cada um pode desenhar a parte que preferir. Quem terminar de escrever deixa em cima da mesa e pode pegar a folha pra fazer o desenho.
- [48] T- Uhum.
- [49] PE- Pessoal, quem está terminando pra eu saber?
- [50] C1- Eu, quase.
- [51] C6- Pra mim, não vai dar tempo.
- [52] PE- Vamos fazer mais um encontro, eu trago o vídeo e vocês terminam o desenho.
- [53] C6- Melhor mesmo, sora.
- [54] C5- É, porque eu ainda tava começando... demorei muito pra fazer o gato com o papel preto.
- [55] PE- Tá, eu trago os desenhos de novo. Até semana que vem.
- [56] T- Tchau, sora.

Gravação – 27/06/2016 (15h15min às 16h)

- [1] PE- Boa tarde!
- [2] T- Boa tarde!
- [3] PE- Eu trouxe meu notebook e vamos assistir ao vídeo. Esse vídeo é uma adaptação do conto “Gato preto”, de Edgar Allan Poe, e foi feito por alunos de uma universidade. Só tem um som de suspense, não tem falas...por isso, prestem atenção.
- [4] (Exibição do vídeo “O gato preto”)
- [5] PE- Olha a casa dele.
- [6] C6- Era cheia de animais...
- [7] PE- Vocês viram o que caiu?
- [8] T- A garrafa.
- [9] C10- Ele tava bêbado.
- [10] C13- Que dó.
- [11] C6- O outro gato.

- [12] PE- Qual era a diferença desse gato pro anterior?
- [13] C6- A mancha branca.
- [14] C10- E também ele tá sem o olho.
- [15] PE- É.
- [16] C10- Nossa! Ele matou a mulher dele.
- [17] C5- Ele até esquartejou a mulher pra colocar dentro da caixa.
- [18] T- Credo...
- [19] C1- O corpo da mulher apareceu.
- [20] C13- Ele bateu com a bengala na parede.
- [21] C6- Fiquei lembrando do meu gato, que é branquinho.
- [22] PE- Acabou. O quê vocês acharam dessa adaptação do conto?
- [23] C7- Eu senti muita tristeza.
- [24] C10- Sora, por que adaptação?
- [25] PE- Porque a partir do conto escrito foi criado esse...
- [26] C10- Filme?
- [27] PE- Isso! É um pequeno filme. Um vídeo. Vocês gostaram de assistir?
- [28] T- Sim.
- [29] C10- Até acho que podíamos ver de novo.
- [30] PE- Vocês acharam parecido com o conto?
- [31] C10- Sim, principalmente o começo.
- [32] PE- Foi como vocês imaginaram o conto?
- [33] C10- Sim.
- [34] C7- Mais ou menos.
- [35] C6- Eu pensei que ele tinha encontrado o outro gato, no bar, e que o gato tinha uma mancha na barriga e não no pescoço.
- [36] C2- A mancha dele eu achei que fosse mais redonda, não que fosse um pouco misturada.
- [37] PE- Legal! Vocês imaginaram os detalhes de forma diferente. Assistir a adaptação do conto em vídeo ajuda a compreender melhor o que acontece?
- [38] T- Sim. Ajuda.
- [39] C5- Sim, por causa que a gente lendo nem lembra muito direito e vendo o vídeo dá pra lembrar.
- [40] C7- Porque ele passa mais detalhes que a história.
- [41] C2- E também, no texto, não tinha imagem e no vídeo é só com imagem.
- [42] PE- Vocês estão gostando das atividades que estamos desenvolvendo sobre o conto do "Gato preto"? Por quê?
- [43] T- Sim.
- [44] C2- Porque a gente tá mexendo com material.
- [45] PE- Que material?
- [46] C2- Canetinha, cola colorida, essas coisas...
- [47] C14- Lápis de cor, cola...
- [48] PE- Ah, entendi. Agora, vocês vão todos lá pra mesa que eu vou entregar os desenhos de quem não terminou.
- [49] C4- Tá bom.
- [50] C7- Faço o gato pendurado na corda ou no chão.
- [51] C5- Quase todo mundo fez ele na corda.
- [52] C7- Então, vou fazer ele no chão.
- [53] C6- PE, você percebeu uma coisa? Só eu fiz esse desenho aqui.
- [54] PE- Deixa eu ver. Hum, é verdade. Você desenhou a escada, os personagens na escada, no momento em que o dono do gato ataca ele e a esposa.
- [55] C1- Tá legal o seu.
- [56] PE- Pessoal, hoje é nosso último encontro.
- [57] T- Ahhh!
- [58] PE- Nós fizemos as oficinas de leitura com contos do gênero de mistério e vimos vários assuntos e acontecimentos, como assassinato, roubo...
- [59] C13- Medo.
- [60] PE- Isso. Trabalhamos com a narração, vimos as partes que compõem o conto.
- [61] C10- Uhum.
- [62] C5- Tem sempre o desfecho.
- [63] C10- Que é quando a gente descobre o que aconteceu.
- [64] C5- Igual as novelas.
- [65] PE- Esses contos abordam assuntos diferentes. Com o quê eles podem ser relacionados, mesmo?

- [66] C13- Com a nossa realidade.
- [67] PE- É verdade. Tem a ver com notícias que vemos na TV.
- [68] C2- E também com o que a gente escuta no dia a dia.
- [69] PE- Alguns são delicados e os adultos não gostam de conversar sobre eles com as crianças, porque acham que é difícil de entender.
- [70] T- É mesmo.
- [71] C2- Eles que não entendem.
- [72] PE- Eu também acho. Por que se vocês não aprenderem sobre vários assuntos, como esses que conversamos na escola...vão aprender onde?
- [73] C13- Na rua.
- [74] C10- Com certeza.
- [75] PE- Conversamos sobre morte, problemas de saúde, bandidos, estupro, antropofagia, drogas... E por que vocês precisam conversar sobre isso?
- [76] C6- Pra entender.
- [77] PE- Pra entender a gravidade de certas coisas, ter opinião e não se deixar levar.
- [78] C5- Meus pais têm vergonha de falar comigo sobre puberdade. Às vezes, a professora fala algumas coisas.
- [79] C2- É mesmo, nossos pais, às vezes, fazem piadinhas de sexo na nossa frente e acham que a gente não entende.
- [80] C7- Meu pai fala assim: "Não se intromete em assuntos que você não é chamado".
- [81] PE- Por isso os pais precisam conversar.
- [82] C2- Aham, tem mesmo.
- [83] C7- Sora, olha meu desenho...
- [84] PE- Tá muito bonito, C7.
- [85] C10- PE, você vai voltar depois das férias?
- [86] PE- Olha, nós estamos terminando esse projeto, mas posso pensar em outro e conversar com a diretora.
- [87] C7- Legal.
- [88] PE- Quem já terminou coloca os desenhos em cima do balcão.
- [89] C4- Sora, você vem na quarta-feira, na nossa festa junina?
- [90] PE- Vou sim.
- [91] C7- Eba!
- [92] C13- Vamos esperar.
- [93] PE- Pessoal, obrigada por participarem do projeto. Quarta-feira, venho assistir e depois das férias venho conversar com vocês. Tchau!
- [94] T- Obrigada, PE. Tchau.

ANEXO A - Contos de mistério

Contos de nível fácil

1 - *Perseguição* (Paulo André T. M. Gomes)

Meia noite, cansado e com sono, lá estava eu, andando pelas ruas sujas e desertas dessa cidade. Minhas únicas companhias eram a Lua e alguns animais de vida noturna. Num canto havia um cão e um gato tentando encontrar alimentos, revirando latas de lixo. Em outro ponto da rua, ratos entravam e saíam de um esgoto próximo à padaria da esquina. Eu estava tentando lembrar por que havia saído tão tarde do emprego, quando ouvi uns passos atrás de mim.

Caminhei mais depressa, sem olhar para trás. Comecei a tremer e a suar frio. Coração acelerado. Aqueles passos não paravam de me perseguir. Virei depressa. Não havia nada além de sombras. O medo aumentou. Ou eu estava enlouquecendo, ou estava sendo seguido por algo sobrenatural.

Corri desesperadamente. Parei na primeira esquina, ofegante. Olhei novamente. Nada! Continuei a andar, tentando manter a calma. Faltava pouco pra chegar à minha casa.

Já mais tranquilo, parei, finalmente, em frente à minha porta. Peguei a maçaneta, ainda um pouco trêmulo devido ao susto e à corrida. Quando a girei, a porta não abriu. Provavelmente meus pais já estavam dormindo. Procurei minhas chaves em todos os bolsos que tinha. Não encontrei.

Os passos recomeçaram. O medo voltou em dobro. Estava meio tonto. Não conseguia manter-me de pé. O mundo girava vertiginosamente. Tentei gritar, mas a voz não veio. Aquele som se aproximava cada vez mais. Não havia saída. Juntei, então, todas as minhas forças e, num movimento brusco... Caí da cama e acordei!

2 - *Conto de mistério* (Sérgio Porto - Stanislaw Ponte Preta)

Com a gola do paletó levantada e a aba do chapéu abaixada, caminhando pelos cantos escuros, era quase impossível a qualquer pessoa que cruzasse com ele ver seu rosto. No local combinado, parou e fez o sinal que tinham já estipulado à guisa de senha. Parou debaixo do poste, acendeu um cigarro e soltou a fumaça em três baforadas compassadas. Imediatamente um sujeito mal-encarado, que se encontrava no café em frente, ajeitou a gravata e cuspiu de banda.

Era aquele. Atravessou cautelosamente a rua, entrou no café e pediu um guaraná. O outro sorriu e se aproximou:

Siga-me! - foi a ordem dada com voz cava. Deu apenas um gole no guaraná e saiu. O outro entrou num beco úmido e mal-iluminado e ele - a uma distância de uns dez a doze passos - entrou também.

Ali parecia não haver ninguém. O silêncio era sepulcral. Mas o homem que ia na frente olhou em volta, certificou-se de que não havia ninguém de tocaia e bateu numa janela. Logo uma dobradiça gemeu e a porta abriu-se discretamente.

Entraram os dois e deram numa sala pequena e enfumaçada onde, no centro, via-se uma mesa cheia de pequenos pacotes. Por trás dela um sujeito de barba crescida, roupas humildes e ar de agricultor parecia ter medo do que ia fazer. Não

hesitou - porém - quando o homem que entrara na frente apontou para o que entrara em seguida e disse: "É este".

O que estava por trás da mesa pegou um dos pacotes e entregou ao que falara. Este passou o pacote para o outro e perguntou se trouxera o dinheiro. Um aceno de cabeça foi a resposta. Enfiou a mão no bolso, tirou um bolo de notas e entregou ao parceiro. Depois virou-se para sair. O que entrara com ele disse que ficaria ali.

Saiu então sozinho, caminhando rente às paredes do beco. Quando alcançou uma rua mais clara, assoviou para um táxi que passava e mandou tocar a toda pressa para determinado endereço. O motorista obedeceu e, meia hora depois, entrava em casa a berrar para a mulher:

- Julieta! Ó Julieta... consegui.

A mulher veio lá de dentro enxugando as mãos em um avental, a sorrir de felicidade. O marido colocou o pacote sobre a mesa, num ar triunfal. Ela abriu o pacote e verificou que o marido conseguira mesmo. Ali estava: um quilo de feijão.

3- *O fantasma da sorte* (Lá vem história / Heloísa Prieto - História do folclore inglês)

Os habitantes de uma região onde havia um castelo muito antigo tinham orgulho daquela bela construção, mas temiam penetrar em suas imediações, pois diziam que o lugar era mal-assombrado.

Um dia, um capitão dos mares viajava durante suas férias. Como não estava habituado a andar em terra, acabou se perdendo na densa floresta que rodeava o castelo. Já era tarde da noite e ele tremia de frio quando avistou o maravilhoso castelo. Feliz por encontrar um abrigo, o capitão bateu à porta e foi recebido pelo proprietário, que o convidou para entrar.

Havia muitos hóspedes nobres no castelo, que se interessavam por suas histórias de navios e aventuras no mar. Assim, ele foi convidado para jantar e pernoitar ali.

Pouco antes da meia-noite, o capitão foi levado a um suntuoso cômodo. Cansado por ter caminhado horas pela floresta, adormeceu de imediato. Mas, quando chegou a madrugada, ele despertou, assustado. Sonhara que estava de volta ao mar, no meio de uma terrível tormenta. Ao abrir os olhos, viu uma linda criança, cercada de uma luz cintilante, parada bem na sua frente. A criança lhe sorriu e ele se sentiu estranhamente tranquilo. Em seguida ela desapareceu e o quarto voltou a ficar escuro.

Na manhã seguinte, ao acordar, o capitão pensou que aquilo havia sido uma brincadeira de mau gosto. Quando se sentou à mesa para tomar café da manhã, foi logo dizendo ao nobre:

— Caro amigo, obrigado por sua hospedagem. Mas agora desejo partir. Ontem, quando eu estava precisando tanto de repouso, o senhor me deu um grande susto ao mandar aquela criança me despertar no meio da noite. Desculpe-me pela sinceridade, mas não gostei nem um pouco da brincadeira!

Em vez de responder ao capitão, o nobre chamou o mordomo:

— Hamilton, em que quarto você alojou o nosso amigo capitão?

— Bem, meu senhor – respondeu o mordomo –, o castelo está lotado de hóspedes, eu não tive escolha. Coloquei o capitão no quarto do menino. Mas acendi a lareira, porque ele só aparece no escuro, não é?

— Você fez muito mal! – disse o nobre. — O fogo da lareira sempre apaga de madrugada. Você deveria ter trancado aquele quarto a sete chaves!

Em seguida, dirigindo-se ao capitão, explicou:

— Meu amigo, nossa família guarda um segredo há muitos séculos. Neste castelo vive o fantasma de um menino. Seu quarto preferido é aquele em que você dormiu. Mas não se preocupe. Trata-se de um fantasma alegre, um fantasma da sorte. Todos os que o viram ganharam dinheiro e foram felizes.

E foi o que aconteceu. Uma semana depois, o capitão conheceu uma formosa jovem, com quem se casou. Como ela era muito rica, ele acabou se tornando um milionário também. E os filhos que tiveram foram fortes e felizes e tiveram sorte durante toda a vida.

4- O grande mistério (Sérgio Porto - Stanislaw Ponte Preta)

Há dias já que buscavam uma explicação para os odores esquisitos que vinham da sala de visitas. Primeiro houve um erro de interpretação: o quase imperceptível cheiro foi tomado como sendo de camarão. No dia em que as pessoas da casa notaram que a sala fedia, havia um soufflé de camarão para o jantar. Daí...

Mas comeu-se o camarão, que inclusive foi elogiado pelas visitas, jogaram as sobras na lata do lixo e - coisa estranha - no dia seguinte à sala cheirava pior.

Talvez alguém não gostasse de camarão e, por cerimônia, embora isso não se use, jogasse a sua porção debaixo da mesa. Ventilada a hipótese, os empregados espiaram e encontraram apenas um pedaço de pão e uma boneca de perna quebrada, que Giselinha esquecera ali. E como ambos os achados eram inodoros, o mistério persistiu.

Os patrões chamaram a arrumadeira às falas. Que era um absurdo, que não podia continuar, que isso, que aquilo. Tachada de desleixada, a arrumadeira caprichou na limpeza. Varreu tudo, espanou, esfregou e... nada. Vinte e quatro horas depois, a coisa continuava. Se modificação houvera, fora para um cheiro mais ativo.

À noite, quando o dono da casa chegou, passou uma espinafração geral e, vítima da leitura dos jornais, que folheara no lotação, chegou até a citar a Constituição na defesa de seus interesses.

- Se eu pago empregadas para lavar, passar, limpar, cozinhar, arrumar e amassar, tenho o direito de exigir alguma coisa. Não pretendo que a sala de visitas seja um jasmineiro, mas feder também não. Ou sai o cheiro ou saem os empregados.

Reunida na cozinha, a criadagem confabulava. Os debates eram apaixonados, mas num ponto todos concordavam: ninguém tinha culpa. A sala estava um brinco; dava até gosto ver. Mas ver, somente, porque o cheiro era de morte.

Então alguém propôs encerar. Quem sabe uma passada de cera no assoalho não iria melhorar a situação?

- Isso mesmo - aprovou a maioria, satisfeita por ter encontrado uma fórmula capaz de combater o mal que ameaçava seu salário.

Pela manhã, ainda ninguém se levantara, e já a copeira e o chofer encerravam sofregamente, a quatro mãos. Quando os patrões desceram para o café, o assoalho brilhava. O cheiro da cera predominava, mas o misterioso odor, que há dias intrigava a todos, persistia, a uma respirada mais forte.

Apenas uma questão de tempo. Com o passar das horas, o cheiro da cera - como era normal - diminuía, enquanto o outro, o misterioso - estranhamente, aumentava. Pouco a pouco reinaria novamente, para desespero geral de empregados e empregadores.

A patroa, enfim, contrariando os seus hábitos, tomou uma atitude: desceu do alto do seu grã-finismo com as armas de que dispunha, e com tal espírito de sacrifício que resolveu gastar os seus perfumes. Quando ela anunciou que derramaria perfume francês no tapete, a arrumadeira comentou com a copeira:

- Madame apelou para a ignorância.

E salpicada que foi, a sala recendeu. A sorte estava lançada. Madame esbanjou suas essências com uma altivez digna de uma rainha a caminho do cadafalso. Seria o prestígio e a experiência de Carven, Patou, Fath, Schiaparelli, Balenciaga, Piguet e outros menores, contra a ignóbil catinga.

Na hora do jantar a alegria era geral. Nas restavam dúvidas de que o cheiro enjoativo daquele coquetel de perfumes era impróprio para uma sala de visitas, mas ninguém poderia deixar de concordar que aquele era preferível ao outro, finalmente vencido.

Mas eis que o patrão, a horas mortas, acordou com sede. Levantou-se cauteloso, para não acordar ninguém, e desceu as escadas, rumo à geladeira. Ia ainda a meio caminho quando sentiu que o exército de perfumistas franceses fora derrotado. O barulho que fez daria para acordar um quarteirão, quanto mais os da casa, os pobres moradores daquela casa, despertados violentamente, e que não precisavam perguntar nada para perceberem o que se passava. Bastou respirar.

Hoje pela manhã, finalmente, após buscas desesperadas, uma das empregadas localizou o cheiro. Estava dentro de uma jarra, uma bela jarra, orgulho da família, pois tratava-se de peça raríssima, da dinastia Ming.

Apertada pelo interrogatório paterno Giselinha confessou-se culpada e, na inocência dos seus 3 anos, prometeu não fazer mais.

Não fazer mais na jarra, é lógico.

Contos de nível intermediário

5- *O retrato oval* (Edgar Allan Poe)

O castelo em que o meu criado se tinha empenhado em entrar pela força, de preferência a deixar-me passar a noite ao relento, gravemente ferido como estava, era um desses edifícios com um misto de soturnidade e de grandeza que durante tanto tempo se ergueram nos Apeninos, não menos na realidade do que na imaginação da senhora Radcliffe. Tudo dava a entender que tinha sido abandonado recentemente. Instalámo-nos num dos compartimentos mais pequenos e menos sumptuosamente mobilados, situado num remoto torreão do edifício. A decoração era rica, porém estragada e vetusta.

Das paredes pendiam colgaduras e diversos e multiformes troféus heráldicos, misturados com um desusado número de pinturas modernas, muito alegres, em molduras de ricos arabescos dourados. Por esses quadros que pendiam das paredes - não só nas suas superfícies principais como nos muitos recessos que a arquitetura bizarra tornara necessários - , por esses quadros, digo, senti despertar grande interesse, possivelmente por virtude do meu delírio incipiente; de modo que ordenei a Pedro que fechasse os maciços postigos do quarto, pois que já era noite; que acendesse os bicos de um alto candelabro que estava à cabeceira da minha cama e que corresse de par em par as cortinas franjadas de veludo preto que envolviam o

leito. Quis que se fizesse tudo isto de modo a que me fosse possível, se não adormecesse, ter a alternativa de contemplar esses quadros e ler um pequeno volume que acháramos sobre a almofada e que os descrevia e criticava.

Por muito, muito tempo estive a ler, e solene e devotamente os contemplei. Rápidas e magníficas, as horas voavam, e a meia-noite chegou. A posição do candelabro desagradava-me, e estendendo a mão com dificuldade para não perturbar o meu criado que dormia, coloquei-o de modo a que a luz incidisse mais em cheio sobre o livro.

Mas o movimento produziu um efeito completamente inesperado. A luz das numerosas velas (pois eram muitas) incidia agora num recanto do quarto que até então estivera mergulhado em profunda obscuridade por uma das colunas da cama. E assim foi que pude ver, vivamente iluminado, um retrato que passava despercebido. Era o retrato de uma jovem que começava a ser mulher.

Olhei precipitadamente para a pintura e ato contínuo fechei os olhos. A princípio, eu próprio ignorava por que o fizera. Mas enquanto as minhas pálpebras assim permaneceram fechadas, revi em espírito a razão por que as fechara. Foi um movimento impulsivo para ganhar tempo para pensar - para me certificar que a vista não me enganava -, para acalmar e dominar a minha fantasia e conseguir uma observação mais calma e objetiva. Em poucos momentos voltei a contemplar fixamente a pintura.

Que agora via certo, não podia nem queria duvidar, pois que a primeira incidência da luz das velas sobre a tela parecera dissipar a sonolenta letargia que se apoderara dos meus sentidos, colocando-me de novo na vida desperta.

O retrato, disse-o já, era de uma jovem. Apenas se representavam a cabeça e os ombros, pintados à maneira daquilo que tecnicamente se designa por vinheta - muito no estilo das cabeças favoritas de Sully. Os braços, o peito, e inclusivamente as pontas dos cabelos radiosos, diluíam-se imperceptivelmente na vaga mas profunda sombra que constituía o fundo. A moldura era oval, ricamente doirada e filigranada em arabescos. Como obra de arte, nada podia ser mais admirável que o retrato em si. Mas não pode ter sido nem a execução da obra nem a beleza imortal do rosto o que tão subitamente e com tal veemência me comoveu. Tão-pouco é possível que a minha fantasia, sacudida da sua meia sonolência, tenha tomado aquela cabeça pela de uma pessoa viva.

Compreendi imediatamente que as particularidades do desenho, do vinhetado e da moldura devem ter dissipado por completo uma tal ideia - devem ter evitado inclusivamente qualquer distração momentânea. Meditando profundamente nestes pontos, permaneci, talvez uma hora, meio deitado, meio reclinado, de olhar fito no retrato. Por fim, satisfeito por ter encontrado o verdadeiro segredo do seu efeito, deitei-me de costas na cama. Tinha encontrado o feitiço do quadro na sua expressão de absoluta semelhança com a vida, a qual, a princípio, me espantou e finalmente me subverteu e intimidou. Com profundo e reverente temor, voltei a colocar o candelabro na sua posição anterior. Posta assim fora da vista a causa da minha profunda agitação, esquadrinhei ansiosamente o livro que tratava daqueles quadros e das suas respectivas histórias. Procurando o número que designava o retrato oval, pude ler as vagas e singulares palavras que se seguem:

Era uma donzela de raríssima beleza e tão adorável quanto alegre. E maldita foi a hora em que viu, amou e casou com o pintor. Ele, apaixonado, estudioso, austero, tendo já na Arte a sua esposa. Ela, uma donzela de raríssima beleza e tão adorável quanto alegre, toda luz e sorrisos, e vivaz como uma jovem corça; amando e acarinhando a todas as coisas; apenas odiando a Arte que era a sua rival; temendo

apenas a paleta e os pincéis e outros enfadonhos instrumentos que a privavam da presença do seu amado. Era pois coisa terrível para aquela senhora ouvir o pintor falar do seu desejo de retratar a sua jovem esposa. Mas ela era humilde e obediente e posou docilmente durante muitas semanas na sombria e alta câmara da torre, onde a luz apenas do alto incidia sobre a pálida tela. E o pintor apegou-se à sua obra que progredia hora após hora, dia após dia. E era um homem apaixonado, veemente e caprichoso, que se perdia em divagações, de modo que não via que a luz que tão sinistramente se derramava naquela torre solitária emurchecia a saúde e o ânimo da sua esposa, que se consumia aos olhos de todos menos aos dele. E ela continuava a sorrir, sorria sempre, sem um queixume, porque via que o pintor (que gozava de grande nomeada) tirava do seu trabalho um fervoroso e ardente prazer e se empenhava dia e noite em pintá-la, a ela que tanto o amava e que dia a dia mais desalentada e mais fraca ia ficando.

E, verdade seja dita, aqueles que contemplaram o retrato falaram da sua semelhança com palavras ardentes, como de um poderosa maravilha, - prova não só do talento do pintor como do seu profundo amor por aquela que tão maravilhosamente pintara. Mas por fim, à medida que o trabalho se aproximava da sua conclusão, ninguém mais foi autorizado na torre, porque o pintor enlouquecera com o ardor do seu trabalho e raramente desviava os olhos da tela, mesmo para contemplar o rosto da esposa. E não via que as tintas que espalhava na tela eram tiradas das faces daquela que posava junto a ele. E quando haviam passado muitas semanas e pouco já restava por fazer, salvo uma pincelada na boca e um retoque nos olhos, o espírito da senhora vacilou como a chama de uma lanterna. Assente a pincelada e feito o retoque, por um momento o pintor ficou extasiado perante a obra que completara; mas de seguida, enquanto ainda a estava contemplando, começou a tremer e pôs-se muito pálido, e apavorado, gritando em voz alta 'Isto é na verdade a própria vida!', voltou-se de repente para contemplar a sua amada: - estava morta!

6 - O enigma do outro lado (Stella Carr)

— De onde você vem, Nanico?

Magro, amarelo e muito comprido, Nanico estava um pouco curvado, cansado de tanto esperar.

— Venho da periferia, ali perto da estação. Éramos muitos irmãos, todos bem unidos. Os outros já se foram... fiquei só eu. Só de falar nisso, Nanico foi ficando pálido, com manchas escuras.

Zé Pereira entrou na conversa:

— Você parece doente, cara. Quem sabe com isso você escapa — o Zé falou, olhando para a porta fechada, que dava para o outro lado.

— É inútil resistir. Todos nós vamos ter que passar por aquela porta, mais cedo ou mais tarde.

-Mas o que deixa a gente nervoso é a espera. Acaba-se ficando mole e não prestando mais pra nada! — Nanico gemeu, parecendo mais murcho e curvado.

— Que pessimismo é esse, Nanico? — perguntei, tentando animar o coitado, usando minha intuição feminina.

— É o calor, eu acho — o compridão respondeu.

— Ora, você devia estar acostumado, é de um país tropical... nós estrangeiros, habituados a climas frios, é que sofremos mais — disse eu, sufocando, ficando mais vermelha do que já sou.

Zé Pereira remexeu-se inquieto, rolou o corpo um pouco para o lado e se queixou:

— Eu é que estou passando mal. Acidez, eu acho. Me trouxeram pra cá cedo demais... não era a minha hora.

— Você está impressionado com a espera, isso sim. Não quer confessar, mas está com medo — provocou Nanico.

— Vocês não entendem, eu sou do campo. Nasci na fazenda, ao ar livre. Aqui é úmido e abafado!

— Pois sei como você se sente. Também sou do campo — falei, tentando dar uma força ao companheiro. Zé Pereira respondeu:

— Ora, você não parece sentir a mudança. Continua gorda e rosada!

Ele estava de fato verde. Mas não notou que uma mancha escura e redonda já aparecia na minha pele avermelhada, um perigoso e alarmante sinal para a minha saúde.

Nanico levantou-se atento:

— Vocês ouviram o barulho do outro lado? Será que ele já vem?

Nanico se curvou ainda mais. Parecia ter um peso nas costas.

— Fico pensando: qual de nós três irá primeiro? Ainda me lembro quando meus irmãos se foram. Naquele tempo não era ruim esperar, porque a gente não desconfiava. Estávamos todos felizes, como se fosse uma aventura! Tudo era novidade: a viagem, nossa chegada aqui... Então vieram buscar o primeiro. Foi minha irmã. E ela nunca mais voltou.

— Não lembre coisas tristes, Nanico — eu falei, tremendo. Mas Nanico continuou:

— Depois vieram buscar o segundo. E mais outro, e mais outro. Fiquei só eu! Me esqueceram, não sei por quê ... Então chegaram vocês.

— O que será que acontece lá dentro? — Zé Pereira perguntou.

— Não sei. Só sei que ninguém volta. Quem passa por aquela porta fica — Nanico afirmou.

— Não pode ser tão ruim — eu comentei — , acho que estamos com medo à toda. Sabem de uma coisa? Vai ver que do outro lado não tem nada!

Nisso a porta se abriu. Agarraram ... Zé Pereira e o levaram embora. E a porta se fechou de novo.

— Por que não me levaram? — gemeu Nanico. — Estou me sentindo tão mal ! Zé Pereira era tão jovem, até sofria de acidez...

— Quem pode saber? — eu falei.

— Zé Pereira, a essa hora, já sabe — respondeu Nanico.

— Mas não volta mais pra contar. Ninguém voltou até hoje — lembrei.

Nanico ficou em silêncio. Deitou o corpo de lado. Acho que até cochilou um pouco. Coitado! A espera estava acabando com ele. Já estava na sala quando eu cheguei. Sempre falando dos irmãos que se foram!

Nisso, a porta se abriu de novo, e dessa vez levaram o Nanico. Fiquei sozinha, sem ninguém para conversar, esperando a minha vez...

A mancha escura em minha pele parecia ter aumentado, eu já não sentia a mesma disposição de antes. Não sei quanto tempo passou . O silêncio, a solidão aumentam o nervosismo e confundem a gente...

Finalmente, a porta se abriu e me agarraram também. Agora eu vou saber: vou descobrir o “grande segredo da vida”!

O outro lado é uma sala igual à primeira, mas tem uma mesa grande no meio, rodeada de cadeiras. Estou imobilizada... Com uma das mãos um homem me segura. Com a outra pega uma faca afiada.

E vai tirando em fatias a minha pele.

Depois, ele abre a boca com imensos dentes amarelos e vai se aproximando... Sinto o bafo, vejo a sua língua. Então me dá uma enorme dentada!

Mas eu ainda tenho tempo de ver, no prato sobre a mesa, a casca amarela e pintada do Nanico, o cabinho e os caroços do Zé Pereira.

— Então, é esse o destino das frutas?

7- O mistério do homem de preto (Luiz Lanzieri)

Na delegacia, um homem todo sujo, e com os pulsos machucados, chegou correndo desesperadamente, procurando por ajuda. Ele começou a se exaltar, e alguns policiais o levam a um canto para saber o que se passava. O homem sentou-se em uma cadeira, enquanto falava:

- Meu nome é Ross, e o que venho a dizer é de extrema importância.

- Pare de delongas e comece logo a dizer o que sabe! – Disse um policial.

- Tudo bem. Assim que os Smith foram embora, o homem de preto chegou. Ele se mudou para lá, mas ninguém jamais o via. Vivía trancafiado em casa e parecia ser altamente anti-social. Porém, eu sei o que ele É, SÓ EU SEI O QUE ELE FAZ, EU SEI O QUE ELE FEZ COM OS SMITH!!

O delegado, percebendo a exaltação de um homem que ele logo reconheceu como Ross, seu parceiro de pesca, procurou inteirar-se do que estava acontecendo:

- Que baderna é essa, Ross? Qual o motivo do escândalo?

- Desculpe, delegado, estou falando sobre aquele homem que chegou à nossa cidade. Eu queria fazer uma denúncia!!

- Ótimo! Pois então vá logo, também quero saber o que há de tão suspeito com esse cara.

- Como eu ia dizendo, estava realizando meus afazeres, enquanto minha mulher estava com meus filhos na casa de minha sogra; foi aí que ele bateu à minha porta.

- Que estranho... Os boatos são que ele só vive isolado. Que horas eram? – Indagou o delegado.

- Eram mais ou menos 4:30h da tarde, estava para escurecer. Ele me disse que em sua casa havia um cano furado. Como eu já havia sido encanador por algum tempo, ofereci-me para ajudar.

E completou:

- Assim que entrei em sua casa, percebi um cheiro estranho e depois de um tempinho andando lá, um pano encardido veio ao meu rosto e eu não me lembro de mais nada. Acho que ele me apagou com clorofórmio.

- Continue! O que aconteceu? – Perguntaram os policiais, sobretudo o delegado.

- Acordei, depois, com as mãos amarradas a um cano de ferro na parede. Percebi que o homem estava com um avental branco sujo de sangue e um cutelo na mão. Quando abriu a geladeira, percebi que lá havia vários pedaços de carne, e, ao reparar melhor, percebi uma cabeça, que era da Srª Smith! Desesperado, perguntei a ele o que ele queria e o que ele havia feito com a família Smith. Ele olhou para mim com uma cara muito pálida e com olhos brilhantes. E, de maneira muito fria, respondeu:

-Pois é, eles não queriam me vender a casa, e, como na cidade de onde vim eles não aceitam muito antropofagia, eu os usei para servirem a uma causa maior, assim como você servirá, para matar minha fome.

Enquanto falava, retirou o seu avental e limpou as mãos. Veio para perto de mim e começou a dar uma risadinha forçada. Colocou um toca-discos para funcionar e foi tomar um banho, eu acho.

-Com o pouco que restava de minha força, consegui derrubar o toca-discos. Quando o disco de vinil caiu, quebrou-se todo, e um pedaço caiu perto de minha perna. Consegui pegá-lo cortei a corda, com um ruído não muito alto. Mas o homem deve ter-se alertado e já devia estar se enxugando. Desesperadamente, eu corri até a porta e tentei abrir. Estava trancada. Peguei a cadeira e quebrei o vidro da janela. Saí por ali mesmo e vim correndo, até chegar aqui.

O delegado olhou para ele com uma cara de incrédulo e disse:

-Ross, eu também não vou com a cara desse cara, nem sei como ele é direito; mas, olhe só: você está confuso. Faça o seguinte: vá para casa, tome um banho e durma um pouco. Se amanhã você tiver certeza do que está falando, eu vou dar uma olhada.

-Tá bom, eu acho que foi só um pesadelo mesmo.

Poucos dias depois desses acontecimentos, o jornal local exibia a foto de Ross na seção de desaparecidos. O anúncio dizia que a última vez que fora visto, estava saindo da delegacia.

8 - *Sufoco* (Alfred Hitchcock)

Ela nunca estivera antes nesta parte de Paris – conhecia-a apenas pelos romances de Duvain, ou pelas peças do Grand Guignol. Então Montmartre era aquilo? Aquele horror onde o perigo se ocultava sob a coberta da noite; onde almas inocentes pereciam sem aviso – onde a perdição confrontava os incautos – onde o Apache reinava.

Movia-se cautelosamente pela sombra do alto muro, procurando furtivamente atrás de si a ameaça oculta que poderia estar a seguir os seus passos. De repente precipitou-se por uma alameda, pouco se importando aonde ia dar... tacteando o seu caminho, através da escuridão de breu, com uma única ideia fixa na mente: enganar o seu perseguidor... E lá foi ela... Oh! Quando é que aquilo ia acabar? Então uma soleira de porta de onde fluía uma luz mostrou-se à sua vista... Aqui... em qualquer lugar, pensou ela.

A porta ficava no topo de um lance de escadas... Seus degraus crepitavam de velhos enquanto ela procurava descer... Foi quando escutou o som de um riso bêbado e estremeceu – certamente era... Não, isso não. Tudo, menos isso! Chegou ao pé da escada e viu um bar cheirando a vinho ruim, com restos do que um dia foram homens e mulheres, numa orgia de bêbados... Então eles viram-na, uma visão de pureza assustada. Alguns homens correram ao seu encontro entre os gritos de encorajamento dos outros. Foi agarrada. Gritou de terror... Melhor seria ter sido apanhada pelo seu perseguidor, foi o seu pensamento fugaz enquanto a arrastavam rudemente através da sala. Os demónios não perderam tempo a decidir o seu destino. Partilhariam os seus pertences... e ela... Ora! Aquilo não era o coração de Montmartre? Ela tinha de ir – os ratos teriam um banquete. Então amarraram-na e carregaram-na pela passagem escura, subindo um lance de escadas em direcção ao rio. Os ratos da água teriam um banquete, disseram. E então... balanceando o seu

corpo amarrado para a frente e para trás, atiraram-na para as águas escuras. Foi-se afundando, afundando, afundando. Consciente apenas da sensação de sufocação. Aquilo era a morte... Então... “Saiu, madame” – disse o dentista – “meia coroa, por favor.”

9 - Resenha Especial: *O Retrato Oval* por Edgar Allan Poe

O Retrato Oval conta a história de um cavalheiro que ao passar a noite em um castelo abandonado descobre a pintura de uma jovem que por causa de seu amor pelo marido, permitiu-se ser pintada por ele, dando assim, início a uma sucessão de fatos que cerca de tragédia a obra-prima.

Em ‘O Retrato Oval’ o leitor é envolvido por um ambiente misterioso assim como um cavalheiro ferido e seu criado que adentram um castelo solitário em busca de abrigo durante a noite. Nesse lugar lúgubre, a suntuosidade de quadros primorosamente pintados chama a atenção do homem que descobre um caderno cujo conteúdo nada mais é do que as histórias relacionadas a essas obras-primas. Por horas a fio, o homem lê incansavelmente os relatos ali contidos, mas é só quando está prestes a adormecer que ele descobre o retrato de uma jovem emoldurado por uma estrutura oval e que lhe deixa completamente fascinado.

Sem conseguir conter sua ansiedade, ele busca no caderno algo sobre a história daquela pintura que parecia viva de tão real, de tão bela. Contudo, ele não precisou procurar muito para encontrar o que queria, pois logo se deparou com as linhas que narravam a história de uma jovem que muito apaixonada por seu marido, sentia-se enciumada da atenção que este dava a suas pinturas e que um dia teve que aceitar a proposta que ele lhe fez e permitir que ele a pintasse. Como o artista obcecado que era, o pintor não conseguia se desligar do seu trabalho e durante longos dias manteve sua esposa posta diante dele para que ele pudesse capturar cada detalhe necessário para tornar aquele quadro em sua obra-prima, porém, ela pouco a pouco foi enfraquecendo e definhando, tanto que quando o seu amado por fim terminou o seu trabalho, a única coisa que restava viva dela era o retrato oval.

Contos de nível difícil

10 - *A história dos duendes que raptaram um coveiro* (Charles Dickens)

NUMA VELHA CIDADE ABACIAL, situada nesta parte do Condado, há muito, muito tempo — tanto tempo que a história deve ser verdadeira, de vez que nossos bisavós nela acreditaram implicitamente —, oficiava como sacristão e coveiro no cemitério da igreja um certo Gabriel Grub. De modo algum, porém, se infira que, pelo fato de ser coveiro e viver constantemente cercado de símbolos mortuários, deva um homem tornar-se taciturno e melancólico; os agentes funerários são os sujeitos mais alegres do mundo e, certa feita, tive a honra de privar com um deles que, na vida particular, e quando não em serviço, era um sujeitinho cômico e jocoso, capaz de trautear uma canção burlesca sem qualquer lapso de memória, ou de esvaziar um

bom copo de um só fôlego. Todavia, apesar de tais precedentes em contrário. Gabriel Grub era rabugento, taciturno, azedo — um homem ensimesmado e solitário, que não se dava com ninguém, a não ser consigo mesmo e com uma velha garrafa, encapada de vime, que lhe cabia no amplo e fundo bolso do colete — e que fitava cada rosto alegre que por si passasse com um olhar de malícia tão torva e mal-humorada que ninguém lhe suportaria o escrutínio sem sentir arrepios.

Pouco antes da meia-noite, certa véspera de Natal. Gabriel colocou a pá ao ombro, acendeu a lanterna e encaminhou-se para o velho cemitério, pois tinha de preparar uma cova para o dia seguinte; sentindo-se muito deprimido, pensou que seu ânimo melhoraria se se pusesse logo a trabalhar. Enquanto caminhava pela velha rua, viu a luz alegre dos fogos crepitantes brilhar através das janelas antigas, e ouviu os risos altos e os gritos jubilosos daqueles que se haviam reunido à volta deles; observou os alvoroçados preparativos para a festa do dia seguinte e aspirou os numerosos aromas apetitosos deles resultantes, escapando-se pelas janelas das cozinhas, em nuvens. Tudo isso era fel e absinto para o coração de Gabriel Grub; e quando bandos de crianças saltavam para fora das casas e, aos saltos, atravessavam a rua e encontravam-se, antes de terem tido tempo de bater à porta fronteira, com meia dúzia de moleques de cabelo encaracolado, que se agrupavam em torno deles enquanto subiam para passar a noite em folguedos natalinos. Gabriel sorria torvamente e apertava o cabo da pá com mais força, ao pensar em sarampo, escarlatina, difteria, coqueluche e muitas outras fontes semelhantes de consolação.

Nesse feliz estado de espírito. Gabriel caminhava, respondendo aos cumprimentos bem-humorados dos vizinhos que por ele cruzavam com um grunhido lacônico e rabugento; por fim, enfiou-se pela escura viela que levava ao cemitério. Gabriel estivera ansioso por chegar à viela porque o lugar era, de modo geral, ermo e funéreo, e a gente da vila não se arriscava a andar por ali senão durante o dia, quando brilhava o sol; por consequência, o coveiro ficou assaz indignado ao ouvir uma voz infantil entoando uma alegre canção de Natal no mesmo santuário que era chamado "Beco dos Caixões" desde os dias da velha abadia e dos monges de cabeça raspada. À medida que Gabriel caminhava e que a voz se tornava mais próxima, descobriu pertencer a um menino que corria a juntar-se a um dos grupinhos da velha rua e que, em parte para sentir-se acompanhado, em parte para preparar-se para a ocasião, berrava a canção com toda a força dos pulmões. Gabriel esperou até que o menino passasse por ele e, encurralando-o num canto, deu-lhe cinco ou seis pancadas na cabeça com a lanterna, apenas para ensiná-lo a modular a voz. E enquanto o menino fugia, com as mãos na cabeça, entoando canção bem diversa da anterior. Gabriel Grub casquinou sozinho, alegremente, e entrou no cemitério, fechando o portão atrás de si.

Tirou o casaco, pôs a lanterna no chão e, dirigindo-se à cova inacabada, nela trabalhou durante uma hora ou mais, com gosto. Mas a terra estava endurecida pela geada e não era coisa fácil cavá-la nem atirá-la para cima; embora houvesse lua, era lua muito nova, que pouco iluminava a cova imersa na sombra da igreja. Em qualquer outra ocasião, tais obstáculos teriam feito Gabriel Grub sentir-se muito triste e miserável, mas estava tão satisfeito por ter acabado com a cantoria do menino, que mal se deu conta dos pequenos progressos que fazia e, terminado o trabalho da noite, olhou para dentro da cova com soturna satisfação, murmurando, enquanto reunia seus petrechos:

Bom quarto para a última dormida:

Sete palmos de terra, finda a vida;

Pedra aos pés e também à cabeceira,

*Petisco para os vermes da valeira;
Relva em cima, de argila emparedado,
Belo quarto em terreno consagrado!*

— Ho! ho! — riu Gabriel Grub, sentando-se num túmulo liso, que era seu lugar de descanso favorito, e sacando a garrafa de vime. — Um esquife no Natal! Um caixão natalino! Ho! ho! ho!

— Ho! ho! ho! — repetiu uma voz as suas costas.

Gabriel interrompeu, algo alarmado, o ato de levar a garrafa à boca e olhou à volta de si. As profundezas do túmulo mais antigo ali existente não estavam mais tranquilas e silenciosas do que o próprio cemitério à pálida luz da lua. A branca e fria geada brilhava nas lousas tumulares e cintilava, qual fieira de gemas, por entre os entalhes de pedra da velha igreja. Havia uma camada de neve dura e crespa sobre o chão, amortalhando os montículos de terra com um lençol tão alvo e macio, que mais pareciam estes uma fileira de cadáveres cobertos apenas com suas mortalhas. Nenhum ruído, por leve que fosse, quebrava a profunda tranquilidade da paisagem solene. Tão frio e quieto era o ambiente que até o próprio som parecia ter-se enregelado.

— Foram os ecos — concluiu Gabriel Grub, levando novamente a garrafa à boca.

— Não foram, não — disse uma voz profunda.

Gabriel ergueu-se assustado e ficou interdito de espanto e de terror quando seus olhos deram com uma aparição que lhe gelou o sangue nas veias.

Sentada numa tumba alta, perto dele, havia uma estranha figura supra terrena, que Gabriel constatou, desde logo, não ser gente deste mundo. Suas pernas longas e fantásticas, que bem poderiam chegar ao chão, estavam encolhidas e cruzadas de maneira esquisita e espantosa; trazia nus os braços nervosos; suas mãos descansavam sobre os joelhos. O corpo curto e roliço estava vestido de roupas apertadas e acuchiladas; uma capa curta pendia-lhe das costas; a gola estava recortada em bicos curiosos, que serviam de gravata ou de golilha ao duende, e os sapatos tinham longas pontas reviradas. Trazia na cabeça um chapéu em forma de pão de açúcar, enfeitado com uma pena solitária, e coberto de branca geada; o duende parecia estar sentado muito à vontade, na tumba, havia mais de duzentos ou trezentos anos. Permanecia imóvel, com a língua zombeteira de fora, careteando para Gabriel Grub com uma expressão que só os duendes são capazes de assumir.

— Não foram os ecos — repetiu o duende.

Gabriel Grub estava paralisado e não soube responder.

— Que fazes aqui na véspera de Natal? — perguntou o duende, com voz severa.

— Vim cavar uma cova, *sir* — balbuciou Gabriel Grub.

— Que homem é este que anda em meio a covas numa noite assim? — exclamou o duende.

— Gabriel Grub! Gabriel Grub! — berrou um doido coro de vozes, que parecia encher o cemitério. Gabriel olhou temerosamente à volta, mas não viu ninguém.

— Que trazes aí nessa garrafa? — perguntou o duende.

— Genebra, *sir* — respondeu o sacristão, mais trêmulo do que nunca, pois havia comprado-a de contrabandistas e julgou que talvez seu interlocutor pertencesse ao departamento fiscal dos duendes.

— Quem bebe genebra sozinho num cemitério, numa noite como esta? — exclamou o duende.

— Gabriel Grub! Gabriel Grub! — gritaram as doidas vozes novamente.

O duende olhou maliciosamente para o coveiro aterrorizado e, alçando a voz, exclamou:

— E quem é, então, nossa boa e legítima presa?

A tal pergunta, o coro invisível replicou, num uníssonos que vibrava como as vozes de muitos meninos cantando ao som poderoso do órgão da velha igreja; um uníssonos que, aos ouvidos do coveiro, parecia transportado por um vento selvagem, e que, conforme passava, ia morrendo; mas o estribilho era sempre o mesmo:

— Gabriel Grub! Gabriel Grub!

O duende fez uma careta maior do que as anteriores e disse:

— Bem. Gabriel, que achas disso?

O coveiro arquejou.

— Que achas disso. Gabriel? — repetiu o duende, atirando as pernas para o ar, de cada lado do túmulo, e olhando para as pontas reviradas dos sapatos com tanta satisfação quanto se admirasse os mais elegantes calçados vendido sem Bond Street.

— É... é... muito curioso, *sir* — replicou o coveiro, semimorto de terror. — Muito curioso e muito bonito, mas acho que vou voltar ao trabalho para terminá-lo, *sir*, se mo permitirdes.

— Trabalho! — exclamou o duende. — Que trabalho?

— A cova, *sir*; abrir uma cova — tartamudeou o coveiro.

— Oh!, a cova, hein? — disse o duende. — Quem é que se compraz em abrir covas numa ocasião em que todos os outros homens se divertem?

Novamente, as vozes misteriosas repetiram:

— Gabriel Grub! Gabriel Grub!

— Receio que meus amigos te desejem. Gabriel — disse o duende, pondo toda a língua de fora (e que língua. Santo Deus!). — Receio que meus amigos te desejem. Gabriel.

— Por favor, *sir* — replicou o coveiro aterrorizado —, creio que não, *sir*; eles não me conhecem, *sir*; não acredito que esses cavalheiros me hajam visto antes, *sir*.

— Oh!, viram-te, sim — replicou o duende. — Bem conhecemos o homem de cara amuada e cenho franzido que desceu a rua hoje à noite, olhando as crianças com olhar maldoso, e apertando, raivoso, o cabo da pá. Bem conhecemos o homem que, com o coração cheio de inveja e maldade, surrou um menino, só porque esse menino podia ser alegre e ele não. Bem o conhecemos, bem o conhecemos.

Nesse ponto, o duende riu um riso esganiçado, que os ecos devolveram multiplicado, e, atirando as pernas para o ar, equilibrou-se, de cabeça para baixo, ou melhor, sobre a ponta do chapéu em forma de pão de açúcar, à beirada estreita do túmulo, de onde, numa cambalhota extremamente ágil, foi cair bem aos pés do coveiro, assumindo a posição de um alfaiate entregue ao seu ofício.

— Acho... acho que tenho de ir-me embora, *sir* — disse o coveiro, fazendo um esforço para mover-se.

— Ir embora! — exclamou o duende. — Gabriel Grub vai embora. Ho!ho! ho!

Enquanto o duende ria, o coveiro, olhando de relance para a igreja, viu-lhe as janelas iluminadas, como se estivessem acesas todas as luzes do edifício; a luz desapareceu, o órgão pôs-se a tocar uma melodia saltitante, e grupos inteiros de duendes, perfeitas reproduções do primeiro, derramaram-se pelo cemitério e começaram a saltitar sobre as tumbas, jamais detendo-se, um instante que fosse, para tomarem fôlego, mas cabriolando cada vez mais alto, um depois do outro, com maravilhosa destreza. O primeiro dos duendes era um saltador espantoso, e nenhum dos outros o ultrapassava; mesmo no auge do terror, o coveiro não pôde deixar de observar que, enquanto seus companheiros se contentavam em saltar por cima das

tumbas de tamanho ordinário, o primeiro piruetava sobre os jazigos familiares, com grades de ferro e tudo, tão facilmente quanto se estes fossem marcos de estrada.

Por fim, a brincadeira chegou ao cúmulo da excitação; o órgão tocava cada vez mais depressa, e os duendes pulavam cada vez mais rápidos, enrodilhando-se sobre si mesmos, dando cambalhotas sobre o chão e saltando sobre as tumbas quais bolas de futebol. O cérebro do coveiro girava com tanta rapidez quanto a da agitação que contemplava, e suas pernas vergavam conforme os espíritos lhe passavam diante dos olhos; subitamente, o rei dos duendes, atirando-se sobre ele, agarrou-o pelo colarinho e com ele desapareceu pela terra adentro.

Quando Gabriel Grub conseguiu recuperar o fôlego, que a descida vertiginosa lhe fizera perder, encontrou-se no que parecia ser uma vasta caverna, circundado de todos os lados por multidões de duendes feios e zombeteiros; no centro da caverna, num assento elevado, estava seu amigo do cemitério e, logo atrás dele, sem poder mexer-se, o próprio Gabriel Grub.

— A noite está fria — disse o rei dos duendes —, muito fria. Tragam-lhe algo quente para beber!

A esta voz de comando, meia dúzia de duendes officiosos, com um perpétuo sorriso nas faces, que Gabriel Grub imaginou fossem cortesãos por causa disso, desapareceram num átimo e logo voltaram com uma taça de fogo líquido, que apresentaram ao rei.

— Ah! — exclamou o duende, cujas faces e garganta faziam-se transparentes à medida que ia engolindo o líquido chamejante —, como isto esquentar! Tragam uma caneca para Mi: Grub.

Foi em vão que o coveiro protestou não ser de seu hábito tomar o que quer que fosse de quente à noite; um dos duendes segurou-o, enquanto outro lhe derramava a bebida incendiada pela garganta abaixo; toda a assembleia torcia-se de rir ao vê-lo tossir, engasgar-se e enxugar as lágrimas que lhe corriam abundantemente dos olhos, depois de ter engolido a causticante bebida.

— E agora — disse o rei, enfiando, num gesto fantástico, a ponta do seu chapéu afunilado nos olhos do coveiro e provocando neste dor agudíssima —, e agora mostrem ao homem da desgraça e da tristeza algumas pinturas do nosso grande depósito!

A medida que o duende dizia tais palavras, uma nuvem espessa, que obscurecia a extremidade mais remota da caverna, dissipou-se gradualmente e pôs a descoberto, muito ao longe, segundo parecia, um aposento pequeno e pobremente mobiliado, posto que limpo e bem-arrumado. Um bando de crianças comprimia-se em torno do fogo alegre, agarradas às saias da mãe e saltitando-lhe ao redor da cadeira. A mãe erguia-se, de quando em quando, e descerrava as cortinas da janela, como se aguardasse a chegada de alguém; uma refeição frugal estava servida sobre a mesa e uma cadeira de braços fora disposta perto do fogo. Uma batida à porta fez-se ouvir; a mãe abriu-a, e as crianças, acorrendo para lá, puseram-se a bater palmas de alegria ao verem seu pai entrar. Estava molhado e tinha ar fatigado; sacudiu a neve das roupas, enquanto as crianças, apinhando-se em volta dele, tomaram-lhe a capa, o chapéu, a bengala e as luvas e, com ar azafamado, levaram tudo para fora da sala. Depois, quando o recém-vindo se sentou à mesa, ao pé do fogo, as crianças treparam-lhe sobre os joelhos, a esposa acomodou-se ao seu lado, e tudo se fez felicidade e aconchego.

Mas uma alteração, quase imperceptível, ocorreu no quadro. A cena era agora um pequeno dormitório, no qual o mais lindo e o mais jovem dos filhos jazia agonizante; o róseo havia-lhe desaparecido das faces e a luz fugira-lhe dos olhos;

enquanto o coveiro o olhava com um interesse que jamais havia conhecido ou experimentado até então, a criança morreu. Seus pequenos irmãos e irmãs rodearam-lhe o leito minúsculo e tomaram-lhe as mãozinhas frias e langues, mas estremeceram ao toque e olharam medrosamente para o seu rosto infantil: era calmo e tranquilo e revelava paz, mas a linda criança

estava morta e eles souberam que era agora um anjo a olhá-los e a abençoá-los lá do céu luminoso e feliz.

Uma luz brilhante passou de novo pelo quadro e o seu tema alterou-se outra vez. O pai e a mãe estavam agora velhos e alquebrados e o número de filhos a rodeá-los diminuía de mais da metade; todavia, a felicidade e a alegria brilhavam em todas as faces e reluziam em todos os olhos enquanto, agrupada em volta do fogo, a família ouvia e contava velhas histórias dos dias idos. Lenta e tranquilamente, o pai desceu ao túmulo e, logo depois, a companheira de seus cuidados e aflições acompanhou-o àquele lugar de repouso. Os poucos sobreviventes ajoelharam-se ao lado de seus túmulos e regaram de lágrimas a verde relva que os recobria; ergueram-se, depois, e afastaram-se, tristes e enlutados, mas não com gritos amargos ou com lamentos desesperados, pois sabiam que os encontrariam, novamente, algum dia; mais uma vez, mergulharam na azáfama do mundo, e o contentamento e a jovialidade lhes voltaram. A nuvem desceu sobre o quadro e ocultou-o dos olhos do coveiro.

— Que achas disso? — perguntou o duende, voltando seu rosto largo para Gabriel Grub.

Gabriel murmurou algo a respeito de ter achado o quadro muito bonito, e pareceu ficar um tanto envergonhado quando o duende o fitou com seus olhos candentes.

— Tu, miserável criatura! — disse o duende, num tom de absoluto desprezo. — Tu!

Parecia resolvido a acrescentar mais alguma coisa, mas a indignação sufocou-o; erguendo uma de suas flexibilíssimas pernas, e agitando-a acimada cabeça para firmar a pontaria, descarregou um belo pontapé em Gabriel Grub; a esse exemplo os duendes se comprimiram em torno do pobre coveiro e castigaram-no sem clemência, de acordo com o costume estabelecido e invariável dos cortesãos deste mundo, que dão pontapés em quem a realeza dá, e agradam a quem a realeza agrada.

— Mostrem-lhe algo mais! — ordenou o rei dos duendes.

A estas palavras, a nuvem dissipou-se e uma bela e rica paisagem fez-se visível — a mesma que se contempla até hoje, a meia milha da velha cidade abacial. O sol refulgia no céu límpido e azul; a água cintilava sob os seus raios; as árvores pareciam mais verdes e as flores mais alegres a sua benéfica influência. A água murmurava com um ruído agradável; as árvores farfalhavam à leve brisa que lhes agitava as folhas; os pássaros cantavam nos ramos, e a cotovia, lá no alto, saudava o amanhecer. Sim, era manhã — uma clara e balsâmica manhã estival; a menor das folhas, o mais diminuto dos talos de grama palpitavam de vida. A formiga saía para seu labor cotidiano; a borboleta, revolteando, aquecia-se aos cálidos raios de sol; miríades de insetos estiravam as asas transparentes e gozavam a breve, posto que feliz, existência. O homem caminhava, enlevado pela cena, e tudo era brilho e esplendor.

— Tu, miserável criatura! — exclamou o rei dos duendes, em tom de maior desprezo ainda. E, novamente, fez um floreio com a perna e castigou os ombros do coveiro; novamente, os duendes circundantes imitaram o exemplo do chefe.

Muitas e muitas vezes a nuvem apareceu e desapareceu; e muitas e muitas lições foram ensinadas a Gabriel Grub, que, embora lhe doessem os ombros, devido

ao reiterado castigo neles aplicado pelo pé do duende, assistia a tudo com um interesse que nada lograva diminuir. Viu os homens que trabalhavam arduamente para ganharem o escasso pão de cada dia, alegres e felizes; viu que, mesmo para os mais ignorantes, o doce aspecto da Natureza era fonte inesgotável de prazeres e alegrias. Viu aqueles que haviam sido criados com mimos e que tinham crescido em meio a carinhos, alegres, malgrado as privações, e superiores a sofrimentos que teriam esmagado outros de mais rude constituição, porque traziam dentro do peito as próprias fontes da felicidade, da alegria e da paz. Viu que as mulheres, as mais ternas e frágeis entre todas as criaturas de Deus, eram frequentemente superiores à tristeza, à adversidade e à desgraça, porque traziam, no fundo do coração, um manancial inesgotável de afeto e devoção. Viu, sobretudo, que homens como ele, sempre a escarnecerem da jovialidade e da alegria alheias, eram o pior joio que existia sobre a bela superfície da terra; e, confrontando todo o bem do mundo com o mal nele existente, chegou à conclusão de que o mundo, no fim das contas, era um lugar muito decente e respeitável. Mal chegara a tal conclusão quando a nuvem que envolvera o último quadro pareceu envolver-lhe também os sentidos, convidando-o ao repouso. Um por um, os duendes desapareceram de sua vista e, quando o último se desvaneceu, o coveiro mergulhou em sono profundo.

O dia já havia nascido quando Gabriel, despertando, se achou estirado sobre a lãjea lisa do cemitério, tendo ao lado, vazia, a garrafa de vime, e o casaco, a pá e a lanterna, recobertos da geada alvacentas da véspera, espalhados no chão. A lousa sobre a qual vira o duende sentado pela primeira vez erguia-se diante dele, e a cova em que trabalhara na noite anterior não distava muito dali. A princípio, duvidou da realidade de suas aventuras, mas a dor aguda que sentiu nos ombros, quando tentou erguer-se, convenceu-o de que os pontapés dos duendes não haviam sido de modo algum imaginários. Titubeou, novamente, ao observar que não havia pegadas na neve que os duendes tinham pinoteado, mas logo achou explicação para o fato, ao lembrar-se de que, sendo eles espíritos, não haveriam de deixar impressão visível atrás de si. Dessarte, Gabriel Grub pôs-se de pé, tão bem quanto lhe permitiu a dor nas costas, e, limpando a geada do casaco, vestiu-o e voltou o rosto para a cidade.

Era, todavia, um homem mudado, e não suportava a ideia de retornar a um sítio onde seu arrependimento seria objeto de motejo e sua transformação, de dúvida. Hesitou por alguns momentos; decidiu-se, depois, a buscar outro lugar onde pudesse ganhar o pão.

A lanterna, a pá e a garrafa de vime foram encontradas no cemitério naquele mesmo dia. Houve a princípio inúmeras conjecturas quanto ao destino do coveiro, mas logo se concluiu que ele havia sido levado pelos duendes; não faltaram, mesmo, algumas testemunhas dignas de crédito que o haviam visto, muito distintamente, transportado pelo ar no lombo de um cavalo castanho, cego de um olho, com os quatro traseiros de leão e a cauda de urso. Com o passar do tempo, chegou-se a crer piamente em tudo isso, e o novo coveiro costumava exhibir aos curiosos, em troca de insignificante propina, um bom pedaço do cata-vento da igreja que havia sido derrubado acidentalmente pelo referido cavalo em sua fuga aérea, e que ele, coveiro, encontrara no cemitério, um ou dois anos mais tarde.

Infortunadamente, estas histórias ficaram algo desmoralizadas pelo inesperado aparecimento de Gabriel Grub em pessoa, mais ou menos dez anos depois; estava velho, reumático, esfarrapado e feliz. Contou sua história ao vigário e também ao prefeito; com o tempo, sua narrativa passou a ser aceita como fato histórico, forma sob a qual se perpetuou até hoje. Os que acreditam no conto do cata-vento, tendo sido iludido na sua boa-fé, não se mostravam mais dispostos a deixar-se iludir

novamente, e assumindo ares de sabidos, encolhiam os ombros, tocavam a fronte e murmuravam algo a respeito de Gabriel Grub ter bebido toda a genebra e adormecido sobre a lápide lisa; ofereciam explicação para o que ele havia visto na caverna dos duendes, dizendo que, depois de haver corrido o mundo. Gabriel tornara-se mais esperto. Mas tal opinião, que não chegou nunca a se popularizar, foi-se extinguindo aos poucos. Seja como for, tendo Gabriel Grub padecido de reumatismo até o fim de seus dias, sua história tem, ao menos, uma moral, à falta de coisa melhor — a de que, se um homem ficar mal-humorado e beber sozinho na véspera de Natal, pode ter a certeza de que não tirará muito proveito disso, ainda que os espíritos da bebida sejam menos fortes ou estejam tantos graus acima do normal quanto aqueles que Gabriel Grub viu na caverna dos duendes.

11- *O gato preto* (Edgar Allan Poe)

Não espero nem solicito o crédito do leitor para a tão extraordinária e no entanto tão familiar história que vou contar. Louco seria esperá-lo, num caso cuja evidência até os meus próprios sentidos se recusam a aceitar. No entanto não estou louco, e com toda a certeza que não estou a sonhar. Mas porque posso morrer amanhã, quero aliviar hoje o meu espírito. O meu fim imediato é mostrar ao mundo, simples, sucintamente e sem comentários, uma série de meros acontecimentos domésticos. Nas suas consequências, estes acontecimentos aterrorizaram-me, torturaram-me, destruíram-me. No entanto, não procurarei esclarecê-los. O sentimento que em mim despertaram foi quase exclusivamente o de terror; a muitos outros parecerão menos terríveis do que extravagantes. Mais tarde, será possível que se encontre uma inteligência qualquer que reduza a minha fantasia a uma banalidade.

Qualquer inteligência mais serena, mais lógica e muito menos excitável do que a minha encontrará tão somente nas circunstâncias que relato com terror uma sequência bastante normal de causas e efeitos. Já na minha infância era notado pela docilidade e humanidade do meu carácter. Tão nobre era a ternura do meu coração, que eu acabava por tornar-me num brinquedo dos meus companheiros. Tinha uma especial afeição pelos animais e os meus pais permitiam-me possuir uma grande variedade deles. Com eles passava a maior parte do meu tempo e nunca me sentia tão feliz como quando lhes dava de comer e os acariciava. Esta faceta do meu carácter acentuou-se com os anos, e, quando homem, aí achava uma das minhas principais fontes de prazer. Quanto àqueles que já tiveram uma afeição por um cão fiel e sagaz, escusado será preocupar-me com explicar-lhes a natureza ou a intensidade da compensação que daí se pode tirar. No amor desinteressado de um animal, no sacrifício de si mesmo, alguma coisa há que vai direito ao coração de quem tão frequentemente pôde comprovar a amizade mesquinha e a frágil fidelidade do homem.

Casei jovem e tive a felicidade de achar na minha mulher uma disposição de espírito que não era contrária à minha. Vendo o meu gosto por animais domésticos, nunca perdia a oportunidade de me proporcionar alguns exemplares das espécies mais agradáveis. Tínhamos pássaros, peixes dourados, um lindo cão, coelhos, um macaquinho, e um gato.

Este último era um animal notavelmente forte e belo, completamente preto e excepcionalmente esperto. Quando falávamos da sua inteligência, a minha mulher, que não era de todo impermeável à superstição, fazia frequentes alusões à crença popular que considera todos os gatos pretos como feiticeiras disfarçadas. Não quero

dizer que falasse deste assunto sempre a sério, e se me refiro agora a isto não é por qualquer motivo especial, mas apenas porque me veio à ideia.

Plutão, assim se chamava o gato, era o meu amigo predileto e companheiro de brincadeiras. Só eu lhe dava de comer e seguia-me por toda a parte, dentro de casa. Era até com dificuldade que conseguia impedir que me seguisse na rua.

A nossa amizade durou assim vários anos, durante os quais o meu temperamento e o meu carácter sofreram uma alteração radical - envergonho-me de o confessar - para pior, devido ao demónio da intemperança. De dia para dia me tornava mais taciturno, mais irritável, mais indiferente aos sentimentos dos outros. Permitia-me usar de uma linguagem brutal com minha mulher. Com o tempo, cheguei até a usar de violência. Evidentemente que os meus pobres animaizinhos sentiram a transformação do meu carácter. Não só os desprezava como os tratava mal. Por Plutão, porém, ainda nutria uma certa consideração que me não deixava maltratá-lo. Quanto aos outros, não tinha escrúpulos em maltratar os coelhos, o macaco e até o cão, quando por acaso ou por afeição se atravessavam no meu caminho.

Mas a doença tomava conta de mim - pois que doença se assemelha à do álcool? - e, por fim, até o próprio Plutão, que estava a ficar velho e, por consequência, um tanto impertinente, até o próprio Plutão começou a sentir os efeitos do meu carácter perverso.

Certa noite, ao regressar a casa, completamente embriagado, de volta de um dos tugúrios da cidade, pareceu-me que o gato evitava a minha presença. Apanhei-o, e ele, horrorizado com a violência do meu gesto, feriu-me ligeiramente na mão com os dentes. Uma fúria dos demónios imediatamente se apossou de mim. Não me reconhecia. Dir-se-ia que a minha alma original se evolará do meu corpo num instante e uma ruindade mais do que demoníaca, saturada de genebra, fazia estremecer cada uma das fibras do meu corpo. Tirei do bolso do colete um canivete, abri-o, agarrei o pobre animal pelo pescoço e, deliberadamente, arranquei-lhe um olho da órbita! Queima-me a vergonha e todo eu estremeço ao escrever esta abominável atrocidade.

Quando, com a manhã, me voltou a razão, quando se dissiparam os vapores da minha noite de estúrdia, experimentei um sentimento misto de horror e de remorso pelo crime que tinha cometido. Mas era um sentimento frágil e equívoco e o meu espírito continuava insensível. Voltei a mergulhar nos excessos, e depressa afoguei no álcool toda a recordação do ato.

Entretanto, o gato curou-se lentamente. A órbita agora vazia apresentava, na verdade, um aspecto horroroso, mas o animal não aparentava qualquer sofrimento. Vagueava pela casa como de costume, mas, como seria de esperar, fugia aterrorizado quando eu me aproximava. Porém, restava-me ainda o suficiente do meu velho coração para me sentir agravado por esta evidente antipatia da parte de um animal que outrora tanto gostara de mim. Em breve este sentimento deu lugar à irritação. E para minha queda final e irrevogável, o espírito da PERVERSIDADE fez de seguida a sua aparição. Deste espírito não cura a filosofia. No entanto, não estou mais certo da existência da minha alma do que do facto que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano; uma dessas indivisas faculdades primárias, ou sentimentos, que deu uma direção ao carácter do homem. Quem se não surpreendeu já uma centena de vezes cometendo uma ação néscia ou vil, pela única razão de saber que a não devia cometer? Não temos nós uma inclinação perpétua, pese ao melhor do nosso juízo, para violar aquilo que constitui a Lei, só porque sabemos que o é? E digo que este espírito de perversidade surgiu para minha perda final. Foi este anseio insondável da alma por se atormentar, por oferecer violência à sua própria natureza, por fazer o mal só pelo mal, que me forçou a continuar e, finalmente, a

consumar a maldade que infligi ao inofensivo animal. Certa manhã, a sangue-frio, passei-lhe um nó corredio ao pescoço e enforquei-o no ramo de uma árvore; enforquei-o com as lágrimas a saltarem-me dos olhos e com o mais amargo remorso no coração; enforquei-o porque sabia que me tinha tido afeição e porque sabia que não me tinha dado razão para a torpeza; enforquei-o porque sabia que ao fazê-lo estava cometendo um pecado, um pecado mortal que comprometia a minha alma imortal a ponto de a colocar, se tal fosse possível, mesmo para além do alcance da infinita misericórdia do Deus Mais Piedoso e Mais Severo.

Na noite do próprio dia em que este ato cruel foi perpetrado, fui acordado do sono aos gritos de «Fogo!». As cortinas da minha cama estavam em chamas; toda a casa era um braseiro. Foi com grande dificuldade que minha mulher, uma criada e eu conseguimos escapar do incêndio. A destruição foi completa. Todos os meus bens materiais foram destruídos, e daí em diante mergulhei no desespero.

Sou superior à fraqueza de procurar estabelecer uma sequência de causa a efeito entre a atrocidade e o desastre. Limito-me, porém, a narrar uma cadeia de acontecimentos e não quero deixar nem um elo sequer incompleto. Nos dias que se sucederam ao incêndio, visitei as ruínas. As paredes, à exceção de uma, tinham abatido por completo. Esta exceção era constituída por um tabique interior, não muito espesso, que estava sensivelmente a meio da casa, e de encontro ao qual antes ficava a cabeceira da minha cama. O reboco resistira em grande parte à ação do fogo, facto que atribuo a ter sido pouco antes restaurado.

Próximo desta parede juntara-se uma densa multidão e muitas pessoas pareciam estar a examinar certa zona em particular, com minúcia e grande atenção. A minha curiosidade foi despertada pelas palavras «estranho», «singular» e outras expressões semelhantes. Aproximei-me e vi, como se fora gravado em baixo relevo, sobre a superfície branca, a figura de um gato gigantesco. A imagem estava desenhada com uma precisão realmente espantosa. Em volta do pescoço do animal estava uma corda.

Mal vi a aparição, pois nem podia pensar que doutra coisa se tratasse, o meu assombro e o meu terror foram imensos. Por fim, a reflexão veio em meu auxílio. Lembrei-me que o gato fora enforcado num jardim junto à casa. Após o alarme de incêndio, o dito jardim fora imediatamente invadido pela multidão e por alguém que deve ter cortado a corda do gato e o deve ter lançado para dentro do meu quarto, por uma janela aberta. Isto deve ter sido feito, provavelmente, com a intenção de me acordar. A queda das outras paredes tinha comprimido a vítima da minha crueldade na substância do reboco recentemente aplicado e cuja cal, combinada com as chamas e o amoníaco do cadáver, tinha produzido a imagem tal como eu a via.

Tendo assim satisfeito prontamente a minha razão - que não totalmente a minha consciência - sobre o facto extraordinário atrás descrito, não deixou este, no entanto, de causar profunda impressão na minha imaginação. Durante meses não consegui libertar-me do fantasma do gato, e, durante este período, voltou-me ao espírito uma espécie de sentimento que parecia remorso, mas que o não era. Cheguei ao ponto de lamentar a perda do animal e a procurar à minha volta, nos sórdidos tugúrios que agora frequentava com assiduidade, um outro animal da mesma espécie e bastante parecido que preenchesse o seu lugar.

Uma noite, estava eu sentado meio aturdido num antro mais do que infamante, a minha atenção foi despertada por um objeto preto que repousava no topo de um dos enormes toneis de gin ou de rum que constituíam o principal mobiliário do compartimento. Havia minutos que olhava para a parte superior do tonel, e o que agora me causava surpresa era o facto de não me ter apercebido mais cedo do objeto

que estava em cima. Aproximei-me e toquei-lhe com a mão. Era um gato preto, um gato enorme, tão grande como Plutão e semelhante a ele em todos os aspectos menos num. Plutão não tinha sequer um único pelo branco no corpo, enquanto este gato tinha uma mancha branca, grande mas indefinida, que lhe cobria toda a região do peito.

Quando lhe toquei, imediatamente se levantou e ronronou com força, roçou-se pela minha mão, e parecia contente por o ter notado. Era este, pois, o animal que eu procurava. Imediatamente propus a compra ao dono, mas este nada tinha a reclamar pelo animal, nada sabia a seu respeito, nunca o tinha visto até então.

Continuei a acariciá-lo, e quando me preparava para ir para casa, o animal mostrou-se disposto a acompanhar-me. Permiti que o fizesse, inclinando-me de vez em quando para o acariciar enquanto caminhava. Quando chegou a casa, adaptou-se logo e logo se tornou muito amigo da minha mulher.

Pela minha parte, não tardou em surgir em mim uma antipatia por ele. Era exatamente o reverso do que eu esperava, mas, não sei como nem porquê, a sua evidente ternura por mim desgostava-me e aborrecia-me. Lentamente, a pouco e pouco, esses sentimentos de desgosto e de aborrecimento transformaram-se na amargura do ódio. Evitava o animal; um certo sentimento de vergonha e a lembrança do meu anterior ato de crueldade impediram-me de o maltratar fisicamente. Abstive-me, durante semanas, de o maltratar ou exercer sobre ele qualquer violência, mas, gradualmente, muito gradualmente, cheguei a nutrir por ele um horror indizível e a fugir silenciosamente da sua odiosa presença como do bafo da peste.

O que aumentou, sem dúvida, o meu ódio pelo animal foi descobrir, na manhã do dia seguinte a tê-lo trazido para casa, que, tal como Plutão, tinha também sido privado de um dos seus olhos. Esta circunstância, contudo, mais afeição despertou na minha mulher, que, como já disse, possuía em alto grau aquele sentimento de humanidade que fora em tempos característica minha e a fonte de muitos dos meus prazeres mais simples e mais puros.

Com a minha aversão pelo gato parecia crescer nele a sua preferência por mim. Seguia os meus passos com uma pertinácia que seria difícil fazer compreender ao leitor. Sempre que me sentava, enroscava-se debaixo da minha cadeira ou saltava-me para os joelhos, cobrindo-me com as suas repugnantes carícias. Se me levantava para caminhar, metia-se-me entre os pés e quase me fazia cair ou, fincando as suas garras compridas e aguçadas no meu roupão, trepava-me até ao peito. Em tais momentos, embora a minha vontade fosse matá-lo com uma pancada, era impedido de o fazer, em parte pela lembrança do meu crime anterior mas, principalmente, devo desde já confessá-lo, por um verdadeiro medo do animal.

Este medo não era exatamente o receio de um mal físico; no entanto, é-me difícil defini-lo de outro modo. Quase me envergonhava admitir - sim, mesmo aqui, nesta cela de malfeitor, eu me envergonho de admitir - que o terror e o horror que o animal me infundia se viam acrescidos de uma das fantasias mais perfeitas que é possível conceber. Minha mulher tinha-me chamado várias vezes a atenção para o aspecto da mancha de pelo branco de que já falei, e que era a única diferença aparente entre o estranho animal e aquele que eu tinha eliminado. O leitor lembrar-se-á que esta marca, 8 embora grande, era, originariamente, bastante indefinida, mas, gradualmente, por fases quase imperceptíveis e que durante muito tempo a minha razão lutou por rejeitar como fantasiosas, assumira, finalmente, uma rigorosa nitidez de contornos. Era agora a imagem de um objeto que me repugna mencionar, e por isso eu o odiava e temia acima de tudo, e ter-me-ia visto livre do monstro se o ousasse. Era agora a imagem de uma coisa abominável e sinistra: a imagem da força!, oh!,

lúgubre e terrível máquina de horror e de crime, de agonia e de morte. Por essa altura, eu era, na verdade, um miserável maior do que toda a miséria humana. E um bruto animal cujo semelhante eu destruíra com desprezo, um bruto animal a comandar-me, a mim, um homem, feito à imagem do Altíssimo - oh!, desventura insuportável. Ah, nem de dia nem de noite, nunca, oh!, nunca mais, conheci a bênção do repouso! Durante o dia o animal não me deixava um só momento. De noite, a cada hora, quando despertava dos meus sonhos cheios de indefinível angústia, era para sentir o bafo quente daquela coisa sobre o meu rosto e o seu peso enorme, encarnação de um pesadelo que eu não tinha forças para afastar, pesando-me eternamente sobre o coração.

Sob a pressão de tormentos como estes, os fracos resquícios do bem que havia em mim desapareceram. Só os pensamentos pecaminosos me eram familiares - os mais sombrios e os mais infames dos pensamentos. A tristeza do meu temperamento aumentou até se tornar em ódio a tudo e à humanidade inteira. Entretanto, a minha dedicada mulher era a vítima mais usual e paciente das súbitas, frequentes e incontroláveis explosões de fúria a que então me abandonava cegamente.

Um dia acompanhou-me, por qualquer afazer doméstico, à cave do velho edifício onde a nossa pobreza nos forçava a habitar. O gato seguiu-me nas escadas íngremes e quase me derrubou, o que me exasperou até à loucura. Apoderei-me de um machado, e desvanecendo-se na minha fúria o receio infantil que até então tinha detido a minha mão, desferi um golpe sobre o animal, que seria fatal se o tivesse atingido como eu queria. Mas o golpe foi sustido diabolicamente pela mão da minha mulher. Enraivecida pela sua intromissão, libertei o braço da sua mão e enterrei-lhe o machado no crânio. Caiu morta, ali mesmo, sem um queixume.

Consumado este horrível crime, entreguei-me de seguida, com toda a determinação, à tarefa de esconder o corpo. Sabia que não o podia retirar de casa, quer de dia quer de noite, sem correr o risco de ser visto pelos vizinhos. Muitos projetos se atropelaram no meu cérebro. Em dado momento, cheguei a pensar em cortar o corpo em pequenos pedaços e destruí-los um a um pelo fogo. Noutro, decidi abrir uma cova no chão da cave. Depois pensei deitá-lo ao poço do jardim, ou metê-lo numa caixa como qualquer vulgar mercadoria e arranjar um carregador para o tirar de casa. Por fim, detive-me sobre o que considereei a melhor solução de todas. Decidi emparedá-lo na cave como, segundo as narrativas, faziam os monges da Idade Média às suas vítimas.

A cave parecia convir perfeitamente aos meus intentos. As paredes não tinham sido feitas com os acabamentos do costume e, recentemente, tinham sido todas rebocadas com uma argamassa grossa que a humidade ambiente não deixará endurecer. Além do mais, numa das paredes havia uma saliência causada por uma chaminé falsa ou por uma lareira que tinha sido entaipada para se assemelhar ao resto da cave. Não duvidei que me seria fácil retirar os tijolos neste ponto, meter lá dentro o cadáver e tornar a pôr a taipa como antes, de modo que ninguém pudesse lobar qualquer sinal suspeito.

Não me enganei nos meus cálculos. Com o auxílio de um pé-de-cabra retirei facilmente os tijolos, e depois de colocar cuidadosamente o corpo de encontro à parede interior, mantive-o naquela posição ao mesmo tempo que, com um certo trabalho, devolvia a toda a estrutura o seu aspecto primitivo.

Usando de toda a precaução, procurei argamassa, areia e fibras com que preparei um reboco que se não distinguia do antigo e, com o maior cuidado, cobri os tijolos. Quando terminei, vi com satisfação que tudo estava certo. A parede não denunciava o menor sinal de ter sido mexida. Com o maior escrúpulo, apanhei do

chão os resíduos. Olhei em volta, triunfante, e disse para comigo: «Aqui, pelo menos, não foi infrutífero o meu trabalho.»

A seguir procurei o animal que tinha sido a causa de tanta desgraça, pois que, finalmente, tinha resolvido matá-lo. Se o tivesse encontrado naquele momento, era fatal o seu destino. Mas parecia que o astuto animal se alarmara com a violência da minha cólera anterior e evitou aparecer-me na frente, dado o meu estado de espírito. É impossível descrever ou imaginar a intensa e aprazível sensação de alívio que a ausência do detestável animal me trouxe. Não me apareceu durante toda a noite, e deste modo, pelo menos por uma noite, desde que o trouxera para casa, dormi bem e tranquilamente; sim, dormi, mesmo com o crime a pesar-me na consciência.

Passaram-se o segundo e terceiro dias e o meu verdugo não aparecia. Mais uma vez respirei como um homem livre. O monstro, aterrorizado, tinha abandonado a casa para sempre! Nunca mais voltaria a vê-lo!

Suprema felicidade a minha! A culpa da ação tenebrosa inquietava-me pouco. Fizeram-se alguns interrogatórios que colheram respostas satisfatórias. Fez-se inclusivamente uma busca, mas, naturalmente, nada se descobriu. Dava como certa a minha felicidade futura.

No quarto dia após o crime, surgiu inesperadamente em minha casa um grupo de agentes da Polícia que procederam a uma rigorosa busca. Eu, porém, confiado na impenetrabilidade do esconderijo, não sentia qualquer embaraço. Os agentes quiseram que os acompanhasse na sua busca. Não deixaram o mínimo escaninho por investigar. Por fim, pela terceira ou quarta vez, desceram à cave. Nem um músculo me tremeu. O meu coração batia calmamente como o coração de quem vive na inocência. Percorri a cave de ponta a ponta. De braços cruzados no peito, andava descontraído de um lado para o outro. Os agentes estavam completamente satisfeitos e prontos para partir. O júbilo do meu coração era demasiado intenso para que o pudesse sustentar. Ansiava por dizer pelo menos uma palavra à guisa de triunfo e para tornar duplamente evidente a sua convicção da minha inocência.

- Senhores - disse por fim, quando iam a subir os degraus. - Estou satisfeito por ter dissipado as vossas suspeitas. Desejo muita saúde para todos, e um pouco mais de cortesia. A propósito, esta casa está muito bem construída (e no meu furioso desejo de dizer qualquer coisa com à-vontade, mal sabia o que estava a dizer). Direi, até, que é uma casa excelentemente construída. Estas paredes... vão-se já embora, meus senhores?... Estas paredes estão solidamente ligadas. - E neste momento, por uma frenética fanfarronice, bati com força, com uma bengala que tinha na mão, na parede atrás da qual se encontrava o cadáver da minha querida esposa.

Ah!, que Deus me livre das garras do arquidemónio! Mal tinha o eco das minhas pancadas mergulhado no silêncio, quando uma voz lhes respondeu de dentro do túmulo: um gemido, a princípio abafado e entrecortado como o choro de uma criança, que depois se transformou num prolongado grito sonoro e contínuo, extremamente anormal e inumano. Um bramido, um uivo, misto de horror e de triunfo, tal como só do inferno poderia vir, provindo das gargantas conjuntas dos condenados na sua agonia e dos demónios no gozo da condenação.

Seria insensato falar dos meus pensamentos. Senti-me desfalecer e encostei-me à parede da frente. Tolhidos pelo terror e pela surpresa, os agentes que subiam a escada detiveram-se por instantes. Logo a seguir, doze braços vigorosos atacavam a parede. Esta caiu de um só golpe. O cadáver, já bastante decomposto e coberto de pastas de sangue, apareceu ereto frente aos circunstantes. Sobre a cabeça, com as vermelhas fauces dilatadas e o olho solitário chispando, estava o odioso gato cuja

astúcia me compelira ao crime e cuja voz delatora me entregava ao carrasco. Eu tinha emparedado o monstro no túmulo!

12- Adaptação em vídeo do conto “*O gato preto*”